

**3º Seminário
de Extensão**
da Universidade Fumec
04 a 06 de abril de 2006



Caderno de Artigos 2005

**3º Seminário
de Extensão**
da Universidade Fumec
04 a 06 de abril de 2006

Caderno de Artigos

Ficha Técnica – Caderno de Artigos – 3º Seminário de Extensão da Universidade FUMEC

Organização e avaliação dos textos

CoExt/FUMEC: Prof.^a Renata de Souza Guerra, Prof. Eduardo Chahud, Prof. Emerson Tardieu A. Pereira Jr., Prof. Emiliano Vital de Souza, Prof.^a Sandra M. das Graças Maruch Tonelli

Apoio Técnico: Lucas Beraldo Soares e Cristiane Patrícia de Paula Santos

Seminário de Extensão da Universidade FUMEC.

(3:2006: Belo Horizonte. M. G.)

III Seminário de Extensão da Universidade FUMEC, 04-06 de abril .
Belo Horizonte, FUMEC, 2006.

112p (Caderno de Artigos)

ISBN 85-99359-02-9

1 – Extensão Universitária – Seminário. I.Título. II. FUMEC. III. Série.

CDU:37.715.0

Ficha catalográfica elaborada por Silvana de Almeida - CRB 1018-6

CONSELHO DE CURADORES

Av. Afonso Pena, 4171
Bairro Mangabeiras
CEP.: 30130-009
Belo Horizonte/MG
Tel. (31) 3227-5100
Fax.: (31) 3227-4600
Site: www.fumec.br
E-mail: fundacao@face.fumec.br

CONSELHEIROS EFETIVOS
Presidente da Fundação
Prof. Pedro Arthur Victor
Prof. Emerson Tardieu de Aguiar Pereira Júnior - Vice-Presidente da Fundação
Prof. Marco Túlio de Freitas
Prof. Oswaldo Teixeira Baião Filho
Prof. Ricardo José Barbosa Bahia
Prof. Ricardo José Vaz Tolentino

UNIVERSIDADE FUMEC

Av. Afonso Pena, 3880/4º andar
Bairro Cruzeiro
CEP: 30.130-009
Belo Horizonte/MG
Tel. (31) 3269-5200
Fax.: (31) 3269-5206
E-mail: reitoria@fumec.br

REITORA
Prof.^a Romilda Rachel Soares Silva

VICE-REITORA
Prof.^a Maria Carmen Gomes Lopes

PRÓ-REITORA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Prof.^a Divina S. Lara Vivas

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Prof. Roberto Uchôa Costa

SETOR ADMINISTRATIVO
Júlio Cezar Batista (coord.)

SETOR DE EXTENSÃO
Prof.^a Renata de Souza Guerra (coord.)

SETOR DE EDUCAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIA INTERATIVA (i.neti)
Prof. Paulo Henrique Vieira Magalhães (coord.)

SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Prof. Eduardo Martins de Lima (coord.)

SETOR DE REGISTRO E INFORMAÇÕES ACADÊMICAS
Ana Flávia Soares Silva (coord.)

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO
Prof.^a Maria Helena de Oliveira Guimarães (coord.)

COMISSÃO DE EXTENSÃO (CoExt 2005/2006)
Prof.^a Renata de Souza Guerra (coord.)
Prof. Eduardo Chahud
Prof. Emerson Tardieu A. Pereira Jr.
Prof. Emiliano Vital de Souza
Prof. Sandra Maria das Graças Maruch Tonelli

FACULDADES DA UNIVERSIDADE FUMEC

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS DE BELO HORIZONTE (FACE)
Diretor Geral - Prof. Antônio Eugênio de Salles Coelho
Diretora de Ensino - Prof.^a Maria da Conceição Rocha
Diretor Administrativo-financeiro - Prof. Dimas de Melo Braz

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS (FCH)
Diretor Geral - Prof. Amâncio Fernandes Caixeta
Diretora de Ensino - Prof.^a Audineta Alves de Carvalho de Castro
Diretor Administrativo-financeiro - Prof. Benjamin Alves Rabello Filho

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (FCS)
Diretor Geral - Prof. Paulo Roberto Henrique
Diretor de Ensino - Prof. Amâncio Fernandes Caixeta
Diretor Administrativo-financeiro - Prof. Antônio Eugênio de Salles Coelho

FACULDADE DE ENGENHARIA E ARQUITETURA (FEA)
Diretor Geral - Prof. Paulo Roberto Henrique
Diretor de Ensino - Prof. Luiz de Lacerda Júnior
Diretor Administrativo-financeiro - Prof. Márcio Dario da Silva

SUMÁRIO

Apresentação	6
Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão	8
A competição com GPS	18
A questão das Ciências Sociais, da interdisciplinaridade e da arte no estudo em saúde: desafios e dilemas	20
A Universidade no desafio do combate à fome: uma parceria da FCS/FUMEC e o Banco de Alimentos da Prefeitura de Belo Horizonte	23
Atenção às crianças e adolescentes da Vila Acaba Mundo vinculadas à Associação Querubins e Grupo Corpo Cidadão	36
Catálogo Sala Especial – 6ª Bienal de Arquitetura e Design de São Paulo 2005	37
Dificuldades de aprendizagem: Contribuições da Psicologia e Pedagogia	43
Educação de qualidade: Contribuições da formação de valores para as crianças de 02 a 06 anos de idade em uma creche no bairro Cruzeiro	48
Exposição sobre o resultado da pesquisa: A importância das esculturas para a população belorizontina – um resgate da cidadania a partir das obras de arte	52
Extranet aplicada ao atendimento hospitalar domiciliar - Simulação de um Home Care Pediátrico	53
FUMEC / CEPEP : Projetos & Cidadania II	63
FUMEC no Parque	66
I Seminário Virtual de Práticas Pedagógicas de Ciências, Geografia e História mediadas por tecnologias interativas	67
Inclusão Digital para Adolescentes em Risco Social	71
Intervenção a tempo – Detecção de sofrimento psíquico em bebês e crianças pequenas	73
Melhor idade em ação	76
“Meninos no Parque” e a Belo Horizonte que (não) se vê: Turismo e lazer na construção da cidadania	81
Metodologia de treinamento em simuladores de voo: uma nova perspectiva	85
“O Sal da Terra” – Projeto de educação ambiental	91
Perfis de Mulher, um documentário sobre a violência doméstica em Belo Horizonte	94
Plano de Gerenciamento dos Resíduos Sólidos FEA-FUMEC	97
Projeto de uma residência unifamiliar focado na sustentabilidade do meio ambiente	104
Sempre Savassi: o artesanato urbano nas fronteiras da arte e do design	106
Universidade a Serviço da Comunidade	110



APRESENTAÇÃO

Com merecida sensação de êxito, estamos abrindo o Caderno do 3.º Seminário de Extensão da Universidade FUMEC.

Produzido por professores e alunos, e sustentado com recursos basicamente da própria FUMEC, o conteúdo deste Caderno, graficamente simbólico, representa mais uma estação, no tempo e no espaço. Em comparação com o desejável, sobretudo num país em desenvolvimento, nossa produção, convenhamos, ainda é modesta. Com efeito, a meta a ser alcançada é distante, quase uma miragem: viver em sintonia com a sociedade, ora em espaçosas avenidas de mão dupla ora por caminhos nunca dantes desbravados. Tudo isso faz parte da missão denominada, unilateralmente, extensão universitária, quando, na verdade, a extensão que vem de fora, extensão comunitária, exógena, carreando necessidades, reivindicações e significativas contribuições vale tanto quanto o que a Universidade pode e deve oferecer. Ou mais. À semelhança da palavra “elevador”, que sobe e desce, a extensão não apenas estende, ela vai e vem, abraça e é abraçada. Envolve e meritória, a extensão tem caráter político-social. Diversificada, pois, é a temática dos artigos como diversificada é a riqueza de possibilidades das atividades de extensão, incluindo canto coral, campeonatos desportivos e feiras temáticas, intervenção em comunidades carentes e prestação de serviços comunitários, Projeto Rondon, integração com a comunidade. A Universidade FUMEC já opera sistematicamente em quatro frentes: atividades esportivas; ação comunitária; apoio à cultura; atividades acadêmico-profissionais.

Propiciar aos alunos e professores contato com realidades multifacetadas e estimular ações para o atendimento de demandas sociais; contribuir para a transformação da sociedade pela formação de profissionais responsáveis e comprometidos com o social, com a justiça e a ética. A Universidade FUMEC vem se dedicando, com determinação e denodo, a essa vertente de sua tríplice missão, que, ao mesmo tempo, revitaliza a pesquisa e potencializa o ensino.

Pela síntese dos resultados constante deste Caderno, verifica-se que os projetos de Extensão cobrem diversas áreas dos cursos de graduação oferecidos pela Instituição e que as atividades extensionistas estimulam a prática interdisciplinar pelo intercâmbio de conhecimentos. Com isso, desenvolve-se o fluxo de informação entre os diversos cursos. A Universidade se fortalece e, em sinergia, sintoniza esforços e colhe mais resultados. Que resultados? Veja nesta edição, neste caderno periódico, que é registro, prestação de contas e, ao mesmo tempo, posição estimada, resgate de bússola, norte, guia, mãos dadas, compromisso social, projeto pedagógico consolidado.

Professora Romilda Rachel Soares da Silva
Reitora da Universidade FUMEC



Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão

As atividades de extensão desenvolvidas ao longo do ano de 2005 estiveram voltadas para tornar o conhecimento de domínio da Universidade acessível à sociedade e desenvolver a prática acadêmica com vistas a articular o ensino e a pesquisa viabilizando a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade. As atividades abrangeram diversos segmentos e áreas dos cursos de graduação as atividades de extensão, além de apresentarem um caráter amplo e diversificado que incluem ações que vão desde o canto coral, campeonatos desportivos e feiras temáticas, até intervenções diversas em comunidades carentes e a prestação de serviços comunitários. Estas atividades também estimularam a prática interdisciplinar, o intercâmbio de conhecimentos e a ação social.

A partir da unificação das diversas faculdades em 2000, as ações extensionistas passam a ser desenvolvidas através da Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão. Em 2002 as ações através do Setor de Extensão, passam a ser consolidadas por meio do Edital ProEx, apresentando um crescimento expressivo.

**Evolução dos projetos apresentados - ProEx
2002/2005**

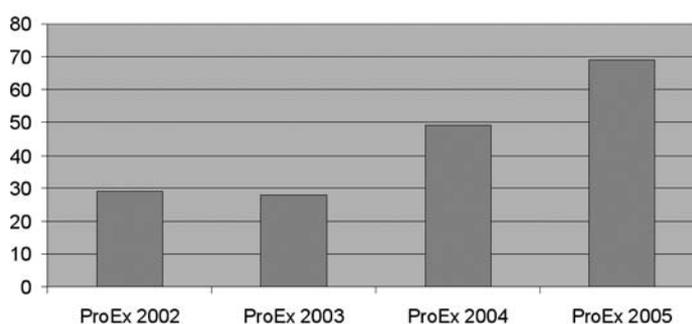


Gráfico 1 – Projetos de extensão apresentados no período de 2002 a 2005 no ProEx.

O Setor de Extensão atua preferencialmente apoiando duas grandes áreas. A primeira refere-se a projetos institucionais e a segunda a projetos propostos e qualificados através do ProEx que tem por objetivo selecionar propostas de atividades extensionistas, classificando-as dentro das respectivas faculdades, em ordem de prioridade. As propostas são selecionadas através de edital lançado anualmente. Os projetos institucionais são: Desportivo Sociocultural, Coral Canta Minas e Festival de Corais. As atividades extensionistas são aquelas selecionadas pelo ProEx e relacionam-se com as seguintes áreas temáticas e suas respectivas linhas programáticas:

ÁREAS TEMÁTICAS	LINHAS PROGRAMÁTICAS
Comunicação	<ul style="list-style-type: none">• Comunicação Escrita e Eletrônica;• Mídia Comunitária.
Cultura	<ul style="list-style-type: none">• Cultura e Memória Social;• Cultura e Patrimônio;• Patrimônio e Preservação;• Produção Cultural e Artística.
Direitos Humanos	<ul style="list-style-type: none">• Assistência Jurídica;• Cidadania.

ÁREAS TEMÁTICAS	LINHAS PROGRAMÁTICAS
Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Cidadania • Inclusão Social • Educação de jovens e adultos; • Educação Infantil; • Educação básica.
Meio Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> • Preservação e sustentabilidade do meio ambiente; • Educação Ambiental.
Tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho e Inclusão Social; • Empresas Juniores; • Capacitação e Qualificação de Recursos Humanos; • Inovação Tecnológica.
Saúde	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção integral à 3ª Idade; • Atenção integral à crianças, adolescentes e jovens; • Esporte e lazer; • Promoção da saúde e qualidade de vida

Tabela 01 – Programas, Áreas Temáticas e Linhas Programáticas.

A edição do ProEx em seu quinto ano consecutivo tem alcançado seus objetivos. Fato é o crescente número de projetos apresentados e de professores e alunos envolvidos como também de recursos alocados para o desenvolvimento dos projetos aprovados. O edital ProEx 02/2005, lançado em finais do ano de 2004, apresentou um número expressivo de projetos encaminhados. Foram 69 projetos apresentados. Destes 34 foram selecionados e aprovados conforme os critérios definidos no edital. No desenvolvimento dos projetos selecionados foram envolvidos 64 professores, 04 técnicos e prestadores de serviço, 132 alunos (bolsistas) e 66 (voluntários).

A seguir são apresentados de forma gráfica alguns resultados relacionados ao Edital Proex 02/2005 que indicam a evolução crescente das atividades extensionistas.

N.º de projetos por área - ProEx 2005

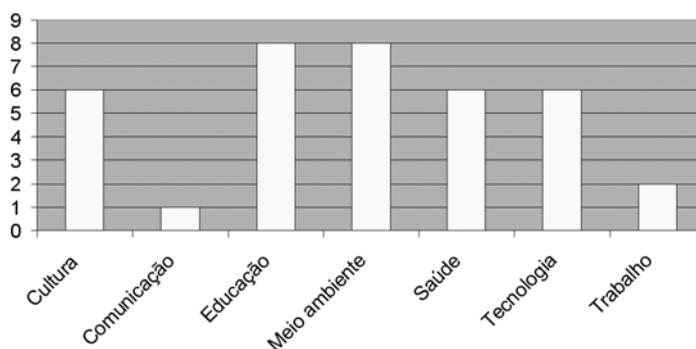


Gráfico 2 - Número de projetos apresentados por área temática

Recursos investidos por área - ProEx 2005

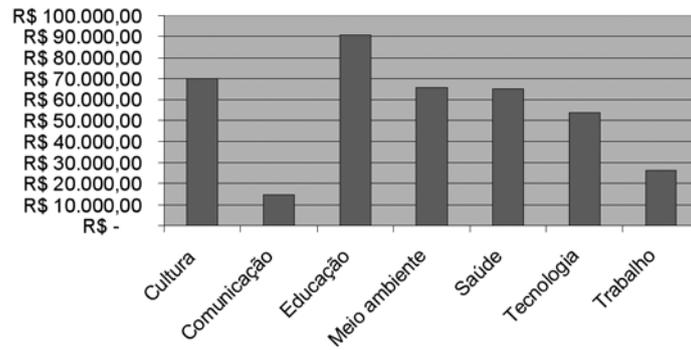


Gráfico 3 – Recursos investidos por área temática

N.º professores envolvidos por área

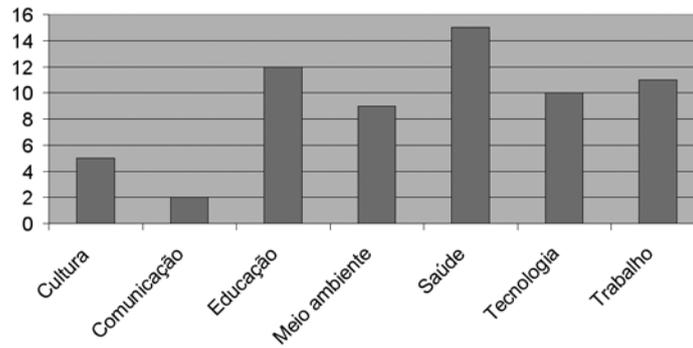


Gráfico 4 - Número de professores envolvidos por área temática

N.º de alunos envolvidos por área

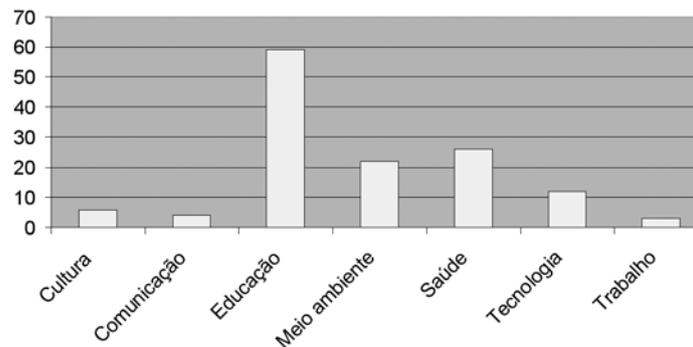


Gráfico 5 – Número de alunos envolvidos por área temática

**N.º de alunos envolvidos - Bolsistas e Voluntários
- ProEx 2005**

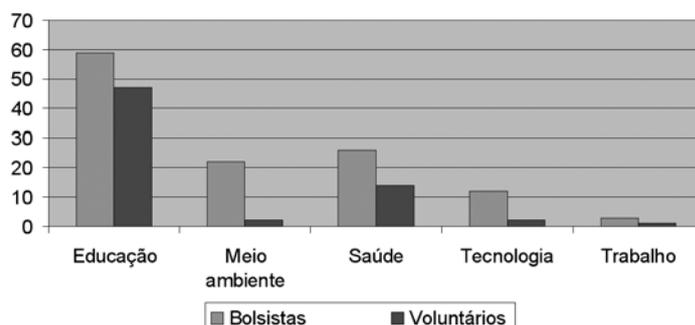


Gráfico 6 – Número de alunos envolvidos - bolsistas e voluntários

**Evolução dos projetos apresentados - ProEx
2002/2005**

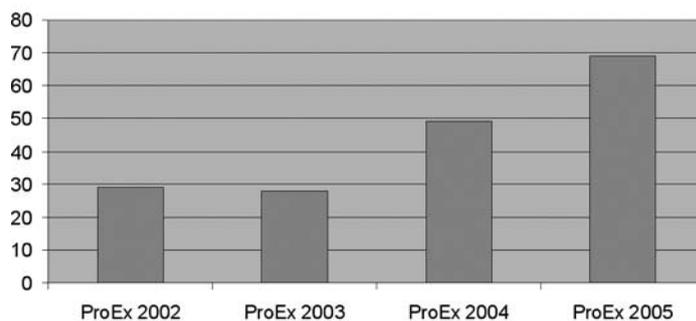


Gráfico 7 - Evolução do ProEx ao longo dos anos de 2002 a 2005.

Este caderno traz a contribuição dos professores que desenvolveram projetos extensionistas no ano de 2005 e que, a partir dos resultados alcançados, compartilham sua reflexão com os demais professores e alunos. Além de reforçar a riqueza de possibilidades das atividades de extensão, a experiência destes professores e alunos demonstra que a formação profissional não se restringe ao aspecto técnico, mas que complementa-se através do exercício da cidadania e do papel de agente transformador da sociedade.

EVOLUÇÃO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO

PROEX 2002

QUADRO 1 - PROJETOS APRESENTADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	Interinstitucional	Total
	07	11	18	03	29
Total	07	11	18	03	29

PROEX 2002

QUADRO 2 - PROJETOS APROVADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	Interinstitucional	Total
	01	01	04	03	09
Total	01	01	04	03	09

PROEX 2003

QUADRO 3 - PROJETOS APRESENTADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	Interinstitucional	Total
	08	09	08	03	28
Total	08	09	08	03	28

PROEX 2003

QUADRO 4 - PROJETOS APROVADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	Interinstitucional	Total
	07	05	07	03	22
Total	07	05	07	03	22

PROEX 2004**QUADRO 5 - PROJETOS APRESENTADOS POR FACULDADE**

Faculdade	FACE	FCH	FEA	Interinstitucional	Total
	10	08	28	03	49
Total	10	08	28	03	49

PROEX 2004**QUADRO 6 - PROJETOS APROVADOS POR FACULDADE**

Faculdade	FACE	FCH	FEA	Interinstitucional	Total
	09	08	14	03	34
Total	09	08	14	03	34

PROEX 2005**QUADRO 7 - PROJETOS APRESENTADOS POR FACULDADE**

Faculdade	FACE	FCH	FCS	FEA	Interdisciplinar	Interinstitucional	Total
	20	15	07	32	01	03	77
Total	20	15	07	32	01	03	77

PROEX 2005**QUADRO 8 - PROJETOS APROVADOS POR FACULDADE**

Faculdade	FACE	FCH	FCS	FEA	Interdisciplinar	Interinstitucional	Total
	07	09	05	11	01	03	36
Total	07	09	05	11	01	03	36

PROJETOS DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FUMEC - 2005

1 – Projetos Institucionais

Coral da FUMEC

Coordenação: Maestro Lindomar Gomes

Coral Pedro Aleixo

Coordenação: Maestro Lindomar Gomes

Desportivo Sócio Cultural

Coordenação: Prof^a. Licène França

Festival de Corais de BH

Coordenação: Maestro Lindomar Gomes

2 – Projetos desenvolvidos nas Unidades

Extranet aplicada ao atendimento hospitalar domiciliar – simulação de um Home Care Pediátrica (FACE/FCS)

Coordenação: Paulo Henrique Vieira Magalhães e Eduardo Carlos Tavares

Curso: Ciência da Computação e Enfermagem

Inclusão digital para adolescentes em risco social

Coordenação: Renata S. S. Tolentino

Curso: Ciência da Computação

Curso básico de GPS – Navegação via satélite

Coordenação: Ricardo José Vaz Tolentino

Curso: Ciência da Computação

“Menino no Parque” e a Belo Horizonte que (não) se vê: Turismo e lazer na construção da cidadania

Coordenação: Vânia de Fátima Noronha Alves

Curso: Turismo

Programa de atividades do CEPETURH

Coordenação: Elaine Porto Guimarães

Curso: Turismo

Fumec no Parque

Coordenação: Giselle Delboni Penna

Curso: Turismo

Exposição: A importância das esculturas para a população belorizontina – um resgate da cidadania para a população a partir das obras de arte
Coordenação: Rita Lages Rodrigues
Curso: Turismo

O Turismo na Terceira Idade na cidade de Belo Horizonte
Coordenação: Elaine Porto Guimarães
Curso: Turismo

Projeto de intervenção a tempo – detecção de sofrimento psíquico em crianças pequenas
Coordenação: Tânia Aparecida Ferreira
Curso: Psicologia

Educação de Qualidade: Contribuições da formação de valores para as crianças
Coordenação: Custódio Cruz e Thais Estevanato
Curso: Pedagogia e Psicologia

Jornal “O Loucutor”
Coordenação: Carlos Alexandre Freire e João Batista de Mendonça Filho
Curso: Comunicação Social e Psicologia

Perfis de mulher – Um documentário sobre violência doméstica em Belo Horizonte
Coordenação: Maria de Fátima Augusto
Curso: Comunicação Social

Projeto de atenção às crianças e adolescentes da vila Acaba Mundo vinculado à Associação Querubins e ONG Corpo Cidadão
Coordenação: Ana Heloísa Senra
Curso: Psicologia

Curso de alfabetização e letramento para adultos
Coordenação: Cleonice de Alencar Bahia e Maria da Penha Esteves
Curso: Pedagogia e Psicologia

Virtualidade e realidades nas práticas Pedagógicas de Ciências, Geografia e História mediada por tecnologias interativas
Coordenação: Valéria de Oliveira Roque Ascenção
Curso: Pedagogia

Universidade a Segurança a serviço da comunidade
Coordenação: Carmen Cristina Rodrigues Schffer
Curso: Psicologia

Dificuldades de aprendizagem: contribuições da Psicologia/ Pedagogia
Coordenação: Valéria Barbosa Resende e Carmen Cristina Rodrigues Schffer
Curso: Pedagogia e Psicologia

I Seminário de Ciências Sociais e saúde da Universidade Fumec: Desafios e dilemas da interdisciplinaridade

Coordenação: Márcia dos Santos Pereira

Curso: Enfermagem

A Universidade no desafio do combate à fome: uma parceria FCS/Fumec e o Banco de Alimentos

Coordenação: Luciana Assis Costa

Curso: Enfermagem, Fisioterapia, Educação Física e Biomedicina

Melhor idade em ação

Coordenação: Sandra Maria das Graças M.Tonelli

Curso: Enfermagem, Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional

Qualificação em educação física para profissionais que trabalham com pessoas portadoras de deficiência

Coordenação: Cláudia Ferreira Mazzoni

Curso: Fisioterapia

II Competição de navegação utilizando o sistema de posicionamento global via satélite

Coordenação: Maurício Teixeira dos Santos

Curso: Educação Física

Projeto de uma residência unifamiliar focado na sustentabilidade do meio ambiente

Coordenação: Cristina Luiz B. S. C. A. Silva

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Publicações catálogo Sala Especial – 6ª Bienal de Arquitetura e Design de São Paulo 2005

Coordenação: Joel Campolina

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Arquitetura da família – Educação ambiental a partir de coleta de dados de edificações no bairro Nova Vista

Coordenação: Cláudia Teresa Pereira Pires

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Metodologia de treinamento em simulador de vôo: uma nova perspectiva

Coordenação: Renata Bastos Ferreira

Curso: Ciências Aeronáuticas

Sempre Savassi: Design e Cultura/Moda

Coordenação: Cássia Macieira

Curso: Design de Moda

Sempre Savassi: Design e Cultura/Gráfico

Coordenação: Juliana Pontes Ribeiro

Curso: Design Gráfico



Sempre Savassi: Design e Cultura/Interiores

Coordenação: Natacha Silva Araújo

Curso: Design de Interiores

O sal da Terra

Coordenação: Paula Regina Balabram

Curso: Engenharia Ambiental

Gerenciamento dos resíduos do campus Fumec e seu entorno

Coordenação: Fabiana Alves Fiore

Curso: Engenharia Ambiental

Programa de Qualificação de Mão-de-obra

Coordenação: Enid Brandão C. Drumond

Curso: Engenharia Civil

FUMEC/CEPEP: Projetos & Cidadania

Coordenação: Antônio Carlos Viana Silva

Curso: Engenharia Civil

A COMPETIÇÃO COM GPS

EQUIPE

Prof. Maurício Teixeira dos Santos, coordenador do curso de Educação Física da Universidade FUMEC.

Prof. Ricardo José Tolentino, coordenador do curso de Ciência da Computação da Universidade FUMEC

Orientação é a habilidade de encontrar um caminho rápido e seguro de um lugar a outro, sempre em local desconhecido para a praticante. É, ainda, a capacidade de determinar com precisão onde você está para onde se quer ir e qual o melhor caminho.

A habilidade de se orientar não é, certamente, uma coisa nova. Ela sempre foi de grande uso por toda a humanidade. Cristóvão Colombo, que intencionava ir da Europa para as Índias, perdeu seu objetivo (posto de controle) e descobriu a América.

Este esporte, no entanto, passou a ter maior significação quando um corredor de longas distâncias, que era também um matemático, disse certa vez que, antes de começar uma prova de maratona, ele se propunha a resolver um problema de matemática que necessitava, normalmente, umas três horas de trabalho mental para a resolução. Assim, ele fazia os 42 km da maratona uma atividade completa, ocupando tanto a mente como o corpo.

Esta necessidade de ocupar a mente, enquanto se desenvolve uma atividade física, talvez tenha sido a responsável pela grande aceitação de Orientação, desporto que alia à atividade física uma atividade.

Como muitos outros desportos modernos, que se difundiram mundialmente durante os últimos trinta anos, a Orientação foi aplicada para solucionar um problema. Ela foi iniciada para encorajar os jovens a utilizar a natureza como meio para o desenvolvimento físico e mental. Foi o Major Killlander, um jovem sueco e líder escoteiro que, em 1918, observando uma queda no número de participantes em corridas rústicas e cross-country, decidiu usar a própria natureza para motivar a participação nessas competições de Orientação. Esses eventos pioneiros constituíram-se num sucesso absoluto o que o incentivou a continuar.

Elementos utilizados na orientação: a carta topográfica, a carta de orientação, a bússola e, recentemente, o GPS.

A CARTA TOPOGRÁFICA

Tendo em vista que é possível praticar a Orientação com a carta topográfica militar de uma determinada área, em consequência da inexistência da carta de orientação, há necessidade do organizador do percurso e do competidor terem conhecimentos suficientes sobre escala, declinação magnética, azimutes, convenções cartográficas e determinadas noções de relevo. Normalmente, estas cartas apresentam período de atualização superior às cartas de Orientação, não representando, portanto, a imagem atual do terreno; possuem poucos detalhes que possibilitem a montagem de percurso.

As primeiras competições eram muito fáceis e os postos de controle colocados em acidentes do terreno bastantes característicos devido, primordialmente, à má qualidade das cartas da época.

A CARTA DE ORIENTAÇÃO

A carta de Orientação é uma carta topográfica detalhada, contendo o esclarecimento necessário para Orientação.

A Orientação é a localização no menor tempo possível de um número de pontos dados, usando rotas escolhidas livremente. Este tipo de carta oferece condições, tanto quanto possível, iguais para todos os competidores. Ela é completa, bem detalhada, clara e fácil de ler, mesmo à noite;

A BÚSSOLA

É um instrumento destinado a medida de ângulos horizontais, orientações no terreno e da carta.

Suas medidas são determinadas por uma agulha magnetizada que indica, por princípio da física terrestre, uma direção chamada norte magnético.

A bússola é um material importante na Orientação e seu perfeito conhecimento é condição básica. Apesar de haver vários tipos de bússolas para Orientação (dependendo da fábrica que as produzem), não há diferenças marcantes entre elas, já que todas seguem o mesmo princípio.

O GPS

GPS é um sistema de rádionavegação baseado no uso de satélites na órbita da Terra, receptores móveis e estações fixas de monitoramento, desenvolvido e operado pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América do Norte. Este aparelho permite, ainda, em qualquer parte do planeta, aos usuários que estejam no ar, terra ou mar, determinar (para orientação da navegação) sua posição tridimensional (latitude, longitude e altitude), velocidade de deslocamento, distância percorrida e tempo, 24 horas por dia, em qualquer condição climática sem nenhuma taxa. O nome GPS originou-se da simplificação da sigla do projeto militar Norte Americano Navstar GPS (Navigation Satellite Timing and Ranging – Global Positioning System).

Os satélites GPS transmitem continuamente sinais de rádio (que viajam à velocidade da luz) que levam somente 6 centésimos de segundo para atingir o receptor GPS no solo. Existem 24 satélites não geostáticos, ou seja, que se movimentam girando ao redor da Terra, em 6 órbitas diferentes, com 4 satélites por órbita, perfazendo a órbita a cada 12 horas, ou seja, 2 vezes ao dia.

A COMPETIÇÃO DE GPS

Atualmente, as atividades físicas organizadas com finalidade de lazer, de esporte e a promoção da saúde, vêm recebendo cada vez mais atenção por parte da sociedade moderna.

Este tipo de competição envolve desafios, capacita o praticante para a superação de obstáculos e o enfrentamento de dificuldades. Desenvolveu a coordenação de vontade, saber, destreza, estratégia, poder de decisão, habilidade tática e técnica na utilização do GPS. Além disso, promove o exercício de regras coletivas, fazendo o aluno ser co-responsável pelo desempenho da sua equipe.

Esta modalidade de esporte na UNIVERSIDADE FUMEC objetivou:

- Desenvolver habilidades para trabalhar em grupo, estreitar os laços de companheirismo e de equipe no âmbito dos cursos buscando maior integração dentro da Universidade.
- Incentivar atividades competitivas ao ar livre possibilitando maior aproximação com a natureza, relacionando o conhecimento teórico e prático.
- Proporcionar ao aluno o contato com novas tecnologias e suas possibilidades no uso diário e profissional.

E, ainda, expandir os limites do aluno, na busca do conhecimento sobre o Estado. Bem como, contribuir para a formação de um profissional capaz de educar-se através da atividade física, in-

corporando-a de forma segura aos hábitos saudáveis da vida.

A competição envolveu cerca de 20 cursos de graduação da Universidade, apresentando três fases distintas para organização do evento: Reconhecimento da região de competição, preparação dos alunos participantes para utilizar o GPS e da competição propriamente dita.

A participação dos alunos foi bastante participativa e entusiasmada, antes e durante as competições, surpreendendo a organização.

O projeto – II Competição de navegação utilizando o sistema de posicionamento global via satélite (GPS) – integra um programa mais amplo que objetiva estimular atividades pertinentes às peculiaridades regionais, às identidades culturais e a educação ambiental que os cursos da Ciência da Computação, Educação Física e Turismo já desenvolvem juntos. Indo ao encontro das tendências socioculturais deste milênio, onde a sociedade está priorizando cada vez mais a qualidade de vida, e o bem estar do ser – humano nas suas relações com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Caderno de orientação, Escola de Educação Física Exército.

TOLENTINO, Ricardo V. GPS (Global Positioning System), Revista Pretexto, Vol. IV, Nº1, p. 81,82,83, JUL 2003.

A QUESTÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS, DA INTERDISCIPLINARIDADE E DA ARTE NO ESTUDO EM SAÚDE: DESAFIOS E DILEMAS

EQUIPE

Márcia dos Santos Pereira, Enfermeira, coordenadora do curso de Enfermagem da FCS/FUMEC, Mestre em Enfermagem, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Da Saúde: Infectologia e Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da UFMG, professora de Ciências Sociais e Processo de Trabalho em Saúde e Bioética e Ética Profissional na FCS/FUMEC e coordenadora deste projeto.

Claúdia Mazzoni, Fisioterapeuta, Doutora em Fisioterapia, coordenadora do curso de Fisioterapia da FCS/FUMEC.

Luciana Assis Costa, Terapeuta Ocupacional, Mestre em Ciências Sociais, professora de antropologia e ciências sociais e processo de trabalho em saúde dos cursos da FCS/FUMEC.

Letícia Lacerda, Médica, Mestranda em Pediatria, Coordenadora de Estágios e do curso de Enfermagem da FCS/FUMEC.

Renata de Sousa Silva Tolentino, Analista de sistemas, Especialista em rede de computadores e telecomunicações e metodologia do ensino superior, Mestranda em Administração e professora de informática em cursos da FUMEC.

Raquel Salomão Utsch de Carvalho, Jornalista, Assessora de Comunicação da FCS/FUMEC.

Renata Martins, Relações Públicas da FCS/FUMEC.

OBJETIVOS

- Refletir sobre o conhecimento interdisciplinar e suas relações com as ciências sociais e a arte na saúde;
- Intensificar o diálogo entre os diversos campos de saberes no estudo da saúde;
- Estimular discussões sobre pesquisas em ciências sociais no campo da saúde.

RESUMO

A preocupação com o cientificismo provocou um distanciamento das profissões da área de saúde em relação aos aspectos relacionados ao sentimento humano e, por que não dizer da arte, o que trouxe a sensação de insuficiência a profissionais e pacientes. Sabemos que para cuidar das pessoas estes profissionais, em especial os enfermeiros, além de uma competência técnica e científica, encontram na sensibilidade, na estética, na criatividade e na emoção o grande prazer de seu fazer assistencial. Assim, diante da impossibilidade da perfeição científica fragmentada em disciplinas, no individualismo e na disputa por poder, defendemos a interdisciplinaridade e o compartilhamento entre os saberes.

A interdisciplinaridade, ou a integração entre as várias disciplinas, contribui para que alunos e professores vejam os usuários dos serviços de saúde como pessoas que devem ser aceitas em suas diferentes formas de expressão sobre si mesmo, as coisas e o mundo. Como resultado, pode-se legitimar um movimento intenso e privilegiado de construção coletiva de novos saberes e fazeres, em que modelos assistenciais e de ensino aproximam-se e misturam-se cada vez mais revelando, entre outras coisas, que o cuidado não é destinado apenas ao corpo biológico, físico, mas que o processo de cuidar do ser humano envolve questões sociais, éticas, morais e políticas.

Neste sentido, as ciências sociais, bem como as artes, ajudam a área da saúde a compreender a complexidade e a fragilidade do ser humano, pessoa e cidadão que deve ser respeitado na sua forma de perceber o seu estado de saúde ou doença, vida ou morte.

“O que estamos querendo dizer é que a ciência, por mais que elabore um discurso racional e objetivo, jamais poderá estar inteiramente desvinculada de suas origens religiosas, místicas, alquimistas ou subjetivas”.(Japiassu, 2001).

Assim, numa tentativa de ampliar os horizontes pedagógicos, a coordenação do 1o Seminário de Ciências Sociais e Saúde da Universidade FUMEC realizado no período de 13 a 21 de maio de 2005, decidiu colocar a reflexão e a vivência da arte como meio de compreender os dilemas e desafios da interdisciplinaridade nas ciências sociais e saúde.

Desta forma, consideramos o seminário uma experiência capaz de demonstrar que a arte abre portas para uma radical compreensão da realidade e do ser humano. Sobre este aspecto, (Perissé, 2004) diz que toda obra de arte com a qual se possa relacionar, por ser uma realidade aberta, dinâmica, imprevisível, é uma via privilegiada de acesso a si mesmo, uma forma de iluminar a concepção do mundo, um convite instigante para se repensar a própria conduta, para se reavaliar a hierarquia de valores, a sociedade, sua história etc. É precisamente neste ponto que se

encontra uma forte relação entre as possibilidades educativas, o tema da interdisciplinaridade e da experiência estética.

Creemos que o encontro do pensamento científico interdisciplinar com a arte propicia uma formação integral humanística de professores, alunos, enfim, a toda a comunidade acadêmica. Mário Quintana dizia que “fugimos para a realidade” quando nos dedicamos, por exemplo, à leitura de uma poesia. É o vivenciamos neste seminário, ao ouvir e experimentar, entre outras expressões, a poesia de Adélia Prado. Como no poema “Com licença poética”, que abre o livro “Bagagem”: “Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos...”, acreditamos no encontro entre arte, ciências sociais e saúde como revelador de um novo modo de viver as relações pessoais e profissionais, um encontro possível, necessário e transformador na percepção de si mesmo e do outro, enfim, capaz de despertar a humanização no processo de assistência.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Coerente com o princípio de que a extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que deve caminhar articulado com o ensino e a pesquisa, dirigindo seus interesses para as questões sociais das comunidades regionais e locais, o 1º Seminário de Ciências Sociais e Saúde da Universidade Fumec, desde sua concepção, aprovação e implementação legiti- mou e fortaleceu o compromisso institucional da Faculdade de Ciências da Saúde com a estruturação e efetivação das atividades de extensão nesta universidade, promovendo:

- Participação efetiva de professores e alunos de todos os cursos da FCS: Biomedicina, Enfermagem, Educação Física, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, em todas as etapas do processo. As listas de presenças registraram a participação de 1.843 alunos, 25 palestrantes e conferencistas, 20 professores e aproximadamente 72 pessoas entre autoridades, convidados externos e funcionários, totalizando a presença de 1960 pessoas nos oito dias do evento, com uma média de 245 pessoas por dia nas oficinas de arte, palestras, conferências dialogadas, etc.
- Envolvimento das disciplinas: Antropologia, Ciências Sociais e Processo de Trabalho em Saúde, Epidemiologia, Políticas e Modelos de Atenção à Saúde, História da Enfermagem, Metodologia da Pesquisa, Anatomia, Citologia, Embriologia, Fundamentos de Enfermagem, Elementos de Informática, Bioestatística, Saúde Ambiental e Ecologia, Oficina de Textos.
- Realização integrada e simultânea da 1ª Semana de Enfermagem da Universidade FUMEC.
- Cooperação e envolvimento do Hospital da Baleia e Prefeitura

Municipal de Nova Lima em algumas atividades do planejamento, operacionalização e divulgação do evento.

Assim, o 1º Seminário de Ciências Sociais e Saúde da Universidade Fumec que integrou as Comemorações da 1ª Semana de Enfermagem da Universidade FUMEC:

- Intensificou o diálogo entre os campos de saberes das disciplinas dos núcleos de ciências biológicas, ciências sociais, humanas e ciências exatas;
- Estimulou discussões sobre a construção de projetos de pesquisas em ciências sociais no campo da saúde;
- Permitiu o conhecimento do pensamento recente de alguns pesquisadores sobre as relações entre as ciências sociais e saúde;
- Possibilitou reflexões sobre o conhecimento interdisciplinar e suas relações com as ciências sociais e a arte na saúde;
- Apontou tendências do ensino das ciências sociais na área da saúde.

Entre os debates interdisciplinares ocorridos e oficinas destacamos:

- ‘O olhar de Adélia Prado sobre a arte e saúde’
- ‘Interdisciplinaridade no ensino: conceitos e possibilidades’
- ‘Qualidade da voz: as relações entre a interdisciplinaridade e o processo de comunicação na equipe de saúde’
- ‘Qualidade de vida no trabalho: ergonomia e os aspectos posturais para os trabalhadores da área de saúde’
- ‘Terapia com Células Tronco’
- ‘Comunicação terapêutica’
- ‘A interdisciplinaridade e a ética na pesquisa’
- ‘A percepção individual e social do corpo e suas conseqüências’
- ‘Ações Afirmativas: um discurso sobre o racismo’
- ‘Visão Sistêmica do Cuidar: uma proposta transdisciplinar’
- ‘Contador de Histórias’
- ‘Uma Nova Doença de Chagas?’
- ‘Políticas e Modelos de Atenção a Saúde’
- ‘A Interdisciplinaridade na atenção a saúde do trabalhador’
- ‘Fertilização Assistida’
- ‘A atuação do profissional de enfermagem no saneamento ambiental’
- ‘Desafios da pesquisa quantitativa na enfermagem’
- ‘Reflexão teórico-prática sobre a vida e a morte’
- ‘Conhecendo o trabalho do grupo API - Apoio a perdas irreparáveis’
- ‘A atuação da equipe de saúde na Tetraplegia’
- ‘Oficina de dança’
- ‘Oficina de artes’
- ‘Oficina de massagem terapêutica’

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, dedicamo-nos a apresentar os objetivos do 1º Seminário de Ciências Sociais e Saúde da Universidade Fumec, justificar a pertinência da proposta e os resultados alcançados. Concluímos que é um desafio permanente para todos, em especial, gestores e docentes, conhecer profundamente e sintonizar os Projetos Políticos Pedagógicos de seus cursos com os fundamentos da interdisciplinaridade.

Em 1976, Hilton Japiassu, um dos primeiros pesquisadores brasileiros a escrever sobre o assunto, publicou o livro *Interdisciplinaridade e a patologia do saber*, apresentando alguns dilemas que envolvem a questão da interdisciplinaridade.

Outros autores, como Ivani Fazenda, desde 1979, também passam a pensar a interdisciplinaridade e enxergá-la como uma atitude, um novo olhar capaz de compreender, transformar o mundo e restituir a unidade perdida do saber; caracterizando os projetos interdisciplinares, como um movimento dialético de rever o velho para torná-lo novo ou tornar o novo, velho; como possibilidade de releitura crítica dos fatos ocorridos nas diferentes práticas, compartilhando falas, espaços e presenças.

Para estes autores, a sala de aula é o lugar onde a interdisciplinaridade habita e, nos trabalhos interdisciplinares, é fundamental rever quatro elementos: espaço, tempo, disciplina e avaliação, mantendo certos aspectos de rotina e transgredindo outros em direção a audácias maiores.

Entre os sustentáculos dos projetos interdisciplinares, o que mais prevalece é a do respeito ao modo de ser de cada um, ao caminho que cada um empreende em busca de sua autonomia, portanto, a interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas.

Enfatiza-se ainda que, pesquisas interdisciplinares possibilitam a construção coletiva de novos conhecimentos, possibilitam a superação da dicotomia entre ensino e pesquisa, transformando as salas de aula dos cursos de graduação em locais de pesquisa onde aprender a pesquisar, fazendo pesquisa, é próprio de uma educação interdisciplinar.

Conforme nos lembra (Santomé, 1998):

“É preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, mais flexível, solidária, democrática. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais freqüentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAZENDA, Ivani. *Conversando sobre interdisciplinaridade à distância*. São Paulo: PUC-SP/UNICID, mimeo, 2001.

_____. *Diversidade cultural no currículo de formação de professores: uma dimensão interdisciplinar*. São Paulo: PUC-SP/UNICID, mimeo, 2001.

_____. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 4. ed. Campinas: Papirus, 1999.

_____. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FURLANETTO, Ecleide C. *A sala de aula interdisciplinar vista como um vaso alquímico*. São Paulo: UNICID, mimeo, 2001.

_____. *Fronteira*. In: FAZENDA, Ivani. *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001.

GUSDORF, Georges. *Prefácio*. In: JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton. *Desistir do pensar? Nem pensar! Criando o sentido da vida num mundo funcional e instrumental*. São Paulo: Letras e Letras, 2001.

_____. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

PRADO, A. *O Coração Disparado*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1984.

PRADO, A. *Grande Desejo, Bagagem*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

PRADO, A. *Os Acontecimentos e os dizeres Poesia Reunida*. São Paulo, Siciliano, 1991.

PRADO, A. *Solte os cachorros*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979.

PERISSÉ, Gabriel. *Filosofia, Literatura e Ética: Uma Proposta Pedagógica*. Barueri, SP: Manole, 2004.

QUINTANA, Mário. *A vaca e o hipogrifo*. São Paulo, Globo, 1995.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

A UNIVERSIDADE NO DESAFIO DO COMBATE À FOME: UMA PARCERIA DA FCS/FUMEC E O BANCO DE ALIMENTOS DA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

EQUIPE

Luciana Assis Costa¹

Marisa Antonini Ribeiro Bastos²

Camila Caravelli Goulart³

Eduardo Tadeu Nascimento Souto⁴

Pedro Henrique Alves Barreiros⁵

1- INTRODUÇÃO

O problema da fome apresenta-se como um grande desafio a ser enfrentado, principalmente pelos países subdesenvolvidos. Segundo as metas do milênio, elaboradas em 2000, até o ano de 2015, a proporção das pessoas que sofrem de fome no mundo deverá ser reduzida pela metade.

Pobreza e fome são sinônimos da realidade social brasileira e foi esta situação que induziu o debate sobre segurança alimentar na agenda política nacional bem como em nível local, onde os governos experimentavam o desenho de políticas de abastecimento alimentar inspirados pelo conceito de segurança alimentar.

Com o crescimento das cidades e simultaneamente dos problemas sociais, derivados de várias crises econômicas e políticas dos últimos anos, distorções nas políticas de segurança alimentar transformaram alguns programas em instrumentos populistas, instituindo privilégios, monopólios e relações eleitoreiras injusti-

ficáveis. Neste caso transferia-se a agentes de mercado a regulação de ações voltadas ao combate à fome e desigualdades de acesso a bens sociais. Como resultante desta crise de modelos para a segurança alimentar nas áreas urbanas, surgem políticas desarticuladas entre si, desenvolvendo ações focalizadas e isoladas, dificultando a convergência e sinergia entre as políticas, gerando a duplicidade de esforços, desperdícios de recursos, e crise de institucionalidade. (BELIK, 2003).

Todavia, frente à ausência de uma proposta mais abrangente para o atendimento da população urbana, algumas intervenções pontuais procuram apontar alternativas em âmbito local, de um novo modelo de política de segurança alimentar.

Neste estudo, chamaremos atenção para o programa Banco de Alimentos definido enquanto uma política do Fome Zero, que tem como objetivo arrecadar alimentos, através de doações, distribuir para entidades carentes, viabilizando acesso ao alimento, educação alimentar e redução do desperdício nos centros urbanos.

Os Bancos de Alimentos surgiram nos Estados Unidos nos anos 60, difundindo-se posteriormente para diversos países europeus e latinos. A maioria das experiências de implantação de bancos de alimentos teve sua origem na iniciativa privada, aliada à sua característica de ação solidária. No Brasil, o primeiro Banco de Alimentos foi implantado em 1994, também por iniciativa da sociedade civil, coordenado pelo SESC- São Paulo, inspirado basicamente nos programas americanos que priorizavam parcerias com o setor de indústrias e distribuição de alimentos. Portanto, esta iniciativa não ficou restrita a sociedade civil, empresas e ONGs, sendo implantada também por governos estaduais e municipais. Justamente esta característica diferencia a iniciativa brasileira dos demais países, pelo fato do Governo ter um papel protagonista na estruturação e implementação do programa bancos de alimentos (BELIK, 2003).

Oficialmente, a participação do governo federal na implantação dos bancos de alimentos se consolidou somente em 2004, quando este programa passou existir no Orçamento Geral da União (OGU). Até o final de 2004 haviam sido implantados 12 BA no Brasil a partir do convênio com o MDS, sendo estabelecida meta de implantação de 184 BA estatais até o ano de 2007 (BRASIL, 2005 b).

Na avaliação do Programa “Banco de Alimentos” realizada pelo Tribunal de Contas da União (BRASIL, 2005 b) constatou-se que os maiores desafios apontados pelos programas são: a insegurança quanto à garantia da sustentabilidade dos bancos; au-

¹ Terapeuta Ocupacional. Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo-USP.

³ Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da FCS/FUMEC

⁴ Aluno do Curso de Graduação em Fisioterapia da FCS/FUMEC

⁵ Aluno do Curso de Graduação em Educação Física da FCS/FUMEC

sência de acompanhamento do governo federal no processo de implantação dos bancos; falta de padrão de funcionamento entre os bancos, ausência de integração entre programas públicos e privados; falta de proteção legal aos doadores dos bancos, sujeitos a penalidade em caso de danos à saúde do consumidor provocados pelo alimento doado; concentração de convênios para implantação de bancos de alimentos em municípios localizados nas regiões sul e sudeste do país; deficiência dos bancos no acompanhamento da manipulação de alimentos e do seu uso pelas entidades, falta de profissional capacitado nos bancos; falta de priorização de ações educativas e ausência de monitoramento e avaliação dos bancos de alimentos instalados.

São apontadas, também, a falta de critérios para distribuição dos alimentos; a carência de um modelo de gestão unificado que garanta transparência na administração da coleta e adoção, a competição entre os bancos de alimentos instalados numa mesma região pelos principais doadores de alimentos assim como a falta sistemas informatizados que viabilizem o monitoramento e avaliação do programa (BRASIL, 2005 b).

Em 2003, foi implantado o banco de alimentos da prefeitura de Belo Horizonte pela Secretaria Municipal de Abastecimento (SMAB), em parceria com o Serviço de Limpeza Urbana (SLU), o Ministério de Desenvolvimento Social (MDS) e a sociedade civil, constituindo-se em uma iniciativa de abastecimento e segurança alimentar que buscava articular unidades de comercialização, armazenamento, industrialização e processamento de alimentos. Essa iniciativa visava à redução do desperdício no combate à fome e melhoria do estado nutricional da população beneficiada. O Banco de Alimentos é responsável pela retirada dos produtos nas empresas doadoras (supermercados, sacolões, restaurantes, entre outros), transporte, seleção, embalagens e distribuição, observando as boas condições de manipulação dos alimentos e normas da vigilância sanitária.

Em estudo realizado em 2004, constatou-se que dentre os principais avanços identificados nos dois primeiros anos de funcionamento do BA da PBH destacam-se: (1) a parceria com a SLU, que possibilita processamento de alimentos perecíveis em maior volume e ainda reaproveitamento de restos de alimentos na produção do composto orgânico utilizado nas hortas comunitárias. Essa cadeia formada pelo aproveitamento dos alimentos, além de conter um caráter educativo, garante a qualidade nas mãos do receptor; (2) parceria com o MDS que incentiva as doações ao BA, ao conceder isenção fiscal, tanto no âmbito do estadual (através do ICMS) quanto federal (através do IPI); e (3) priorização de entidades que não recebem auxílio formal ou regular do poder público para inclusão no programa. (UFMG, 2004).

Em contrapartida, o programa enfrentava dificuldades como: (1) falta de transporte para distribuição das doações, que segundo o programa é da responsabilidade do receptor; (2) irregularidade

das doações, sobretudo dos itens não perecíveis, especialmente devido à dependência das doações voluntárias; (3) número reduzido de doadores para os itens perecíveis; (4) ausência de mecanismos de acompanhamento das entidades beneficiadas. (UFMG, 2004).

Uma outra proposta de BA na grande BH foi apresentada pela Ceasaminas em 2003, ao então Ministério Especial de Segurança Alimentar – MESA e firmado convênio com o MDS em 2004. A implantação de um Banco de Alimentos no entreposto da grande BH visava absorver o excedente de alimentos industrializados em complemento aos produtos in natura.

Em maio de 2004, a CeasaMinas participou da Missão técnica brasileira no Canadá, à convite da agência de cooperação internacional daquele país para conhecer a experiência canadense de bancos de alimentos. Em junho de 2004 participou do II encontro nacional de Bancos de Alimentos em São Paulo, que reuniu gestores de Bancos de Alimentos de todo o Brasil. Adicionalmente, o projeto de Banco de Alimentos passa a ser discutido no âmbito do Núcleo de Instituições Públicas Pró-Fome Zero - NIP, constituído em 2003 e integrado por instituições públicas federais e estaduais para apoiar e desenvolver ações integradas no âmbito do Programa Fome Zero.

A participação nestes fóruns temáticos amadureceu o consenso de alguns princípios básicos para a implantação e gestão de bancos de alimentos em Centrais de Abastecimento.

Essencialmente, tornou-se clara a necessidade de atuação em rede e a formação de parcerias interinstitucionais e a busca por uma gestão profissionalizada que garantisse credibilidade e rastreabilidade dos produtos de sua doação até o destino final. Em torno destes consensos é que se procurou uma alternativa tecnológica de gestão de bancos de alimentos que fosse capaz de assegurar o detalhamento e caracterização dos beneficiários de doações, e otimizar a gestão de estoques dos bancos para os doadores. Inicialmente a demanda colocada para assessoria de informática da Ceasaminas era a de um software de gestão de estoques e uma ficha cadastral de instituições beneficiárias. A tarefa mostrou-se complexa na medida em que as informações cadastrais poderiam ser utilizadas para otimizar as doações atendendo às necessidades específicas de cada entidade, tanto em quantidade como adequadas a seu período e tipo de atividades. O software passa então a ser desenvolvido conceitualmente em integração com o NIP e especificamente com a equipe técnica do Banco de Alimentos de Belo Horizonte e da Secretaria Municipal de Abastecimento de Belo Horizonte (CUNHA, 2005, p.2).

Desta interação deriva o salto conceitual de software para um site, uma vez que se observou que a demanda por cadastramento de beneficiários é comum a todos os bancos de alimentos e a utilização de um critério unificado poderia criar bases para uma ação de política pública mais eficaz. A unificação dos critérios também teria um importante papel de reduzir o dispêndio dobrado de visita e cadastramentos de beneficiários, que com o procedimento unificado poderia gerar uma escala de cadastramentos reconhecida e acordada entre bancos de alimentos diferentes (CUNHA, 2005).

O objetivo primordial do site de Gestão de Banco de Alimentos é ser uma plataforma comum de controle de estoques e fluxos dos bancos de alimentos para atender eficientemente uma ampla gama de entidades sociais que prestam serviços assistenciais de alimentação. Em seus desdobramentos pode ser uma ferramenta para tomada de direção de Políticas Públicas e iniciativas de responsabilidade social de organizações não-governamentais. Pode ainda ser um eficiente instrumento de pesquisa e extensão acadêmica. Compreender sua origem e motivação e, talvez o mais importante, seu processo de construção interinstitucional, é um passo importante para expandir seu alcance e sua efetividade e torná-lo efetivamente um bem público (CUNHA, 2005).

No entanto, a proposta de unificação dos Bancos de Alimentos apresentava entraves de natureza política e técnica.

Frente à possibilidade de contribuir para a constituição do banco de dados compartilhado, foi estabelecida uma parceria entre a FCS/FUMEC e o Banco de Alimentos da PBH com o objetivo de estabelecer estratégias conjuntas no sentido tornar efetiva a participação da PBH não só na concepção, mas, sobretudo na utilização do software unificado. A partir desta finalidade foram desenvolvidas as seguintes ações: análise e adequação do formulário de cadastro único das instituições beneficiadas; cadastramento das entidades beneficiadas pelo Banco de Alimentos da PBH no software de gestão de BA; caracterização do perfil das instituições beneficiadas e finalmente, o levantamento das demandas para a Promoção da Saúde da população beneficiada pelo Banco de Alimentos da PBH.

A idéia de envolver discentes de cursos da área da saúde em ações relacionadas ao Programa Banco de Alimentos justificase, não só pela oportunidade de proporcionar aos alunos a vivência de ações extesionistas de natureza educativa e científica, como também, pela natureza do programa que abrange políticas articuladas, cujo foco é a segurança alimentar, concepção esta fortemente vinculada à noção de Promoção da Saúde.

As práticas que compõem o campo da Promoção da Saúde têm sido preconizadas pelas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação dos profissionais de saúde, reconhecendo que saúde não está simplesmente relacionada à ausência de doença,

mas principalmente ‘a qualidade de vida das pessoas, da comunidade e do seu ambiente, implicando em ações intersetoriais.

A proposta do referido projeto envolvendo discentes dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Educação Física, portanto, está pautada na possibilidade de integração de esforços, articulando o Programa “Banco de Alimentos” a uma atuação intersetorial.

Neste contexto, promover a saúde não implica, necessariamente, no desenvolvimento de ações inéditas, mas ao contrário, no redirecionamento do enfoque das políticas de saúde, buscando o seu fortalecimento e sua ampliação por meio de parcerias e da participação popular, considerando o conceito abrangente de melhoria da qualidade de vida, inserindo os componentes de comunicação e educação em saúde como qualificadores das práticas de saúde. (BRASIL, 2005 a)

O projeto, portanto, possibilitou o oferecimento de ações integradas e multidisciplinares que incluem “diferentes dimensões da experiência humana – a subjetiva, a social, a política e cultural”, compartilhando saberes produzidos nos diferentes campos de conhecimento (BRASIL, 2005 a).

O presente artigo tem como objetivo descrever as etapas operacionais do referido projeto de parceria, destacando-se seus principais resultados, avanços, dificuldades e sugestões de encaminhamento.

2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE EMBASAM O PROJETO

2.1 – Breve histórico da Política de Segurança Alimentar

A consolidação da idéia da alimentação como direito básico, bem como a construção do conceito de segurança alimentar e nutricional no Brasil passou por um longo processo de elaboração.

Do final da primeira guerra mundial até a década de 70, a alimentação adquiriu um significado estratégico de segurança nacional, impondo a necessidade a cada país de assegurar por conta própria o suprimento da maior parte dos alimentos que sua população consome. Uma consequência dessa preocupação foi o fortalecimento da noção de que a questão alimentar de um país estava estritamente ligada à sua capacidade de produção agrícola. O enfoque na segurança alimentar dirigia-se exclusivamente sobre as políticas agrícolas.

Procurava-se convencer a todos que o flagelo da fome e

da desnutrição no mundo desapareceria com o aumento significativo da produção agrícola, o que estaria assegurado com a adoção de um modelo agrícola de grandes propriedades monocultoras e o emprego maciço de insumos químicos. (INSTITUTO CIDADANIA, 2001, p.15)

Esta concepção deu-se por vencida quando a recuperação da produção mundial, ainda na década de 70, não significou o desaparecimento dos males da desnutrição e da fome, manifestações principais da insegurança alimentar.

Dentro desta nova realidade percebeu-se que a capacidade de acesso aos alimentos era dificuldade crucial para a segurança alimentar, mais do que a própria oferta de alimentos. Desde então, o objetivo da segurança alimentar mundial passa ser o de assegurar que todas as pessoas tenham, em todo o momento, acesso físico e econômico aos alimentos básicos que necessitam, ainda que fazendo referência à importância da oferta em quantidade suficiente de alimentos e à sua estabilidade (INSTITUTO CIDADANIA, 2001).

No Brasil, a introdução do termo da Segurança Alimentar surge tardiamente. A idéia da alimentação como direito humano básico, bem como a construção do conceito de Segurança Alimentar começa a ser discutido em âmbito governamental somente no final da década de 80 (IPEA, 2002).

A elaboração do Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH no ano de 1996, incorpora os direitos econômicos, sociais e culturais, bem como um capítulo especialmente voltado para a garantia do direito à alimentação (IPEA, 2002).

A década de 90 representou um marco em relação à questão da segurança alimentar e nutricional no país. Pela primeira vez surgiu uma proposta de Política Nacional de Segurança Alimentar incluída como objetivo estratégico do governo, que teve como marco a campanha Ação e Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida. A prioridade atribuída ao combate à fome neste período de governo (1992-1994) contribuiu para a implementação de ações de participação intermediadas por três instrumentos: a confecção do Mapa da Fome, que subsidiou o debate para formulação de políticas, ao revelar para o país que 32 milhões de brasileiros não tinham renda suficiente para se alimentar; a elaboração do Plano de Combate à Fome (1993) e a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar-CONSEA (1993/1994) instinto em 1995, a partir de mudanças na administração pública (IPEA, 2002).

A partir da segunda metade dos anos 90 o país retrocedeu do patamar antes alcançado, em que a Segurança Alimentar era

declarada como objetivo estratégico do governo, sendo a mesma pulverizada numa proposta de ação social generalista do estado. Embora houvesse um dismantelamento da política naquele período, no campo da formulação conceitual foi registrado um avanço a partir da elaboração da definição brasileira de Segurança Alimentar⁶ apresentada em 1996, em Roma, à Cúpula Mundial de Alimentação. O avanço conceitual é ilustrado por uma definição que não se limitava a defender a idéia do acesso de alimentos simplesmente, mas vinculava a esta condição a necessidade de que os alimentos fossem de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente (INSTITUTO CIDADANIA, 2001).

Ao longo da história do país, três explicações sobre o problema da fome têm se revezado em ordem de importância, sendo elas, a insuficiência da oferta agrícola, o problema relativo à distribuição e comercialização da produção de alimentos e por último a falta de poder aquisitivo da população decorrente dos elevadíssimos níveis de desemprego e subemprego no país. Desde os anos 80 a terceira explicação sobre a causa da fome no país se transformou na justificativa mais relevante. Neste sentido, o diagnóstico do problema da fome no Brasil neste início do século XXI indica dimensões decorrentes da concentração de renda existente no país, dos elevados índices de desemprego e subempregos e do baixo poder aquisitivo dos salários pagos à maioria da classe trabalhadora. Esta situação se agrava frente à incompatibilidade dos preços atuais dos alimentos com o baixo poder aquisitivo da maioria da população e a exclusão de uma parcela da população mais pobre do mercado, que necessitam de um atendimento emergencial (INSTITUTO CIDADANIA, 2001).

Somente em 2003, no Governo Lula, o debate sobre a questão da fome no país retorna ao âmbito governamental, com a formulação de uma política específica nacional de combate à fome e segurança alimentar tendo como carro chefe o Programa Fome Zero. O programa foi desenvolvido até o início de janeiro/04 pelo Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome (MESA) e o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA). Em fevereiro/04 o Ministério é extinto e o Programa Fome Zero é integrado ao novo Ministério de Desenvolvimento Social (MDS) e combate à Fome, que foi criado a partir da junção de duas pastas: assistência social e segurança alimentar.

Alguns especialistas apontam a unificação das pastas como um retrocesso da política de segurança alimentar no país, devido a uma possível tendência de priorização de uma política de renda mínima (expansão do programa bolsa família) em detrimento do programa fome zero e segurança alimentar (NABUCO, 2004).

⁶ Segurança Alimentar e Nutricional significa garantir a todos acesso a alimentos básicos de qualidade, em quantidade suficiente, de modo permanente e sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, com base em práticas alimentares saudáveis. Contribuindo assim, para uma existência digna em um contexto de desenvolvimento integral da pessoa humana" (Instituto Cidadania.,13,2001)

2.2 - A Política de Segurança Alimentar do Programa Fome Zero

O Programa Fome Zero (PFZ) surge como proposta para discussão elaborada pelo Instituto Cidadania de São Paulo no ano de 2001. O programa foi elaborado a partir de um estudo que reuniu quase uma centena de técnicos, acadêmicos e operadores de política a partir de três objetivos principais: I) avaliar a situação dos programas de combate à fome no Brasil diante dos compromissos firmados pelo país na Cúpula Mundial de Alimentação de 1996;

II) retomar a mobilização da sociedade em torno do tema da segurança alimentar e;

III) envolver governos federal, estaduais, municipais, ONGs e sociedade civil em uma proposta factível para combater a fome (DEL GROSSI apud BELIK; 2003).

No seu primeiro ano de implantação, o Programa Fome Zero contou com a estrutura do MESA e do CONSEA, para a coordenação das ações, em conjunto com as políticas públicas locais e estaduais de combate à fome a partir da combinação de políticas estruturais, políticas específicas e políticas locais.

O Programa privilegia a construção participativa de uma Política de Segurança Alimentar via envolvimento ativo da sociedade na formulação, execução e acompanhamento de uma Política de Combate à Fome tendo como expressão máxima o CONSEA (BRASIL, 2004).

O PFZ tem como princípio norteador o atendimento ao “Direito à Alimentação” e, portanto, teoricamente, busca um tratamento universal à questão da alimentação. A operacionalização do programa já encontra várias limitações em função da complexidade do problema e de uma proposta que ultrapassa as ações assistencialistas. Ou seja, o PFZ deve estar indissoluvelmente ligado às políticas de produção agrícola para o mercado interno, políticas de importação e exportação, reforma agrária, crédito a pequenos produtores, aproveitamento de espaços urbanos para produção de alimentos com objetivo sempre presente de gerar emprego e renda (NABUCO, 2004).

O dimensionamento da população em situação de risco, alvo do programa, passou por diversos cálculos que tiveram como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD do IBGE, utilizando-se como indicadores a renda disponível per capita das famílias, acrescentando à renda familiar uma estimativa de renda da produção autoconsumida pelos agricultores, bem como deduzindo da renda familiar despesas com aluguéis ou prestação com casa própria. Com essa estimativa de renda familiar se procurou delimitar a renda disponível para aquisição de alimentos (TAKAGI; GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI apud

BELIK, 2003).

A partir de linhas de pobreza regionalizadas pela estimativa do custo das várias cestas de consumo alimentar, estimou-se uma população de 9,3 milhões de famílias em 2001, abrangendo 46 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar. A linha de corte adotada foi a de R\$ 71,53 / mês com base no Nordeste. Esses valores correspondiam aproximadamente a US\$ 1 corrente/ capita/ dia (TAKAGI; GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI, 2001 apud BELIK, 2003).

O Programa Fome Zero propõe um conjunto de políticas, que abrangem uma articulação entre ações estruturantes e medidas emergenciais⁷, que podem ser implantadas pelos estados e município, com ênfase no avanço de participação popular e construção de parcerias em prol da redução da fome e vulnerabilidade nutricional da população brasileira. Em âmbito local, estão definidos como políticas de segurança alimentar os restaurantes populares, os bancos de alimentos, projetos para modernização dos equipamentos de abastecimento, além do estabelecimento de um novo padrão de relacionamento com as redes de supermercados, no sentido de evitar excessiva concentração no varejo (BRASIL, 2005 b).

2.3 - A articulação do conceito de segurança alimentar com a concepção de promoção da saúde

O termo Promoção da Saúde, inicialmente usado para designar ações da “medicina preventiva” tem mudado o seu significado ao longo dos tempos adotando uma concepção não só técnica, mas, sobretudo política.

Ao apresentar a evolução do termo Promoção a Saúde, (SUTHERLAND; FULTON, apud BUSS, 2003) afirmam que as diversas conceituações encontradas na literatura podem ser agrupadas em duas grandes categorias. Na primeira delas Promoção da Saúde está vinculada à noção de mudança de comportamento das pessoas e suas ações se concentram, portanto em atividades de natureza educativa. Nesta abordagem, são negligenciados, no âmbito da promoção da saúde, todos os fatores externos aos indivíduos. Além do mais, torna-se problemático é desconsiderada a relação não igualitária que se estabelece entre educadores e educandos, podendo reforçar as desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2005).

Uma segunda concepção da Promoção da saúde considera os indivíduos inseridos no ambiente, “compreendido, num sentido amplo, por meio de políticas públicas e de ambiente favoráveis ao desenvolvimento da saúde e do reforço da capacidade dos indivíduos e das comunidades” (empowerment) (BUSS, 2005, p.19).

⁷ Ações estruturais têm como objetivo reverter o quadro de insegurança alimentar dos indivíduos ou grupos sociais, e devem atacar suas causas, sejam elas políticas, econômicas ou culturais. Já as medidas emergenciais ou específicas, são voltadas para o atendimento imediato de grupos em condições adversas do ponto de vista social e de saúde. (CONSEA, 2004)

A concepção de Promoção da saúde, na atualidade, incorpora assim, a dimensão política e técnica passando a ser também de responsabilidade da população organizada e de atores sociais não diretamente envolvidos com a área da saúde (BUSS, 2003).

O termo empowerment, embora um conceito complexo frente à inexistência de tradução direta para o português, “corporifica a razão de ser da Promoção da Saúde enquanto um processo que procura possibilitar que indivíduos e coletivos aumentem o controle sobre os determinantes da saúde” (CARVALHO, 2005), sejam eles de natureza sociais, políticas, econômicas e culturais (BUSS, 2003).

3 – METODOLOGIA

As etapas operacionais do projeto foram desenvolvidas de acordo com o Quadro 1.

QUADRO 1 – ETAPAS OPERACIONAIS DO PROJETO

1. Elaboração do Projeto e tramitação nas instituições envolvidas;
2. Seleção dos alunos bolsistas e voluntários;
3. Discussão sobre a proposta com os alunos;
4. Levantamento bibliográfico;
5. Reunião com os parceiros para apresentação do software de gestão de BA;
6. Análise e adequação do formulário do cadastro único às necessidades dos Bancos de Alimentos parceiros;
7. Treinamento dos alunos para o cadastramento das instituições no banco de dados;
8. Cadastramento das instituições beneficiadas pelo banco de Alimentos da PBH;
9. Seleção da amostra das instituições beneficiadas pelo Banco de Alimentos da PBH
10. Visitas às instituições para coleta de dados: informações do cadastro e levantamento das demandas para promoção da saúde;
11. Análise dos dados;
12. Registro das informações no banco de dados das instituições selecionadas;
13. Seleção dos indicadores de caracterização do perfil das instituições beneficiadas;
14. Elaboração de Relatórios estatísticos para caracterização do perfil das instituições beneficiadas pelos BA da PBH;
15. Apresentação dos resultados finais para o BA da PBH;
16. Elaboração de Relatório Técnico para apresentação às instituições parceiras do Projeto.

4 – RESULTADOS

O desenvolvimento do projeto alcançou resultados de natureza técnica, operacional e política:

4.1 - Resultados relacionados à articulação dos parceiros para consolidação da proposta de constituição do banco de dados unificado.

Embora não previsto como uma ação a ser desenvolvida pelo presente projeto, constatou-se que a parceria entre a FCS/FUMEC e o BA/PBH proporcionou um cenário favorável para a articulação dos parceiros dos Bancos, no sentido de consolidar a proposta de constituição do banco de dados unificado. A intenção de constituir-se um Banco de dados unificado para o programa Bancos de Alimentos foi firmada através de diferentes estratégias anteriores ao presente projeto. No entanto, constatou-se a necessidade de reafirmar tais intenções uma vez que o trabalho entre os parceiros encontrava-se pouco articulado, trabalho esse fundamental no sentido de construir um banco de dados que atendesse às diferentes demandas dos bancos de Alimentos parceiros da região metropolitana de Belo Horizonte. Neste sentido, foi proposta pelos parceiros da FUMEC uma reunião, realizada no SESC em junho de 2005, com a presença de um representante do SESI-MESA MINAS; dois representantes do SESC, dois representantes da PBH, dois representantes da CeasaMinas e dois representantes da FCS-FUMEC para discutir a estrutura do software e a adequação dos dados referentes ao cadastro único. Sob o ponto de vista operacional, foram feitas sugestões quanto à inclusão de informações no cadastro relacionado ao perfil das instituições beneficiadas, assim como estabelecidas estratégias no sentido de unificar também o roteiro de visita técnica dos BA.

Sob o ponto de vista político, a reunião realizada permitiu que fosse novamente firmada a intencionalidade dos parceiros em constituir um banco de dados unificado no sentido de otimizar a distribuição das doações e compartilhamento das informações registradas. Foi também explicitada a necessidade do estabelecimento de um termo de cooperação entre os bancos parceiros, promovendo a administração única do software para melhoria do monitoramento, gerenciamento e avaliação dos resultados das ações desenvolvidas pelos bancos de alimentos.

Cabe ressaltar a manifestação unânime dos parceiros acerca da importância da articulação das ações do programa BA às instituições de ensino superior realizada através de parcerias com os objetivos de proporcionar experiências extensionistas aos discentes, estabelecer mecanismos conjuntos no sentido de solucionar as demandas ainda existentes e incrementar a produção científica sobre a temática.

4.2 - Resultados relacionados à adequação do cadastro das instituições beneficiadas

O formulário de cadastro das instituições beneficiadas adotado no software apresentava-se, ainda, no início do presente projeto, inadequado frente às reais necessidades dos parceiros. Assim, uma das principais ações realizadas pela FUMEC, foi a reformu-

lação do documento através de reuniões com os BA parceiros e com os técnicos do setor de informática da Ceasa. Estas alterações demandaram ações operacionais trabalhosas e demoradas no sentido de alterar a ferramenta do software. Cabe enfatizar que as modificações realizadas foram implementadas a partir de discussões de natureza técnica e política, às vezes polêmicas e de difícil negociação.

A análise comparativa entre o documento inicial (anexo1) e o final (anexo 2), mostra que as principais alterações estão relacionadas aos indicadores: “dias de funcionamento”, “veículos”, “características da entidade”, “atendimento prestado”, “público atendido”, entre outros. Estas modificações referem-se tanto à apresentação gráfica dos indicadores quanto à sustentação teórica dos conceitos utilizados (Quadro 2).

QUADRO 2 - INDICADORES PARA AVALIAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS

INDICADORES	CLASSIFICAÇÃO
Parceiro Ano de fundação Cidade Regional	
Dias de funcionamento	Final de semana De segunda a sábado De domingo a domingo De 1 a 5 vezes na semana (indeterminado) De segunda a sexta-feira
Período de férias	
Tipo de veículo	Aluguel Próprio Voluntário Leve Médio Pesado
Característica da entidade	Apoio à criança Apoio à família Apoio à pessoa idosa Apoio ao adolescente Apoio ao adulto Apoio às gestante e nutrízes
Atendimento prestado	Fornecimento de Cesta Básica Fornecimento de Marmitex Fornecimento de Sopão Desjejum Café da Manhã Almoço Lanche da Tarde Jantar Ceia
Faixa etária do público atendido	Primeira Infância - De 0 A 12 Meses Infância - De 01 a 03 Anos Pré-Escolar - De 04 a 08 Anos Puberdade/Adolescente - De 09 a 18 Anos Adulto - De 19 a 51 Anos Adulto/Idoso - Acima de 51 Anos Família - Variada
Dieta especial	Anemia Desnutrição Diabetes Doenças respiratórias Hipertensão Obesidade Hipercolesterolemia Doença gastrointestinal Aids Insuficiência renal
Instituições ativas e inativas	

4.3 - Resultados relacionados à caracterização do perfil das instituições beneficiadas pelo BA da PBH.

A caracterização das instituições beneficiadas pelo Banco de Alimentos da PBH, a partir dos indicadores estabelecidos foi realizada no sentido de validar os indicadores, bem como o formato dos relatórios estatísticos gerados pelo software de gestão dos Bancos de Alimentos. Das 120 instituições beneficiadas pelo BA apenas 66 foram cadastradas (55%). Portanto, deve-se ressaltar que os relatórios gerados não retratam o perfil das instituições beneficiadas em decorrência da ausência de CNPJ em cerca de 40% das instituições beneficiadas pelo BA da PBH o que inviabiliza a inclusão da instituição no cadastro único; preenchimento

dos formulários de cadastramento utilizados pela PBH de forma incompleta e inadequação entre as informações levantadas através do formulário utilizado pelo BA/PBH e os dados do cadastro único do software.

As tabelas (1 a 6) e gráficos (1 a 6) apresentam o perfil das 66 instituições cadastradas no software, embora estes dados não expressem a caracterização real das instituições analisadas. No entanto, constata-se que os relatórios estatísticos gerados pelo software constituem-se em ferramentas relevantes para o monitoramento, avaliação e gerência compartilhada dos Bancos de Alimentos.

TABELA 1 - ATENDIMENTOS PRESTADOS PELAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.

Tipo de Refeição	N ° de Instituições Ofertantes	Nº de Instituições Cadastradas	Porcentagem
ALMOÇO	51	66	77,27
CEIA	4	66	6,06
COLAÇÃO	5	66	7,58
DESJEJUM	48	66	72,73
FORNECIMENTO DE CESTA BÁSICA	13	66	19,70
FORNECIMENTO DE MARMITEX	8	66	12,12
FORNECIMENTO DE SOPÃO	16	66	24,24
JANTAR	31	66	46,97
LANCHE DA TARDE	46	66	69,70

GRÁFICO 1 - ATENDIMENTOS PRESTADOS PELAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.

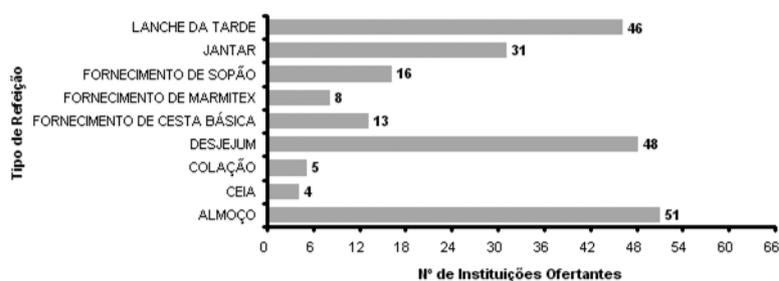


TABELA 2 – NUMERO DE PESSOAS QUE NECESSITAM DE DIETA ESPECIAL, SEGUNDO AS PATOLOGIAS. INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.

Tipo de Patologia	Nº de Casos	Público Total	Porcentagem
ANEMIA	6	10.573	0,06
DESNUTRIÇÃO	7	10.573	0,07
DIABETES	3	10.573	0,03
DOENÇAS RESPIRATÓRIAS	3	10.573	0,03
HIPERTENSÃO	1	10.573	0,01
OBESIDADE	1	10.573	0,01

GRÁFICO 2 - NUMERO DE PESSOAS QUE NECESSITAM DE DIETA ESPECIAL, SEGUNDO AS PATOLOGIAS. INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.

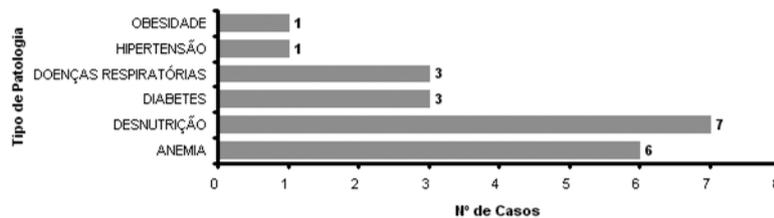


TABELA 3 – FAIXA ETÁRIA DO PÚBLICO ATENDIDO PELAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.

Tipo de Público	Nº de Instituições Atendentes	Nº de Instituições Cadastradas	Porcentagem
PRIMEIRA INFÂNCIA - DE 0 A 12 MESES	7	66	10,61
INFÂNCIA - DE 01 A 03 ANOS	29	66	43,94
PRÉ-ESCOLAR - DE 04 A 08 ANOS	35	66	53,03
PUBERDADE/ADOLESCENTE - DE 09 A 18 ANOS	24	66	36,36
ADULTO - DE 19 A 51 ANOS	14	66	21,21
ADULTO/IDOSO - ACIMA DE 51 ANOS	8	66	12,12
FAMÍLIA - VARIADA	7	66	10,61

GRÁFICO 3 – FAIXA ETÁRIA DO PÚBLICO ATENDIDO PELAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.



TABELA 4-NÚMERO DE INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, SEGUNDO AS CARACTERÍSTICAS DO ATENDIMENTO, 2005.

Características	Nº de Instituições Ofertantes	Nº de Instituições Cadastradas	Porcentagem
APOIO À CRIANÇA	47	66	71,21
APOIO À FAMÍLIA	14	66	21,21
APOIO À PESSOA IDOSA	6	66	9,09
APOIO AO ADOLESCENTE	21	66	31,82
APOIO AO ADULTO	11	66	16,67
APOIO ÀS GESTANTE E NUTRIZES	1	66	1,52

GRÁFICO 4 - NÚMERO DE INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, SEGUNDO AS CARACTERÍSTICAS DO ATENDIMENTO, 2005.

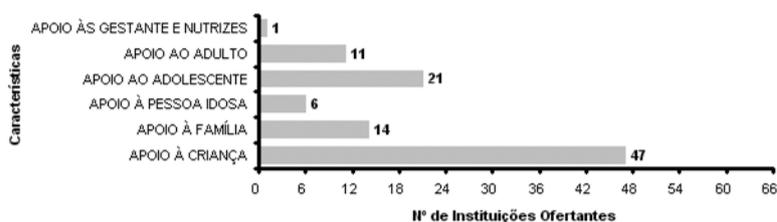


TABELA 5 - TIPO DE VEÍCULO DAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.

Categoria - Tipo – Peso	Nº de Instituições que Utilizam	Nº de Instituições Cadastradas	Porcentagem
ALUGUEL - LEVE - ATÉ 400 KG(s)	2	66	3,03
PRÓPRIO - LEVE - ATÉ 400 KG(s)	16	66	24,24
VOLUNTÁRIO - LEVE - ATÉ 400 KG(s)	20	66	30,30
PRÓPRIO - MÉDIO - DE 401 A 1500 KG(s)	13	66	19,70
VOLUNTÁRIO - MÉDIO - DE 401 A 1500 KG(s)	1	66	1,52
ALUGUEL - PESADO - ACIMA DE 1500 KG(s)	1	66	1,52
PRÓPRIO - PESADO - ACIMA DE 1500 KG(s)	1	66	1,52

GRÁFICO 5 - TIPO DE VEÍCULO DAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.

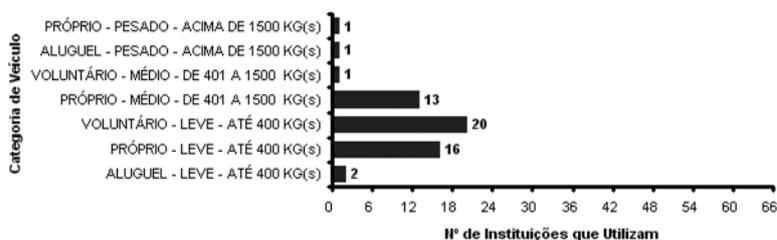
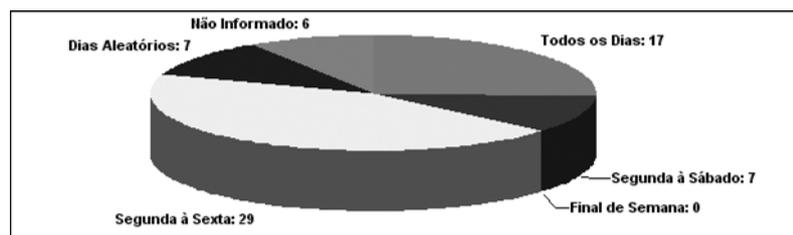


TABELA 6 - DIAS DE FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.

Dias de Funcionamento	Nº de Instituições	Nº de Instituições Cadastradas	Porcentagem
Todos os Dias	17	66	25,76
Segunda à Sábado	7	66	10,61
Final de Semana	0	66	0,00
Segunda à Sexta	29	66	43,94
Dias Aleatórios	7	66	10,61
Não Informado	6	66	9,09

GRÁFICO 6 - DIAS DE FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS PELO BA/PBH, 2005.



4.4 – Resultados relacionados ao levantamento das demandas para a promoção da saúde das instituições beneficiadas pelo BA da PBH

O levantamento de demandas para a promoção da saúde nas instituições beneficiadas pelo banco de Alimentos da PBH foi realizado através de visita a uma amostra destas instituições. O processo de seleção da amostra foi intencional, utilizando-se como critérios a diversidade de atendimento e a localização das instituições.

As visitas foram realizadas no mês de junho com a participação de um responsável pelo Banco de Alimentos da PBH, docentes, alunos bolsistas e voluntários da FCS/FUMEC. As instituições selecionadas, a localização, bem como o número de participantes em cada visita, estão relacionados no Quadro 2.

Em todas as instituições esta atividade foi constituída de visita às instalações físicas, entrevista com os responsáveis, observação e registro de informações. A coleta de dados foi norteada por um roteiro estruturado, contendo questões relacionadas aos dados do cadastro com o objetivo de atualizar as informações no banco de Alimentos; observação dos aspectos relacionados às condições de armazenamento, preparo e distribuição dos alimentos, e questões relacionadas ao levantamento de demandas para promoção da saúde.

Constatou-se que em todas as instituições visitadas os sujeitos envolvidos (dirigentes, voluntários, funcionários, população

atendida) apresentavam alguma necessidade relacionada às condições de trabalho, educação, repouso, lazer, atividade física, alimentação e nutrição demandando ações intersetoriais. Foi possível identificar demandas específicas relacionadas à área de promoção à saúde, o que reforça a importância e relevância de uma ação articulada entre a saúde e o programa Banco de Alimentos. Dentre as demandas identificadas, destacam-se: ações relacionadas ao lazer e recreação das populações atendidas (idosos, crianças, adultos e familiares); acompanhamento psicológico de grupos específicos (gestantes e nutrízes; trabalhadores desempregados; crianças; familiares); orientação sobre prevenção e cuidados básicos de saúde direcionada aos diferentes grupos assistidos pelas instituições; programas educativos relacionados à segurança alimentar; capacitação de representantes e dirigentes das instituições, voluntários e funcionários para que possam atuar como multiplicadores de ações relacionadas à promoção da saúde junto ao público atendido, e ações relacionadas ao empowerment das entidades beneficiadas.

Assim, além das atividades educativas através da mobilização de recursos institucionais públicos e privados para o enfrentamento dos determinantes do processo saúde e doença, reafirma-se a necessidade do estabelecimento de estratégias político-estruturais capazes de facilitar ou promover a autonomia individual e coletiva para que indivíduos e comunidades possam fazer escolhas informadas, livres e racionais – empowerment. (CZERESNIA; FREITAS, 2003)

QUADRO 2 - CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES SELECIONADAS PARA VISITA TÉCNICA.

Instituição	Característica da instituição	Nº de participantes	Regional
CASA DAS VOVÓS	Apoio à pessoa idosa	6	Nordeste
MANJEDOURA	Apoio às gestantes e nutrizes	6	Leste
INSTITUTO BRASILEIRO DE APOIO AO TRABALHADOR DESEMPREGADO	Apoio ao adulto	4	Leste
PROJETO GIRASSOL	Apoio à criança e ao adolescente	7	Noroeste
CENTRO DE APOIO À INFÂNCIA	Apoio à criança	6	Leste

5 – CONCLUSÕES

O desenvolvimento do presente projeto alcançou seus principais objetivos, dentre eles, a consolidação da proposta de constituição do banco de dados unificado; a adequação do cadastro referente ao perfil das instituições beneficiadas; a efetivação do cadastramento das instituições beneficiadas pelo banco de alimentos da Prefeitura de Belo Horizonte, o levantamento das demandas para a promoção da saúde de uma amostra da população beneficiada e a caracterização do perfil das instituições beneficiadas pelo BA PBH.

Ressalta-se que o projeto gerou novas demandas para a continuidade de uma atuação em parceria, dentre elas: a necessidade de estabelecer indicadores, também qualitativos de avaliação do impacto do programa Banco de Alimentos; a necessidade de elaborar um cadastro de visita técnica unificado, no sentido de facilitar a utilização compartilhada do software. Foi também identificada a possibilidade de participação de docentes e discentes da FCS/FUMEC na capacitação dos representantes, dirigentes, voluntários e funcionários das entidades beneficiadas para que possam atuar como multiplicadores de ações relacionadas a Promoção da Saúde junto ao público atendido.

Assim, aliado a garantia de proporcionar aos alunos e docentes da FCS/FUMEC a vivência de ações extensionistas de natureza educativa e científica, sugere-se a continuidade do projeto pela possibilidade do estabelecimento de estratégias coletivas, político-estruturais capazes de facilitar ou promover a autonomia individual e coletiva da população beneficiada pelo programa Banco de Alimentos no estado (empowerment). Um dos fortes argumentos para essa ação foi a proposta da ampliação da parceria, incluindo não só o BA da PBH, mas também a CeasaMinas, com o apoio do Conselho Municipal de Segurança Alimentar - COMUSAN, objetivando a utilização do cadastro único pelos Programas de Banco de Alimentos no âmbito do estado.

O presente projeto possibilitou o envolvimento de discentes e docentes dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Educação Física, de forma interdisciplinar, mas, sobretudo caracterizando-se como uma integração de esforços no sentido de articular ensino/serviço/pesquisa, diversificando os cenários de aprendizagem, com possibilidade de gerar produção científica na área.

Finalmente, é importante ressaltar que durante o desenvolvimento do projeto, em reunião com o Ministério de Desenvolvimento Social – MDS o software foi divulgado e aprovado como instrumento público de gestão dos Bancos de Alimentos nacionais. Cabe enfatizar que durante a referida reunião manifestou-se o reconhecimento em âmbito municipal e federal da ação desenvolvida pela parceria com a Universidade FUMEC na validação do software de gestão do Banco de Alimentos como ferramenta de monitoramento, gestão, avaliação e, sobretudo, viabilizando maior transparência desta política pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELIK, Walter. Segurança alimentar: a contribuição das universidades. São Paulo: Instituto Ethos, 2003.
- BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - CONSEA. Princípios e Diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Políticas de Saúde. Promoção da saúde no Brasil. Disponível em <http://dtr2001.saude.gov.br/sps/areas-tecnicas/promocao/psnobrasil.htm>. Acesso em 23 de maio de 2005.
- BRASIL. Tribunal de Contas da União. Relatório de Avaliação

de Programa. Programa Banco de Alimentos. Brasília: TCU, Secretaria de Fiscalização e Avaliação de Programas de Governo, 2005.122p.

BUSS, Paulo Marchiori. Uma introdução ao Conceito de Promoção da Saúde. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado (org). Promoção da Saúde: Conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, cap.1, p.15-38, 2003.

CARVALHO, Sérgio Resende. Os múltiplos sentidos da categoria empowerment no projeto de promoção à saúde. Cad. Saúde Pública, v.20, n.4, Rio de Janeiro, jul-ago, p.1088-1095, 2004

CUNHA, Altivo R. A. de Almeida. O software de gestão do banco de alimentos. s/d 2 p. Não publicado.

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado (org). Promoção da Saúde: Conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.176p.

INSTITUTO CIDADANIA. Projeto Fome Zero. Uma proposta de política de segurança alimentar para o Brasil. 2001. 41 p. Não publicado.

IPEA; SEDH & MRE. A Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação no Brasil. Documento elaborado para a visita ao Brasil do Relator Especial da Comissão de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas sobre Direito à Alimentação. Brasília, março, 2002.

NABUCO, M.R. Políticas de Abastecimento e Segurança Alimentar: do Nível Local ao Nacional, 2004. Não publicado.

OLIVEIRA, Dora Lúcia. A nova saúde pública e a promoção da saúde via educação: entre a tradição e a inovação. Rev. Latino-am. Enfermagem, v.13, n.3. Ribeirão Preto, maio-junho, p.423-31, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINS GERAIS – CEDEPLAR. Segurança Alimentar: modulo 1, 2004. 82 p.

ATENÇÃO ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA VILA ACABA MUNDO VINCULADAS À ASSOCIAÇÃO QUERUBINS E GRUPO CORPO CIDADÃO

EQUIPE

Prof.^a Ana Heloisa Senra (coord.)

O referido projeto foi realizado sob coordenação de Ana Heloisa Senra, durante o ano de 2005 com a contribuição das Monitoras Maria de Fátima B. F. Silva, Érica O. Faria e Fernanda T. Lopes e das estagiárias estágio profissionalizante na Associação Querubins, vinculada à ONG Corpo Cidadão.

A Associação Querubins é uma entidade filantrópica, fundada em 1999, que objetiva proporcionar às 174 crianças e adolescentes entre 06 e 18 anos da Vila Acaba Mundo, o desenvolvimento através da arte e educação. Para tanto, oferece oficinas de danças afro, contemporânea e clássica, percussão, teatro, confecção de instrumentos musicais, esportes, computação, horta orgânica, sexualidade, apoio escolar, etc.

Diante da realidade de alto índice de fracasso e evasão escolar, a Associação estabeleceu como principal critério para participação a frequência à Escola Regular.

Desde a implantação de suas atividades a Associação constatou a necessidade de estruturação do serviço de psicologia em função da emergência das diferentes expressões sintomáticas de sofrimento psíquico apresentados pelas crianças e adolescentes. Contudo, o aumento progressivo da demanda determinou que a coordenação desse serviço me solicitasse, em 2002, a responsabilização pelo atendimento psicológico da clientela, quando então, estabelecemos o convênio com o Setor de Estágios da FUMEC, onde, enquanto professora-supervisora, à época, iniciei o trabalho de supervisão. A partir da demanda de atendimento psicoterápico individual, onde foi detectada a necessidade de desenvolvimento de uma pesquisa teórica realizada durante os anos de 2003 e 2004, acerca da subjetivação da lei simbólica e da constituição do sujeito, em função das diferentes manifestações de sintomas psíquicos expressos na dificuldade das crianças em sua relação interpessoal, em sua lida com as normas e limites propostos para funcionamento e realização

das atividades na Querubins. Além disso, os atendimentos psicoterápicos realizados no estágio favoreceram a emergência de questões familiares e escolares subjacentes às questões subjetivas trazidas pela clientela.

Considerando tais questões como dificultadores da elaboração dos conflitos psíquicos através da palavra, constatamos a necessidade de uma abordagem mais ampla que deu origem ao Projeto, que contemplou, além do trabalho de atendimento das crianças, também a realização de intervenção junto às suas escolas e a intervenção em suas famílias para diagnóstico e encaminhamento de situações de risco.

O trabalho de atendimento psicoterápico, no projeto, ampliado à intervenção sobre a dinâmica familiar e escolar, norteou-se a partir do reconhecimento da palavra como recurso essencial para o sujeito reconhecer-se em sua autonomia. Afinal, entendemos que para que se constitua um cidadão é necessário que o indivíduo seja reconhecido como um sujeito singular e que enquanto tal, faça-se reconhecer.

Nesse sentido, os atendimentos das crianças foram realizados, as visitas às famílias foram realizadas bem como as visitas às três escolas freqüentadas pelas 48 crianças e adolescentes atendidas, onde realizamos entrevistas com as diretoras, supervisoras e professoras, o que permitiu a abordagem, discussão e encaminhamentos propícios às questões apresentadas pelos alunos que também freqüentam o Querubins.

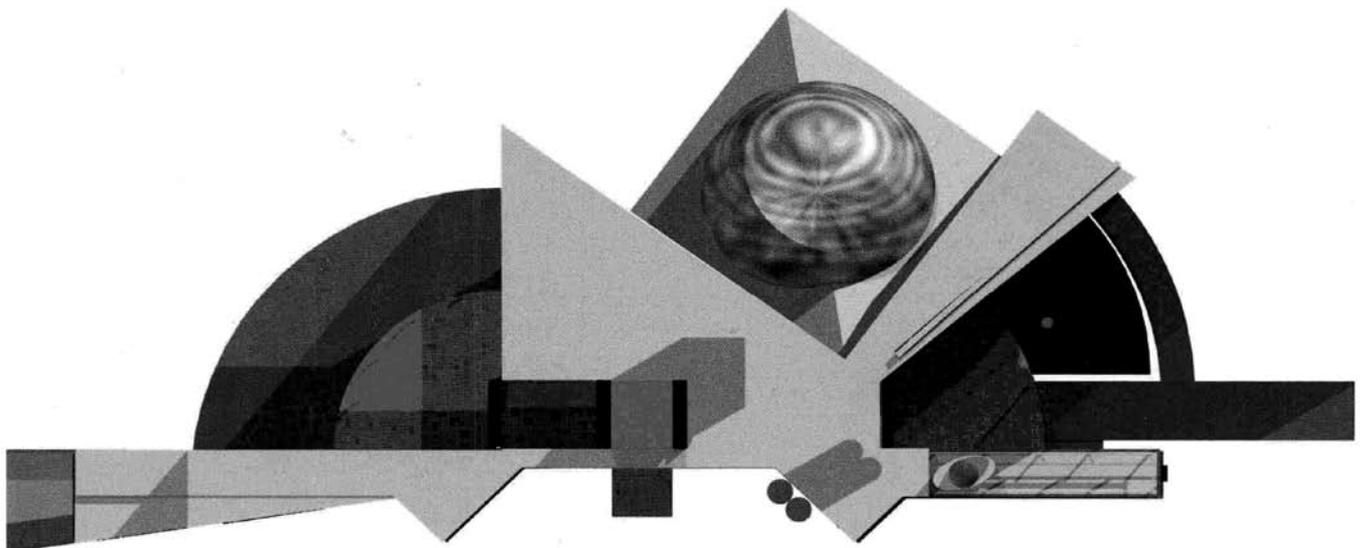
Todo esse trabalho foi apresentado na Mostra FUMEC de 2005, através da apresentação à comunidade acadêmica dos artigos elaborados pelos participantes da equipe, estagiários, monitores e supervisora, quando tivemos oportunidade de constatar, junto à direção da ONG Corpo-Cidadão e coordenação da Associação Querubins, a importância do trabalho que vem sendo realizado, tendo em vista a mudança de posição subjetiva das crianças e adolescentes frente às situações de conflito ou cotidianas da instituição.

**CATÁLOGO SALA
ESPECIAL – 6ª BIENAL DE
ARQUITETURA E DESIGN
DE SÃO PAULO 2005**

EQUIPE

Prof. Joel Campolina (coord.)

**JOEL
CAMPOLINA,
ARQUITETO**
DE • REALIDADE & UTOPIA • UTOPIA & REALITY • REALIDADE

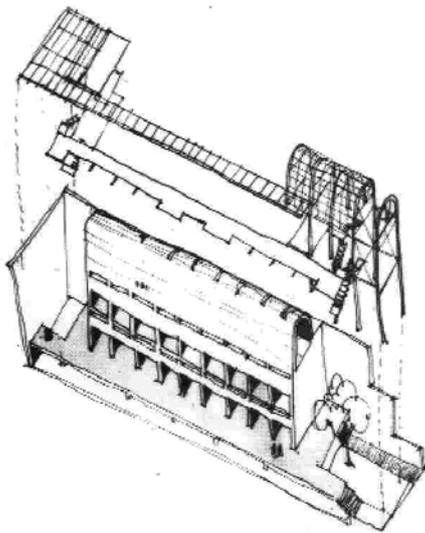


GALERIA PORTAIS

*(Menção Honrosa Internacional na IX Bienal Pan-Americana
Quito/Equador - 1989)*

Uma seqüência de arcos frontais (portais em estrutura metálica) foi utilizada como marca da transição simbólica entre o domínio privado do edifício e o domínio coletivo (o contexto urbano adjacente). A cidade penetra no edifício. Eixos laterais de circulação horizontal, conectados em dois extremos, são prolongamentos do eixo de circulação vertical definido pelas arcadas frontais, ambos executados em estrutura metálica.

O elevador frontal mostra seu mecanismo através da caixa de vidro. Busca-se, essencialmente, harmonia no diálogo entre o convencional (setores executados com estrutura de concreto armado) e o tecnológico (setores em estrutura metálica). Uma reinterpretação de fenômenos típicos da transformação urbana local, onde muitas construções convencionais são ampliadas, pragmaticamente, com a adição de "puxados", raramente pensados arquitetonicamente.

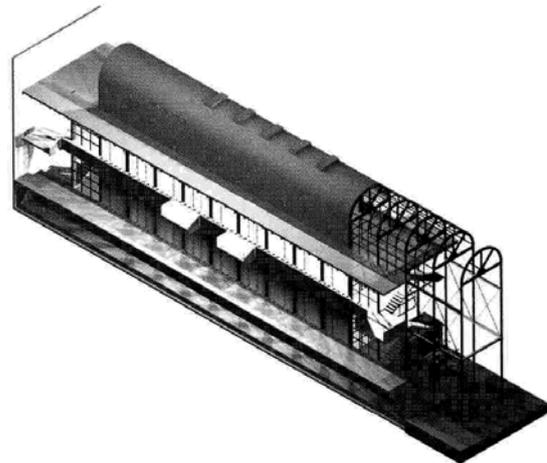


GALERIA PORTAIS

*(International Honourable Mention at the IX Pan American Bienal of
Quito/Equator - 1989)*

A sequence of frontal arches (porch in metallic structure) was used as a sign of the symbolic transition between the private and the public dominions (the neighbouring urban complex). The city virtually "enters" the building. Lateral horizontal circulation axis, connected in their two extremes, are extensions of the vertical circulation axis defined by the frontal arcade.

The frontal lift shows its mechanism through the glazed tower. I've searched for a harmonic dialogue between crafts (parts made with reinforced concrete structure) and technology (parts made with metallic structure). A reinterpretation of the typical phenomena of the local urban dynamics, where many existing constructions are enlarged, pragmatically, with the addition of "informal extensions" rarely thought in terms of architecture.

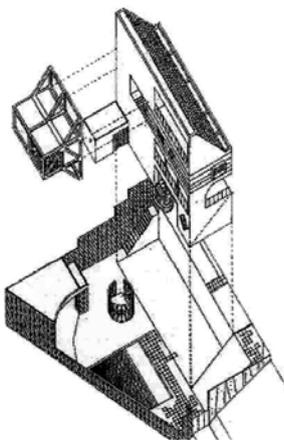


CASA RUA VICENTE RACIOPPI, 47- B.HORIZONTE/MINAS GERAIS

(Publicada no livro "Arquitetura Contemporânea: Casas Latinoamericanas" Romulo M.Peralta , 2003.Trama ed. pg 46/49)

Quem caminhar pela rua Vicente Racioppi, logo depois da praçinha da esquina, verá que o vazio cavado no volume edificado dessa instigante casa assimétrica (construída em 1995), não interrompe a sequência de cenários e captura a vista da cidade e o pôr do sol daquele belo horizonte. A casa acontece em três níveis básicos. O acesso principal, que fica ao nível da rua, faz a conexão direta com a cidade: o abrigo dos automóveis, a biblioteca/escritório, o quarto de hóspedes e um sanitário social.

A conexão com a praçinha se faz através de um acesso secundário aproveitando o desnível natural do terreno. No andar inferior, estão os espaços de sociabilidade, com a piscina, salão de jogos, as salas de estar e jantar integradas com a cozinha americana, além dos setores complementares de serviço e apoio operacional. No andar superior, acima do nível da rua, estão os espaços íntimos da família: os dormitórios, uma mini-cozinha para lanches, e uma sala multiuso onde se pode, novamente, descortinar a vista da cidade, exposta sem exagero, para que permaneça como uma conquista diária. No quarto e último nível - o sótão, que se expande em baixo do telhado: de um lado fica um espaço-refúgio (para reflexões e estudos), do outro um varandão (onde o cenário urbano reaparece generosamente). Vale dizer que todos os níveis internos se comunicam verticalmente, gerando um pé-direito de 12 metros no vão das escadas que estão dimensionadas com diferentes larguras e revestimentos de piso, conforme a hierarquia dos níveis que atendem. Três portais internos, inseridos em diagonais e especificamente detalhados, marcam as transições rua/casa (portal entrada principal), casa/lote (portal sala-estar), social/ privado(portal corredor dormitórios). O sistema estrutural em concreto armado mistura soluções convencionais e de alta complexidade, como no módulo treliçado atirantado ao corpo principal da construção e também no balanço da extremidade frontal esquerda, que configura um vazio no nível térreo da massa volumétrica dominante, revelando a paisagem oposta.



A CASA VÉRTICE
DE SE VER DA PRAÇA

A CASA VÉRTICE
DE SE ENCONTRAR VERDADES
ABSOLUTAMENTE INCERTAS
CONTRADITORIAMENTE
HONESTAS

A CASA VÉRTICE
DE MATIZES DIVERSOS
MATÉRIAS BRUTAS
MENTES ABERTAS
LUGARES MULTIPLoS
SENSAÇÕES COMPLEXAS

A CASA VÉRTICE
DE SE PLANTAR SEMENTES
GUARDAR SEGREDOS
LANÇAR RAIZES
CRIAR CORAGEM
DEIXAR SAUDADES
ESCREVER SENTENÇAS
COMPOR POEMAS

joel campolina 1992

CASA RUA VICENTE RACIOPPI, 47- B.HORIZONTE/MINAS GERAIS

(Published in "Arquitetura Contemporânea: Casas Latinoamericanas" Rômulo M. Peralta, 2003. Trama editor pg 46/49).

Whoever walks along Vicente Racioppi Street, just after the small public square on the corner, will see that the void made in the volume of this inciting asymmetric house (built in 1995), doesn't interrupt the sequence of settings and captures the view of the city landscape profile far below. The house happens in three basic levels. The main access, that is located on the street level, connects the house directly to the city: the garage, the library/office, the guest room and the rest-room.

A secondary access connects the level just below the street with the public square taking the natural unevenness of the site and the public square into account. There are socializing spaces, with a swimming pool, a recreation room, the living and dining rooms integrated with the a main kitchen, as well as the service sector. On the first level above the street, there are the family private rooms: bedrooms, a small kitchen for snacks, and a multifunctional room where the view of the city, which is not so exposed elsewhere, can now be enjoyed. On the second level above the street, the attic opens itself under the roof: on one side there is a more private space (for thinking and studying), on the other, a big veranda (where the urban scenery shows itself again generously). It is worth saying that all four internal levels communicate with each other vertically, producing a twelve-metre floor-ceiling height in the staircase span. The three different staircase widths and flooring materials, are based on the hierarchy of the floor that the staircase levels are related to. Three internal porches, diagonally inserted and detailed with particularities, sign the transition street/house (main entrance archway), house/plot (living room archway), public/private (corridor/bedrooms archway). The structural system, in reinforced concrete, mixes conventional solutions with highly elaborated ones. This is the case of the left frontal cantilever void and the tie rod trussed block linked to the main body of the construction.



PAVILHÃO DO BRASIL NA EXPO'92 - SERVILLEHA

(Menção Honrosa Concurso Público Arquitetura IAB/DN -1991)

Um edifício palco. O primeiro cenário é um espaço-praça (protegido da insolação desfavorável) que se abre generosamente para o calçadão do "Camino de los descubrimientos" e dele quer participar. Neste ambiente, incluem-se referências imediatas ao cotidiano brasileiro.

O "coreto" (em ferro trabalhado), o espelho d' água com chafariz, o piso em paralelepípedos, o restaurante típico, passistas de samba e bandas de músicas etc. são contrapontos à presença da arrojada trama estrutural em aço-inox que sustenta parte dos pavimentos superiores.

Este sincretismo (cosmopolita/ provinciano, artesanal/tecnológico) marca da cultura brasileira, é também estendido à concepção volumétrica e construtiva do edifício como um todo. A coexistência de setores entramado-metálico/ setores estrutura-convencional de concreto, reforça esta conexão simbólica.

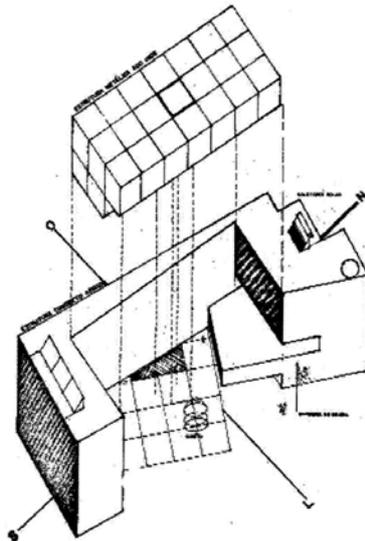
Uma inflexão na esquina norte do edifício, facilita a integração com o Pavilhão vizinho de Portugal.

O Pavilhão-Feira é transitório, o edifício permanente. A opção foi adotar alturas padronizadas de 6m para o pavimento térreo e dois pavimentos superiores. Esta altura é compatível com todas as montagens temporárias demandadas pelo programa funcional, racionalizando e flexibilizando a futura reciclagem pretendida, possibilitando futuros mezaninos etc.

BRAZILIAN PAVILLION AT THE 1992 EXPO - SEVILLE

(Menção Honrosa Concurso Público Arquitetura IAB/DN -1991)

In this building, the first setting is a local promenade (protected from the disfavoured solar heating) that generously opens itself to the "Camino de los Descubrimientos" promenade, and wants to be part of it. In this area, immediate references from Brazilian everyday life can be found. The bandstand (in ironwork), the water pond with the fountainhead, are counterpoints to the fearless presence of the spatial stainless steel structural grid that supports part of the functional floors above. This kind of syncretism (metropolitan/provincial, technological/craft) typical of the Brazilian culture is extended to the constructive volumetric conception of the building as a whole. The coexistence of sectors in metallic weave, with sectors in conventional concrete structures, reinforces this symbolic connection. An inflection at the Northern corner of the building makes the integration with the neighbouring Portuguese Pavilion easier. The Fair-Pavilion is temporary, the building is permanent. The option was to adopt floor-heights of 6.0m for the ground level and for the prismatic stainless steel box above. This height pattern is compatible with all the temporary assemblages demanded by the functional program and allows the so wanted future functional retrofit.



**PRODUÇÃO ACADÊMICA
UIA - BERLIN - 2002 - XXI CONGRESSO MUNDIAL DE
ARQUITETURA: SUMÁRIO DO POSTER APRESENTADO**

*Autor: Dr. Joel Campolina
(Arquiteto e Urbanista prof. Dr. / EAUFGM / FEAFUMEC)
E-mail: jocamp@arqstudio.com.br*

Título: HABITAT URBANO INESPERADO
(Arquitetura como agente para refuncionalização qualificada de sobras de áreas urbanas institucionais atípicas: Belo Horizonte, Brasil)
LOCUS: Um Vazio urbano atípico deteriorado (topografia acidentada e geometria irregular) adjacente a uma via expressa de circulação de massa. Uma grande Favela (Sta. Lucia) vizinha a um bairro de classe media alta (Belvedere) **EXPECTATIVA (A):** A comunidade da Favela reclama uma passarela segura sobre a via expressa e uma escola pública de primeiro grau mais próxima e mais acessível, evitando perigosos deslocamentos diários para suas crianças. Constatou-se que dentro da área da favela não existe local disponível apropriado para a construção da Escola. **EXPECTATIVA (B):** A comunidade do bairro Belvedere questiona a adequação da implantação de qualquer tipo de uso permanente (escola) nessa sobra irregular de terreno e prefere que seja providenciado um tratamento paisagístico cuidadoso (revegetação, etc.)

AÇÕES ESTRATÉGICAS PROPOSTAS: Preparar um estudo arquitetônico preliminar capaz de compatibilizar as duas expectativas aparentemente antagônicas (A) e (B), considerando as peculiaridades do sítio. Demonstrar fundamentadamente as vantagens da implantação uma estrutura multifuncional implantada adequadamente na referida área residual, contendo uma Escola de primeiro grau (14 salas-de-aulas) acoplada a uma passarela sobre a via expressa conectando a rua principal da favela a Escola e a uma nova calçada lateral ao longo da via urbana facilitando o deslocamento da população favelada até seus locais de trabalho. Dois grandes painéis eletrônicos acoplados a nova escola estarão divulgando notícias de interesse da comunidade e mensagens publicitárias com renda revertida para manutenção da área ocupada e programas de interesse social local. **RESULTADOS:** A revitalização de uma área pública urbana deteriorada Comprovação da possibilidade de se implantar equipamentos de interesse social neste tipo de áreas desperdiçadas diminuindo despesas com desapropriações de áreas particulares. Arquitetura como ferramenta indispensável para viabilização desse tipo de iniciativa.

**ACADEMIC PRODUCTION
UIA - BERLIN - 2002 - XXI WORLD CONGRESS OF
ARCHITECTURE: PRESENTED PAPER SUMMARY**

*Author: Dr. Joel Campolina
E-mail: jocamp@arqstudio.com.br*

Title: Unexpected Urban Habitat (The architecture as the agent for the production of quality-oriented environment in non-standard areas in the city of Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil).

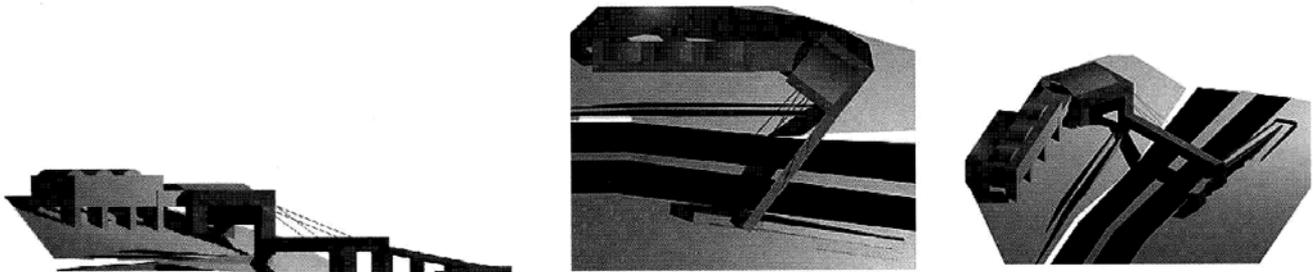
Locus: A non-standard leftover public area (steep topography and irregular geometry) next to a busy urban expressway. A dense slum (Santa Lúcia) next to an upper-class single-family housing neighbourhood (Belvedere)

Expectation (A): The slum community claims for a safe walkway over the expressway and a closer elementary public school, to allow the young people to commute safely. Inside the slum, there is no proper available place for the school construction.

Expectation (B): Belvedere's community questions if it is appropriate to have any permanent functional use of this kind (school) in this irregular spot and prefers a treated green landscape instead.

Actions: To conceive a preliminary architectural analysis responding to these two apparently opposite demands (A) (B), while considering the particularities of the site. To define a mix-functional structure located in an irregular site and to propose an elementary public school (14 classrooms) connected to a walkway over the expressway linking the main street of the slum, the school and a new pavement that happens along the urban road and making the population's way to their work places easier. Two big billboards, coupled to the new school, will be rented for educational, commercial and institutional media, (resulting an extra income for the maintenance of the building and the landscape).

Achievements: The revival of an abandoned area, the proof of suitability for building this kind of urban equipment in such non-standard areas, the decreasing of public expenses with expropriation in private areas have shown that architecture is an essential tool to make effective improvement in urban atypical environments. Why we don't entail international loans to implement public transportation (BID, etc), to do architectural pre-studies on using viability of areas that will be future expropriation leftovers in order to bring in social infrastructure equipment which is demanded by neighbouring communities directly hit by this kind procedure.



PORQUE NÃO VINCLULAR EMPRÉSTIMOS INTERNACIONAIS PARA IMPLANTAÇÃO DE SISTEMAS METROPOLITANOS DE TRANSPORTE DE MASSA (BID, ETC.) A EXISTENCIA DE PRÉ-ESTUDOS ARQUITETÔNICOS DE VIABILIDADE DO APROVEITAMENTO DE SOBRES DE ÁREAS DESAPROPRIAÇÕES PARA IMPLANTAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFRAESTRUTURA SOCIAL DEMANDADOS PELAS COMUNIDADES ADJACENTES DIRETAMENTE IMPACTADAS POR TAIS OBRAS?

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA E PEDAGOGIA

EQUIPE

Prof.^a Carmen Cristina Rodrigues Schffer (Curso de Psicologia-FCH/FUMEC)

Valéria Barbosa de Resende (Curso de Pedagogia – FCH/FUMEC)

Carlos Felipe Cordeiro (Curso de Psicologia – bolsista)

Cristiana Tostes Reis (1º semestre – Curso de Pedagogia – bolsista)

Flávia Maria Bernucci (2º Semestre – Curso de Pedagogia – bolsista)

OBJETIVOS

- Desenvolver atividades pedagógicas e psicológicas junto aos adolescentes avaliados pela escola como portadores de dificuldades de aprendizagem, visando promover intervenções no âmbito cognitivo, afetivo e escolar.
- Conhecer e problematizar a realidade da escola e da comunidade;
- Conhecer as características dos estudantes que apresentam dificuldades na apropriação da leitura e da escrita;
- Desenvolver, nos grupos, temáticas que possibilitem trabalhar os aspectos definidos na caracterização dos estudantes (traços de insegurança, medo, ansiedade, auto-estima baixa), visando a reestruturação da identidade.
- Elaborar atividades de leitura e escrita na perspectiva do letramento;
- Manter um diálogo com os professores da escola, visando a troca de experiências e a realização de modificações nas estratégias pedagógicas e psicológicas se necessário;
- Elaborar atividades integradas entre pedagogia e psicologia.

METODOLOGIA

Pesquisa de campo visando conhecer a realidade da escola, o seu projeto pedagógico, a quantidade e qualificação dos professores, os projetos desenvolvidos na escola, o perfil da comunidade e dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Todos os dados foram levantados através de entrevistas e questionários junto à coordenação pedagógica, professores e alunos. A atuação com o grupo de alunos foi realizada através de oficinas. Realizou-se análise dos registros das atividades durante o período de execução do mesmo, utilizando como referencial teórico a psicologia cognitiva e sócio-histórica e os estudos sobre o letramento e culturas juvenis.

O CONTEXTO SOCIO-CULTURAL

Nada mais expressivo do que o rap produzido pelos estudantes.

*Amizade, o povo desunido não conhece a liberdade,
O Taquaril é mau, mortal.
Os maconheiros não respeitam as mães, porque só ficam roubando.
Paz, vida.
A mãe cria seu filho com bondade, dignidade,
Longe das drogas e das grades.
Os mano da facção não têm amor,
Toma cuidado, senão morre aqui.
Na favela não aprende, principalmente a ler,
Mas aprende a fumar, viver e roubar.
O pai fuma cigarro, ensina seus filhos,
Anda a noite para ficar com as meninas
E ensina as meninas a fumar também
Senão a gente bate nelas.
Os pivetes que fogem de casa dormem na rua
E os malandros que matam, batem neles,
Por causa da comida que eles não dividem.*

O CONTEXTO ESCOLAR

O projeto foi desenvolvido em uma escola da rede pública municipal, inserida no Programa Escola Plural, situada no bairro Taquaril, região leste de Belo Horizonte.

A escola possui 1.622 alunos e atende nos turnos da manhã, tarde e noite. Conta com 105 funcionários, sendo 68 professores, 13 funcionários da secretaria e biblioteca, 8 cantineiros, 10

auxiliares de serviços, 03 porteiros e 03 vigilantes. Apenas 2 professores possuem o curso de magistério, os outros possuem curso superior, sendo 8 formados em Pedagogia, 34 possuem pós-graduação, e um está cursando o mestrado.

Os estudantes de Psicologia e Pedagogia da Universidade Fumec, que acompanharam o trabalho na escola, fizeram uma análise desse espaço. Na visão destes, a escola apresenta-se como um local organizado, tranqüilo, limpo, colorido, possui plantas ornamentais bem cuidadas, possui mural com trabalhos de alunos (desenhos e colagens). Os alunos, durante o recreio, se organizavam em fila para merendar. Devido ao Projeto “Desperdício Zero”, a merenda escolar quase não é perdida. Sobra em média cerca de 1 quilo de merenda por dia. Os alunos ficam a vontade se quiserem repetir a alimentação oferecida.

A forma de brincar e de se divertir dos alunos no recreio constituía de brincadeira típicas da idade, tais como pega-pega, adoleta, corrida, futebol, vôlei, luta. Apenas um dia presenciou-se uma atividade atípica chamada corredor da morte, os alunos se organizaram em duas fileiras e aquele que passasse no meio apinhava.

A escola desenvolveu em 2005 vários projetos visando trabalhar a autonomia, a postura crítica e resgatar a cidadania dos estudantes. Dentre eles, apontamos: “Projeto merenda mais gostosa”, organizado por uma cantineira, visando incrementar a merenda deixando-a mais nutritiva. “Projeto desperdício zero”, elaborado pela coordenadora, visando um desperdício mínimo da merenda. “Projeto emergencial de alfabetização”, elaborado por uma professora, visando desenvolver a alfabetização dos alunos pré-adolescentes e adolescentes que se encontrava em situação de fracasso escolar. “Projeto turma em tempo integral”, “Oficina de meditação” e “Projeto de musicoterapia”.

A escola desenvolvia também programas para a comunidade, tais como oficina de pano de prato, confecção de bonecas e cartão, sarau de poesia, oficina de música, oficina de grafite, palestras com profissionais da área da saúde, aulas de percussão e flauta; projeto “Escola Aberta” e projeto “Fica Vivo”.

Através desses projetos a escola tem ampliado e reforçado seu papel de agente educacional e prestadora de serviços socioculturais à comunidade local.

Após a realização do diagnóstico da comunidade e da escola, iniciamos os encontros com as coordenadoras pedagógicas e a professora da escola, que já desenvolvia um projeto de alfabetização com alunos do 1º, 2º e 3º ciclos, a fim de definir os alunos que seriam atendidos pelo projeto.

O PROJETO

Para o início do projeto, fizemos uma avaliação dos alunos indicados pela escola como portadores de dificuldades na aquisição da leitura e da escrita, estes alunos já participavam do projeto emergencial de alfabetização, contudo, em função de traços psicológicos específicos e por apresentarem pouco avanço na aprendizagem da leitura e da escrita, foram indicados para serem acompanhados. Assim, foram selecionados 06 (seis) adolescentes entre 11 e 14 anos, todos do sexo masculino e alunos do 3º ciclo (antiga 6ª série).

Após conversas com a professora que desenvolvia o projeto de alfabetização começamos a realizar o diagnóstico psicológico e do nível de alfabetização para delinear os diretrizes de planejamento dos encontros. O diagnóstico foi realizado a partir de anamneses, escritas espontâneas e desenhos.

A entrevista foi estruturada a partir dos seguintes itens: nome, idade, preferência, constituição do grupo familiar e formas de lazer.

OS SUJEITOS

O estudante A.S.S.J tem 12 anos mora com a mãe e mais quatro irmãos e estabelece uma relação afetuosa com a mãe que, segundo ele, leva-os na pizzaria, na pracinha e para buscar o dinheiro da bolsa escola. A mãe sustenta os filhos com os benefícios do programa governamental, pois o pai faleceu há quatro anos. Com relação às suas preferências, o estudante indicou que gostava de freqüentar a quadra, momento em que ficavam mais livres para correr e jogar futebol.

Foi solicitado ao estudante que escrevesse seu nome completo em uma folha de papel. Este somente conseguiu escrever o primeiro nome e após estimulação e intervenção dos estagiários, que incentivaram a produção, ele escreveu conforme suas hipóteses e expressou verbalmente que tinha vergonha de sua letra.

O estudante D.N.S. tem 11 anos, mora com a mãe, o pai e três irmãos. A mãe é faxineira em uma loja de móveis e leva seus filhos para passear no parque, no clube e nas lojas. O pai é carregador de materiais de construção e leva os filhos na pracinha para andar de bicicleta. Na escola, D.N.S. gosta de aprender a ler e a escrever.

O estudante A.R.C. tem 13 anos, mora com a mãe, o pai e dois irmãos. A mãe assume as tarefas domésticas, “é boa, brinca com a gente e leva a gente na casa de uma tia”. O pai trabalha como pedreiro, “é bom, leva a gente pra passear no parque”. Na es-

cola, gosta de escrever e jogar bola. Fora da escola, gosta de ajudar a mãe a arrumar casa, lavar vasilha, brincar com o irmão e jogar bola com os amigos.

O estudante J.S.B. tem 14 anos vive com a mãe e seis irmãos, todos de pais diferentes, que não mantém contato com os filhos. A mãe trabalha como faxineira, “ela é boa, leva a gente na festa, no parque, na casa da avó e da tia”. Na escola, gosta de jogar bola, de estudar, da aula de meditação, de assistir vídeo e fora dela gosta de andar de bicicleta, jogar bolinha de gude e soltar pipa.

O estudante N.A.C. tem 12 anos, mora com a mãe e três irmãos. A mãe é faxineira e segundo ele é muito boa porque não bate. O pai está desempregado, exercia a ocupação de pedreiro e quando bebia batia nos filhos. Na escola, gosta da aula de artes, jogar bola e “tentar ler”. Em casa, gosta de desenhar e, na rua, de jogar bola.

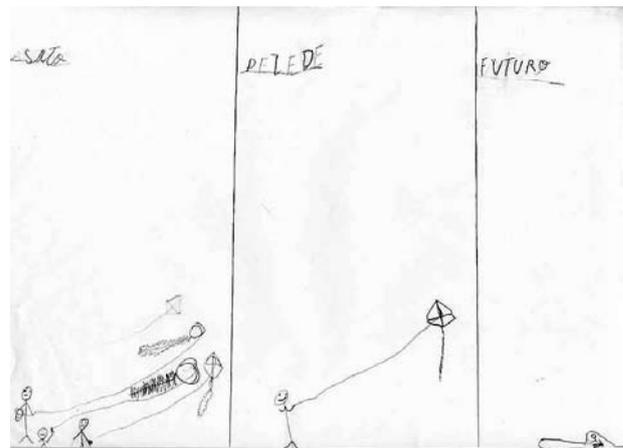
O estudante W.R.R. tem 11 anos e vive com a avó, a mãe, três irmãos e a tia. É o mais velho dos irmãos. Os pais são separados. A mãe cuida da tia de W.R.R. que é portadora de deficiência mental e a avó a remunera. O pai trabalha como motoboy entregando gás e encontra com os filhos constantemente. Na escola, gosta de estudar e brincar. Participa de uma oficina de circo.

A partir da análise das produções espontâneas dos estudantes e conforme os níveis de escrita apresentados por eles, podemos organizar dois grupos, segundo as hipóteses apontadas por Ferreira (2001). O primeiro grupo encontra-se na fase inicial de desenvolvimento da base alfabética, ou seja, os estudantes ainda não faziam uma relação entre letras/sons, mas elaboravam hipóteses sobre o sistema de escrita. Percebiam que desenho e escrita são coisas diferentes e que para escrever uma palavra necessitavam de um número mínimo de letras (sempre mais que três) e procuravam variar as letras (hipótese da quantidade de letras e da variação intra e inter figural). Os estudantes A.S.S.J; D.N.S. e A.R.C encontravam-se nesse grupo. Abaixo apresentamos um exemplo da escrita desse grupo.



Desenho 1: A. S. S. J. (não faz relação letra/som)

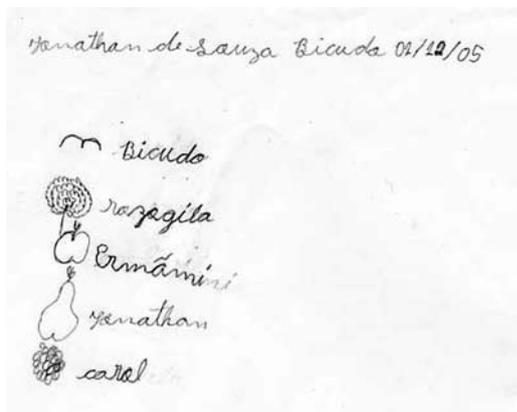
O segundo grupo encontra-se na fase da fonetização da escrita, ou seja, começaram a perceber as relações letra – som e descobriram que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores. Ainda encontram dificuldades na escrita de palavras que apresentam sílabas complexas (estrutura consoante – consoante – vogal e consoante vogal consoante) e na ortografia. Os estudantes J.S.B.; N.A.C e W.R.R encontravam-se nesse grupo. Abaixo apresentamos um exemplo da escrita desse grupo.



Desenho 2: W.R.R (fonetização da escrita)

A partir das intervenções realizadas nos grupos, percebemos os avanços na aquisição da escrita, conforme o exemplo abaixo das produções realizadas nos meses de maio e dezembro do estudante J.S.B.





Desenho 3: Análise comparativa de produções de J.S.B.

A partir da análise de desenhos e anamnese dos adolescentes verificamos que esses apresentavam alto nível de agressividade ou agressividade reprimida, sentimento de menos valia, busca de perfeccionismo, dificuldade para estabelecer contatos sociais devido à falta de confiança nos outros, dificuldade de perceber a diferenciação sexual. A figura materna, muitas vezes, aparece como representante da autoridade, outras vezes, aparece ausente e sem manifestação de afeto por avaliar o filho como um peso em sua vida ou mesmo deixa de dar atenção ao filho, devido à chegada de outros filhos e dificuldade para se incluir e se perceber como membro da família de origem.

Após a realização do diagnóstico, iniciamos o atendimento ao grupo na forma de oficina. As oficinas foram desenvolvidas durante nove meses, sendo dois encontros semanais com duração de duas horas cada. As atividades desenvolvidas voltaram-se para a reestruturação das identidades (atividade - consciência - atividade, sexualidade, projeto de vida, auto-imagem) e para o desenvolvimento do letramento. Tomou-se como referência os momentos propostos por Afonso (2000). Para cada encontro, o momento inicial era utilizado para aquecimento ou relaxamento; o segundo momento, para introdução do tema, discussão e um fechamento, sempre realizado a partir de orientações interativas.

No primeiro contato, foram estabelecidas as normas de funcionamento do grupo e do trabalho. A partir da discussão com os adolescentes sobre o que são regras, para que servem, o que é um grupo, para que serve, do que precisa para funcionar e existir, chegamos a uma lista das normas criadas pelo grupo, sendo elas: tratar bem os colegas, respeitar os professores, chegar no horário combinado, guardar o material usado, esperar a vez de falar, lavar as mãos antes de fazer as atividades, assentar na cadeira, não bater, não falar palavrão, não sair toda hora para beber água e ir ao banheiro, não atrapalhar a aula; não fazer bagunça; não brigar na sala; cuidar do material; não sair da sala sem pedir; não zombar do colega, evitar apelidos que o colega

não goste; não sentar ou subir na mesa; não ficar falando mal do outro.

O planejamento feito pelas coordenadoras do projeto junto com os estagiários visavam desenvolver atividades que fossem desafiadoras, motivantes e contextualizadas. Considerando que os sujeitos aprendem em situações de significação, as atividades desenvolvidas nos grupos foram organizadas a partir dos interesses e das práticas sociais de leitura e de escrita e visavam evidenciar os sentimentos, as hipóteses sobre a leitura e escrita e desenvolver a concentração e autonomia. As atividades desenvolvidas foram: elaboração das regras de convivência; construção de uma ficha de identificação pessoal; viagem induzida acompanhada de desenho de como cada um se imaginava na infância, no tempo presente e como vislumbrava o futuro; desenho livre; caça-palavras, salada de letras (letras embaralhadas que formavam palavras); produção do rap (com palavras propostas pelos estagiários e palavras e frases sugeridas pelos adolescentes); jogo da memória; produção escrita a partir da análise dos dados pessoais e de sua fotografia; reconto de histórias e filmes; leitura de um trecho da música Qual é? do cantor Marcelo D2; jogo da forca; leitura de bilhete, poesia e conto; resumo oral de história (estrutura narrativa), localização de algumas palavras no texto; diferenciação entre fotografia e auto-retrato; construção de ficha contendo os dados pessoais (carômetro); bingos de palavras; levantamento de questões sobre a sexualidade; exibição de filme didático sobre sexualidade e produção escrita do final da história; desenho sobre um dos finais do filme (o que mais gostou) e a escrita de uma palavra que represente o desenho; cruzadinha; leitura de textos informativos sobre as doenças sexualmente transmissíveis; elaboração do projeto de vida.

Tomou-se como paradigma para a elaboração das atividades os estudos sobre o letramento. Nessa perspectiva, a escrita é entendida como objeto cultural, não podendo estar desvinculadas de seu uso, ou seja, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. Assim, lemos ou escrevemos para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para emergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse. (Soares, 2003)

Outro aspecto destacado no projeto se refere ao sujeito da aprendizagem. Quem são esses adolescentes que não aprendem na escola? São pobres, meninos negros, cuja mãe desempenha o papel de única provedora do sustento da família. Na escola, adotavam uma atitude de desinteresse pelas atividades escolares e quase sempre ficavam vagando pela escola e apresentavam dificuldades de relacionamento e convivência, reflexo de um sentimento de discriminação e exclusão. Assim, os estagiários tiveram que desenvolver uma atitude de escuta e incentivar muito mais do que apontar erros. “Valorizar o processo de aprendiza-

gem significa perceber que o conhecimento é construído e que o não saber faz parte desse processo” (Gomes, 2005).

A partir dessa perspectiva e conforme experiência relatada por Leite (2005), também desenvolvida com adolescentes em processo de alfabetização, percebemos que a diversidade de atividades não é suficiente para garantir o envolvimento dos alunos, também rompemos com a idéia do projeto funcionar apenas como mais uma forma de “reforço escolar” para alunos com dificuldades de aprendizagem. Procuramos desenvolver um projeto que garantisse um momento de formação tanto para os adolescentes em processo de alfabetização quanto para os estudantes do curso de pedagogia e psicologia. Com o desenvolvimento do projeto, aprendemos muito sobre os adolescentes dos meios urbanos empobrecidos, aprendemos a entrar em seu mundo, descobrir seus interesses e a construir novas práticas que garantam a inclusão escolar.

Concluimos que houve avanço significativo no processo de alfabetização e letramento e na reestruturação da identidade, tais como: melhoria da auto-imagem dos adolescentes; modificação nas relações interpessoais: manifestação de afeto nas relações com os colegas, diminuição do limiar de frustrações; persistência nas atividades, redução da agressividade, insegurança e medo e, conseqüentemente, potencialização da auto-estima, demonstração de interesse pela leitura e para produzir textos.

Consideramos que o projeto atingiu parcialmente seus objetivos, devido à questão do limite do tempo, freqüência inconstante de alguns alunos, greve da rede municipal e das condições de infraestrutura, tais como: desorganização da escola para disponibilizar o espaço e mudança constante de sala para realização das oficinas. Todas essas dificuldades enfrentadas consistem no dia-a-dia das escolas. Realidade essa que a Pedagogia e a Psicologia precisam dar respostas e por não termos respostas prontas e acabadas é que continuamos motivados nesse desafio.

zação: lições de uma experiência. In: SOARES, Leoncio, GIOVANETE, Maria Amélia G.C. GOMES, Nilma Lino. Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão. Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, L. (org.) Oficinas em Dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. BH: Edições do Campo social, 2002, 151 p.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. Contextos de produção de sucesso-fracasso escolar: interações nas salas de aula. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v.11, nº. 65. set./out. 2005.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Escola, cultura juvenil e alfabeti-

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO DE VALORES PARA AS CRIANÇAS DE 02 A 06 ANOS DE IDADE EM UMA CRECHE NO BAIRRO CRUZEIRO

EQUIPE

Prof. MsC.Custódio Cruz de Oliveira e Silva (Mestre em Ciências da Educação) Curso de Psicologia (coord.)

Profa. MsC.Thais Estevanato (Mestre em Ciências da Educação) Curso de Pedagogia (coord.)

Patrícia Batista Mascarenhas (bolsista – Curso de Psicologia)

Valéria Dias de Avelar Melo (bolsista – Curso de Pedagogia)

OBJETIVOS

Geral:

Possibilitar à criança da educação infantil vivenciar nos âmbitos educativos da creche e da família, atividades pedagógicas e recreativas que valorizem o respeito mútuo, a solidariedade, a justiça e o diálogo.

Específicos:

- organizar o trabalho escolar no sentido de promover a formação dos valores morais
- Elaborar uma proposta de um sistema de atividades recreativo-pedagógicas voltado para a formação de valores destinadas às crianças, a partir do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e a proposta da UNESCO (Educação para Todos): APRENDER A CONVIVER;
- vivenciar no âmbito da creche, atividades recreativo - pedagógicas que valorizem o respeito mútuo, a solidariedade, mediadas pelo diálogo nas relações crianças, educadoras, gestoras e os familiares das crianças;

- resgatar a recreação, jogos e brincadeiras típicos da nossa cultura, para que a criança possa vivenciar a solidariedade, desenvolver sua auto-estima e auto-realização.
- sensibilizar a criança, através da recreação, para se decidir diante da diversidade de escolha, e do confronto de idéias, oportunizando conviver com valores advindos das questões e problemas sociais.

PÚBLICO-ALVO

- Área de cobertura: creche filantrópica localizada em sede própria no Bairro Cruzeiro/ município de Belo Horizonte - MG
- Público-alvo: crianças de 02 a 06 anos de idade
- Número e descrição do total de beneficiários (cerca de 100 pessoas)
- Diretos: 47 crianças
- Indiretos: familiares das crianças, educadoras e gestoras da creche
- Número de profissionais envolvidos: dois coordenadores do projeto (professores da universidade FUMEC); duas estudantes (bolsistas dos cursos de Pedagogia e Psicologia); gestoras e professoras da instituição; voluntários envolvidos: duas coordenadoras pedagógicas

RESUMO

Tendências da Educação Infantil

A educação infantil constitui a primeira etapa do processo educativo na vida de todo ser humano; e como tal deve estar voltada para o desenvolvimento da socialização, identidade, autonomia, confiança, auto-estima e corporeidade; através de atividades lúdicas e pedagógicas. Desta forma o trabalho desenvolvido em creches deve estar sempre voltado para uma orientação de atividades lúdicas e pedagógicas que tenham como meta o desenvolvimento desse ser humano em seus vínculos (crianças, educadoras, gestoras e família). Um processo de formação das crianças em seu desenvolvimento integral como pessoa e cidadão, contextualizado em sua trajetória sócio-histórica.

A sociedade contemporânea, denominada sociedade da informação e do conhecimento, preocupa-se na atualidade com uma proposta de educação voltada ao atendimento da diversidade cultural, que seja inclusiva e de qualidade e que desenvolva a cidadania e formação de valores.

Desta forma, as instituições de educação formal e não formal, assumem outras funções no ato de educar, como preparar a/os educandos para assumirem uma posição nesta sociedade, não se limitando à mera transmissão ou à construção de um saber fragmentado. Uma educação voltada para a formação de pessoas que possam compreender seu tempo e transformar seu entorno; cidadãos conscientes, capazes de viver a pluralidade cultural e social, exigidas para século XXI, conforme a proposta da UNESCO na concepção dos quatro pilares da educação: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*.

Neste sentido, torna-se clara a função da Educação: preparar o homem para viver em diversidade, a cidadania; tornando-se responsável pela formação de sujeitos capazes da construção de seu próprio conhecimento, buscando a formação de sujeitos-cidadãos autônomos, capazes de tomar decisões, de interpretar e interagir com o meio no qual estão inseridos, de forma consciente e solidária, pautada no respeito a si próprio e ao outro.

A partir desses princípios, a educação deve estender-se com essas qualidades, às classes populares, maioria da população brasileira, oportunizando e democratizando, através da educação, o direito ao trabalho, à cidadania e a melhores condições materiais e espirituais para a vida humana.

REFERENCIAIS CURRICULARES NACIONAIS

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. Cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos.

O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os

aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados.

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada.

As brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica.

É o adulto, na figura do professor, que, na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar. Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem.

Avaliação e análise da situação (prediagnóstico)

A partir das reuniões e das observações realizadas na instituição onde foi desenvolvido este projeto de extensão, diagnosticamos uma lacuna na elaboração do projeto político pedagógico da instituição. Em função desta falta de direcionamento com relação à proposta pedagógica, diversas situações foram relatadas pelas educadoras, tais como:

- As atividades pedagógicas não dão prioridade ao direito que as crianças têm de brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- Os conteúdos não são adequados às faixas etárias;
- As atividades são exaustivas sem um direcionamento com relação às intenções educativas;
- Faltam profissionais da educação na coordenação da instituição;
- Faltam reuniões com a equipe pedagógica.

PROPOSTA DE ELABORAÇÃO DO PPP

A partir destas análises ficou estabelecida a necessidade de re-lacionar o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil com o Projeto Pedagógico da Creche e da construção de um projeto político pedagógico condizente com a realidade da instituição.

Para isso foi preciso o grupo definir quais os conhecimentos e itens componentes assim como as possíveis formas para elaborar um PPP que atendesse ao Referencial Curricular Nacional e também às exigências da prefeitura de BH.

O grupo definiu como critérios para a elaboração do projeto:

- Montar um comissão (diretoria, Júnia, duas educadoras e dois pais) para realizar a primeira etapa do texto, consistindo em: função do documento; contexto e histórico da Creche; contextos das Creches no Brasil – políticas públicas – passando pela Creche Nosso Abrigo.
- Estabelecer a função da equipe do projeto de extensão como sendo a de assessorar a comissão responsável pela elaboração do projeto.

Implantação de atividades recreativo-pedagógicas

O 2º momento das atividades do projeto foi planejado a partir de observações e coleta de dados das bolsistas na creche (diagnóstico). Com o desenrolar das discussões, as educadoras relataram que:

- O respeito das crianças pode ser desenvolvido a partir das brincadeiras mas falta proposta para trabalhar o brincar (lúdico) em suas práticas;
- Precisam de um acompanhamento psicológico para as crianças mais agitadas;
- As reuniões com a equipe técnica (pedagoga e psicóloga) enriquecem o trabalho delas, fazendo um trabalho de supervisão mas só tem um profissional na área de educação;
- As atividades vêm prontas da administração (coordenações e gestão) para as educadoras e o que é imposto não considera o aprendizado da criança – os cadernos são cheios de atividades, porém as crianças não estão agüentando essa quantidade de atividades;
- Falta de liberdade para as educadoras criarem seus conteúdos, obrigando-as a se adaptarem ao modelo proposto;
- Existe uma lista com 160 tipos de elogios, aos quais as educadoras devem utilizar sem repetir o elogio de uma criança para outra;
- As educadoras se sentem perdidas, não sabendo o por quê de tantas atividades.

Formulação de um programa de capacitação de educadoras infantis

A avaliação final nos trabalhos deste projeto levaram a uma recomendação para prosseguimento de outro projeto para o ano de 2006 com o seguinte objetivo:

- Estabelecer um programa de formação pedagógica de educadoras de forma a desenvolver e preparar seu conhecimento, suas competências e habilidades orientadas para a promoção do desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças atendidas pela creche

METODOLOGIA

A metodologia proposta para o desenvolvimento do projeto foi iniciada com o levantamento e estudo da Revisão de Literatura do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil. Simultaneamente, foi realizada discussão da proposta inicial do projeto, com as gestoras da creche, visando a implementação do mesmo, voltada para a formação de valores. Em seguida, foi realizado um diagnóstico da realidade, tendo como instrumentos para coleta de dados a observação participante e a entrevista não estruturada, realizada com as educadoras e gestoras da creche, para que se pudesse conhecer a estrutura, organização e funcionamento da instituição. A análise dos dados diagnósticos era realizada simultaneamente à elaboração de uma proposta com a participação da equipe do projeto, das gestoras e educadoras da creche. Durante todo o processo a equipe se reuniu, semanalmente, na creche para implementação da proposta. As alunas bolsistas tiveram uma dedicação de 08 horas semanais divididas entre orientação, preparação e realização de atividades recreativas - pedagógicas; e visitas semanais à instituição; enquanto que os professores coordenadores tiveram uma dedicação de 5 horas semanais divididas entre orientação às alunas bolsistas, visitas e/ou reuniões semanais à instituição.

RESULTADOS ALCANÇADOS

A partir do diagnóstico realizado, foi elaborado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição com a assessoria da equipe do projeto de forma a contemplar os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (MEC), tendo como eixos norteadores o cuidar, o brincar e o educar. A execução deste projeto possibilitou a aproximação da Universidade FUMEC com seu entorno, e o estreitamento de relações profissionais da/os participantes da equipe com as da creche. E contribuiu também

para o estreitamento entre os dois cursos de graduação da Faculdade de Ciências Humanas - Pedagogia e Psicologia; pois tem propiciado a aproximação entre as áreas do conhecimento destes cursos, e a integração de conteúdos teóricos estudados pelas estudantes/bolsistas em seus respectivos cursos e a prática vivenciada ao longo do desenvolvimento do projeto. Outro ponto importante que deve ser destacado é a possibilidade de parceria que já se desponta como ponto positivo entre os cursos envolvidos neste projeto e a comunidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Phillipe. História Social da Criança e da Família. 2ª ed., Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BLANCO Pérez, A. Sociologia. Havana: ed. ISPEJV, 2001.

BRASIL - MEC - Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: ética.. 2ª ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2000, v. 8.

BRASIL - MEC – Secretaria de Educação Fundamental, Referências Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

CASTELLANOS SIMONS, Dóris. Los proyectos educativos: una estrategia para transformar la escuela. Havana, ed. ISPEJV: 2001.

DELORS, J. Educação um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 4ªed., UNESCO – MEC- Cortez: 2000

LIBÂNIO, José Carlos. Psicologia Educacional: uma avaliação crítica. in LANE, S. & CODO, W. (orgs.). Psicologia Social - o homem em movimento. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VYGOTSKI, L. S. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI – El desarrollo de los procesos psicológicos superiores. Barcelona: Crítica, 1979.

EXPOSIÇÃO SOBRE O RESULTADO DA PESQUISA: A IMPORTÂNCIA DAS ESCULTURAS PARA A POPULAÇÃO BELORIZONTINA – UM RESGATE DA CIDADANIA A PARTIR DAS OBRAS DE ARTE

EQUIPE

Prof.^a Rita Lages Rodrigues (coorda)

Alunas bolsistas:

Maria Paula Mangabeira (aluna do curso de Turismo – Gestão Hotelaria.)

Camila Diniz Junqueira Polatstscheck (aluna do curso de Design)

A atividade foi um desdobramento de atividade de pesquisa realizada para a FUMEC no ano de 2002, que posteriormente foi encaminhada, com uma nova proposta, para a Lei Municipal de Incentivo à Cultura (Fundo de Projetos Culturais) para ser executada no ano de 2004.

Foi apresentado um projeto para a contratação de dois estagiários que auxiliariam na execução do projeto dos cursos de Turismo e Design. As duas alunas aprenderam, juntamente à professora, como organizar um evento (caso do aluno do curso de turismo) e como elaborar a parte gráfica de banners a serem expostos (caso do aluno do design). A Universidade FUMEC também cedeu o espaço para a realização da exposição, o Laboratório de Hotelaria do prédio FACE 1, assim como o espaço de convivência da referida edificação.

Antes de se abordar a contribuição da Universidade FUMEC no que tange a execução da atividade extensionista em si, torna-se necessário mostrar o projeto em seu desenvolvimento.

Inicialmente, realizou-se um levantamento de esculturas no espaço público da cidade e da possibilidade de tais obras serem utilizadas como pontos turísticos em Belo Horizonte. Em segui-

da, foi apresentado um projeto à Lei de Incentivo à Cultura e realizou-se uma pesquisa buscando o significado de tais obras para parte da população da cidade. Delimitou-se o grupo a ser pesquisado: os trabalhadores do Serviço de Limpeza Urbana da Prefeitura de Belo Horizonte, trabalhadores que diariamente circulam em torno às esculturas do centro da cidade. Outros foram ouvidos, mas não constituem o grupo principal. Nesta fase do trabalho, foram contratados dois assistentes de pesquisa do curso de História da UFMG: Marcelo Lages Murta e Nelyane Gonçalves Santos.

Os cinco lugares que mostramos através da visão destes trabalhadores do centro são o Parque Municipal, a Praça da Rodoviária, a Praça da Estação, a Praça Afonso Arinos e a Praça da Liberdade. Estes espaços foram escolhidos pelos pesquisadores por possuírem grande concentração de esculturas, por serem públicos e por serem diariamente visitados por milhares de pessoas. São espaços que existem de forma diferenciada nas representações dos homens e mulheres que entrevistamos e servem como ponto de partida para analisar a recepção de esculturas no espaço público de Belo Horizonte por parte dos próprios habitantes da metrópole.

Através de relatos e fotos dos entrevistados, bem como de textos escritos, tomando sempre como ponto de partida as esculturas e praças, demos voz e cores ao centro de nossa cidade.

A exposição se intitulou Promessa de conhecimento, talvez de amor: visões das esculturas no espaço público de Belo Horizonte. Ao todo foram expostos dezessete banners, todos com projeto gráfico de Camila Diniz Junqueira Polatstscheck (aluna do curso de Design), contendo fotos e informações acerca dos espaços e trechos das entrevistas realizadas. Frisamos aqui a importância da participação da referida aluna, tanto no que se refere ao resultado final da exposição, muito superior ao resultado que teria sem a aluna, assim como no engrandecimento profissional da aluna, que pode juntar conhecimentos aprendidos em sala com o desenho dos banners.

A estudante do curso de turismo, Maria Paula Mangabeira, foi peça chave para o bom resultado do evento, sendo ela a responsável por executar tarefas como o contato com o buffet, o auxílio na montagem da exposição e a recepção aos convidados.

Como considerações finais, podemos relatar o sucesso da empreitada, pois conseguimos conjugar a pesquisa e a extensão da Universidade FUMEC, assim como o financiamento externo à Universidade. Outro ponto fundamental a frisar é a importância de realização de tais atividades para a existência da interdisciplinaridade com a integração de áreas distintas do conhecimento como História, Turismo e Design, aproveitando as aptidões de cada um dos envolvidos no projeto.

EXTRANET APLICADA AO ATENDIMENTO HOSPITALAR DOMICILIAR - SIMULAÇÃO DE UM HOME CARE PEDIÁTRICO

EQUIPE

Professor Coordenador: Paulo Henrique Vieira Magalhães, Doutorando em Engenharia Mecânica pela UFMG, Mestre em Engenharia de Estruturas pela UFMG, especialista em EAD pela UNICLAR/SP.

Professor Eduardo Carlos Tavares, Doutor em Medicina Área de concentração em Pediatria, pela UFMG, Mestre em Pediatria pela UFMG, Especialização em Pediatria pelo HC da UFMG e Sociedade Brasileira de Pediatria, Especialização em Neonatologia pela Sociedade Brasileira de Pediatria.

Huderson Nascimento Alencar e Odilon Vanni de Queiroz – Alunos do 8º. Período do Curso de Ciência da Computação.

OBJETIVO

O projeto de extensão “Extranet Aplicada ao Atendimento Hospitalar Domiciliar – Simulação de um Home Care Pediátrica”, desenvolvido ao longo do ano de 2005 na Universidade FUMEC, teve como objetivo o desenvolvimento de uma metodologia composta pelo desenvolvimento de aplicativos, aulas virtuais e presenciais, acompanhamento, suporte e treinamento de cuidadores domiciliares, como protagonistas do processo de implantação de uma “Home Care Pediátrica”, visando um atendimento domiciliar efetivo na promoção à saúde e qualidade de vida de pacientes.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Levantamento bibliográfico sobre o desenvolvimento e implementação de uma Home Care Pediátrica;
- Análise e investigação de estudos de caso sobre Home Care,

Pediatria e Extranet;

- Concepção, abordagem e redefinição da abrangência do projeto.
- Elaboração e estudo de uma metodologia de aprendizado mais eficaz;
- Definição e elaboração dos temas de maior relevância no atendimento domiciliar de emergência;
- Elaboração dos conteúdos de treinamento dos temas apresentados, compostos por:
 - Aulas Virtuais;
 - Questionários de avaliação pré e pós-treinamentos;
 - Aulas Presenciais;
 - Vídeos ilustrativos e iconografias interativas;
 - Acompanhamento.
- Avaliação do treinamento por duas metodologias distintas:
 - Avaliação do rendimento de alunos que participaram de treinamentos comuns, já existentes;
 - Avaliação do rendimento de alunos que participaram dos treinamentos propostos por este trabalho.
- Análise e comparação dos resultados obtidos nos treinamentos realizados.

DESENVOLVIMENTO

A metodologia apresentada neste trabalho seguiu o seguinte princípio: “que o homem é capaz de superar diversos desafios se e ele for dado o devido Amor e a devida atenção, no momento certo, pelas pessoas certas de forma digna e eficaz, em um ambiente que garanta sua satisfação”.

Partindo deste princípio, sabe-se que para a recuperação mais eficiente de qualquer ser humano que esteja enfermo, o ambiente domiciliar é o lugar mais adequado. Além disto, o posicionamento e o desejo dos familiares passam a assumir um papel fundamental e a integrar o roll de atividades que elevarão o grau de satisfação, nos momentos mais difíceis do paciente, tornando propenso a resultados positivos.

Além destes fundamentos não se pode tratar o atendimento hospitalar domiciliar sem a factível necessidade de treinamento dos familiares (cuidadores domiciliares) sobre os conhecimentos básicos de atendimento necessários para o acompanhamento eficaz do enfermo.

A fim de minimizar e facilitar esta aprendizagem, foi desenvolvida e apresentada uma metodologia interativa capaz de agilizar o processo de formação de cuidadores domiciliares.

Esta metodologia consta das seguintes etapas:

- Definição do tema a ser desenvolvido no treinamento;
- Elaboração de uma didática interativa de abordagem semi-presencial dos assuntos e atividades pertinentes ao tema;
- Elaboração do conteúdo a ser desenvolvido em uma linguagem dialógica;
- Criação de iconografias de aprendizado intercaladas por vídeos exemplificativos e exercícios on-line;
- Definição de módulos de acompanhamento e interação inter-cuidadores e instrutores domiciliares;
- Criação de um sistema adequado de interação com o hospital e com o médico que irá tutorar o andamento dos enfermos e cuidadores domiciliares.

Com o objetivo de exemplificar esta metodologia, foi desenvolvido um treinamento para cuidadores domiciliares que abordou o seguinte tema:

“Cuidados básicos de suporte à vida em pediatria em caso de Parada Cárdio-Respiratória e Obstrução das vias aéreas.”

Este treinamento é apresentado abaixo já no ambiente virtual com todas as atividades de interação propostas ao longo do processo, figuras (1.2 a 1.9).

A figura 1.1 apresenta um diagrama da abordagem didática do treinamento apresentada por esta metodologia.

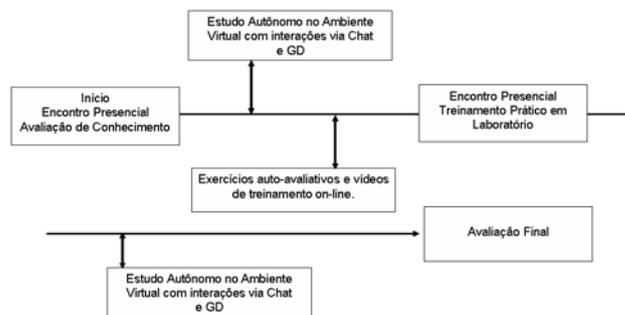


Figura 1.1 – Diagrama Didático-Pedagógico de aprendizado interativo.

A criação das aulas virtuais levou em consideração uma abordagem didático-pedagógica, construída através de uma linguagem dialógica, que procurou agregar ao processo ensino-aprendizado uma maior interação entre conteúdo, professor e aluno.

Esta abordagem visa agregar ao processo de aprendizado uma motivação extra, diferente das utilizadas nos processos tradicionais.



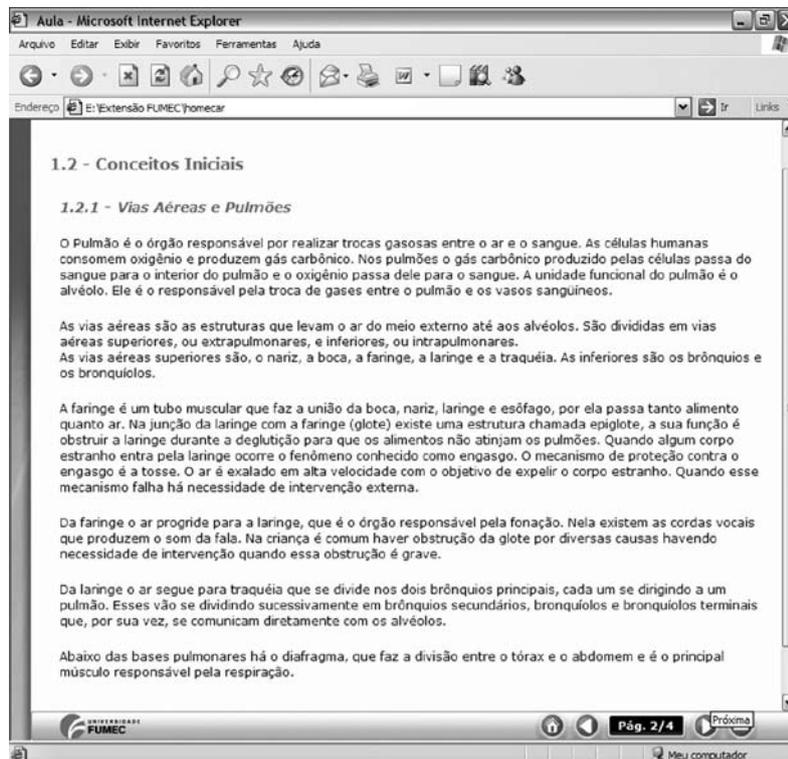


Figura 1.2 – Material virtual interativo produzido para o treinamento escolhido.

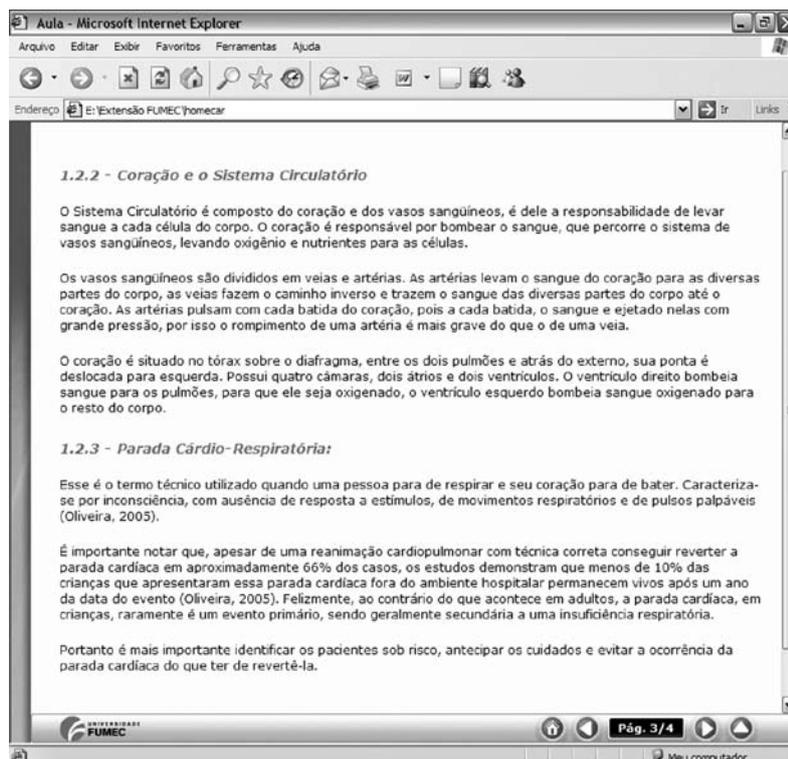


Figura 1.3 – Aulas virtuais sobre os conceitos básicos dos sistemas vitais de um ser humano.

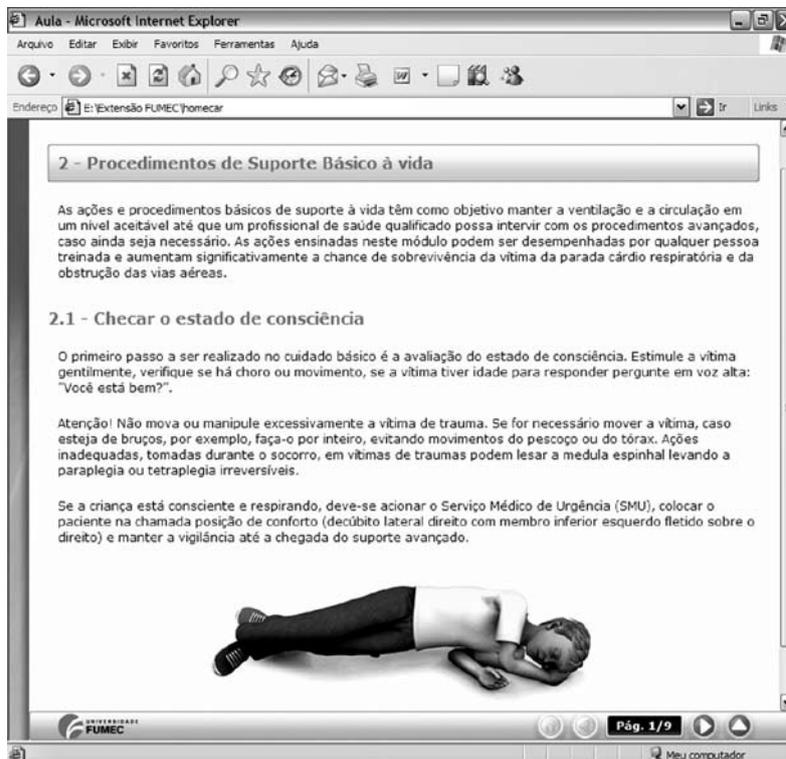
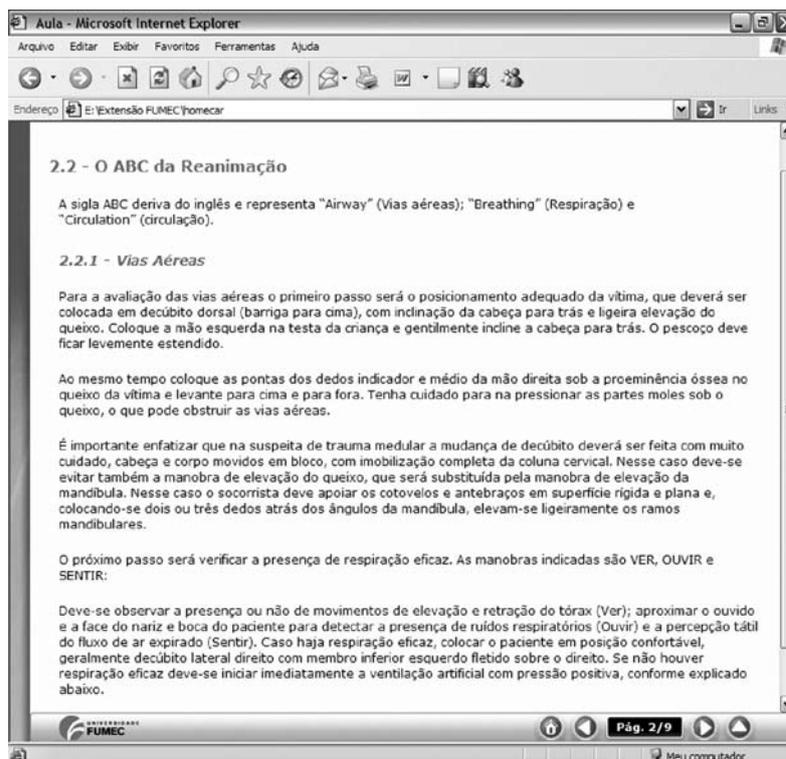


Figura 1.4 – Procedimentos de Suporte Básico à Vida.



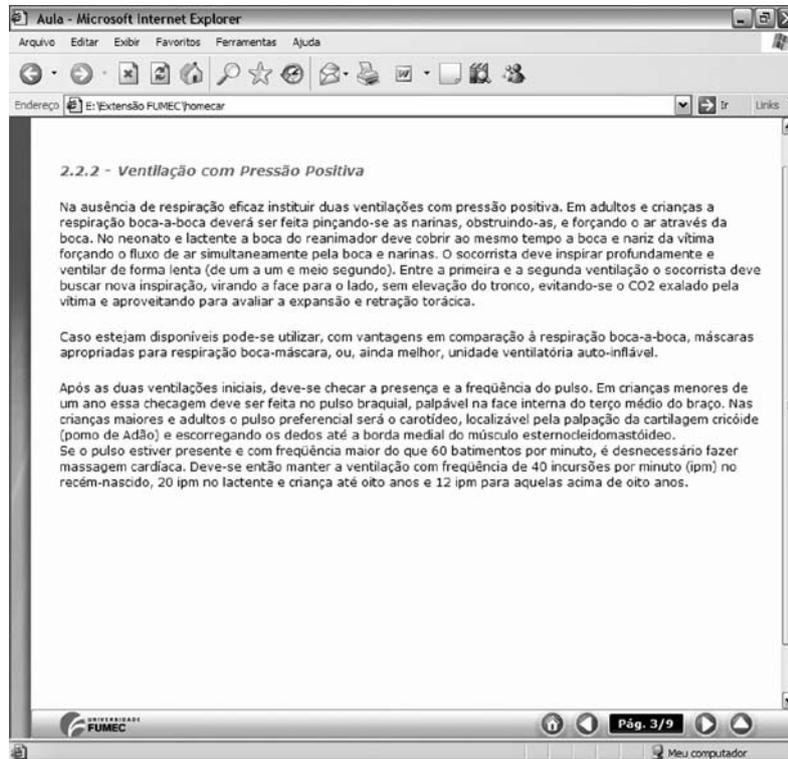


Figura 1.5 – O ABC da reanimação.

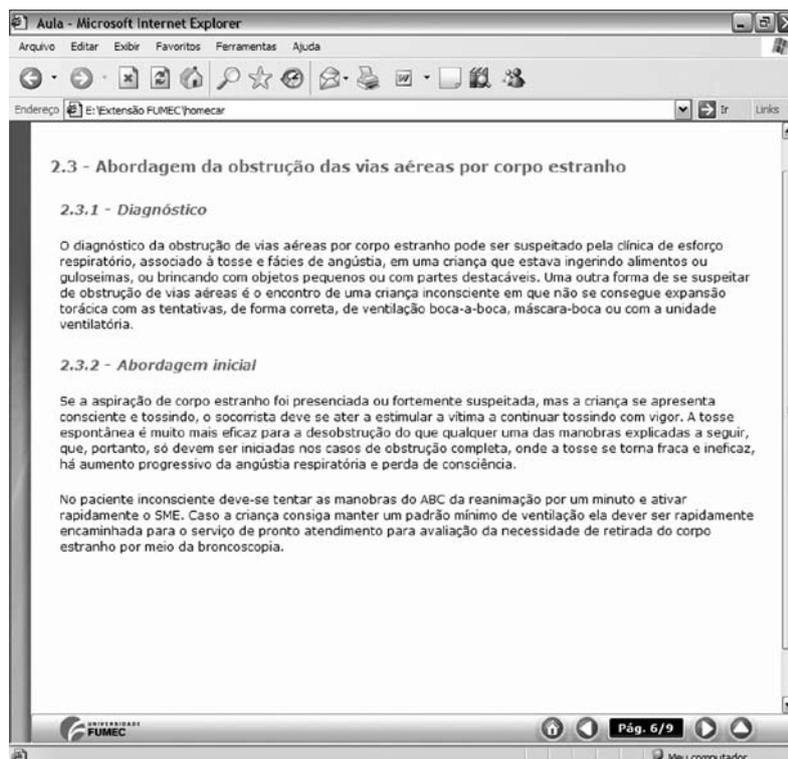




Figura 1.6 – Manobras para desobstrução das vias aéreas com animações e vídeos.



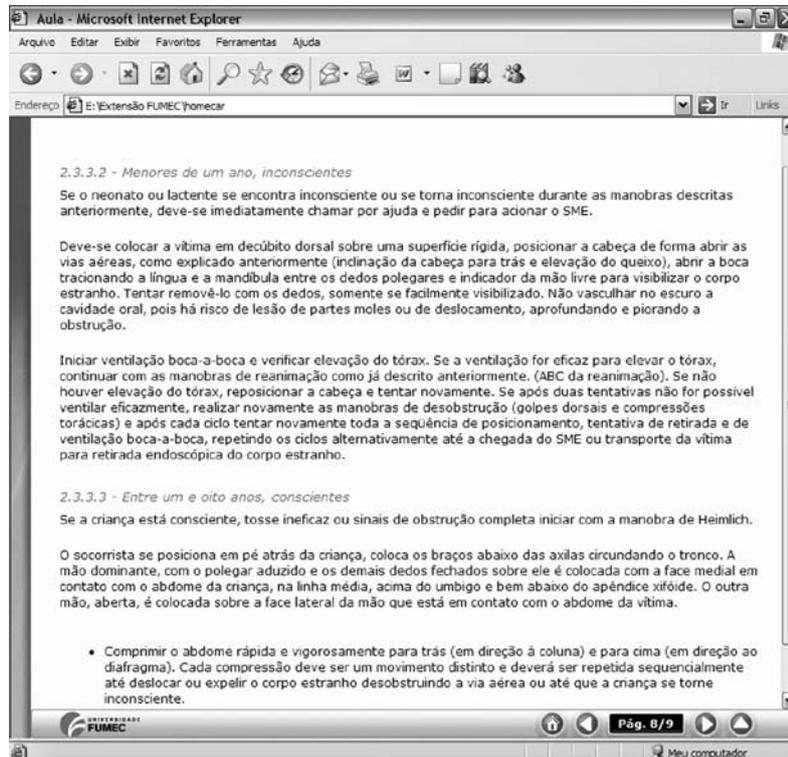
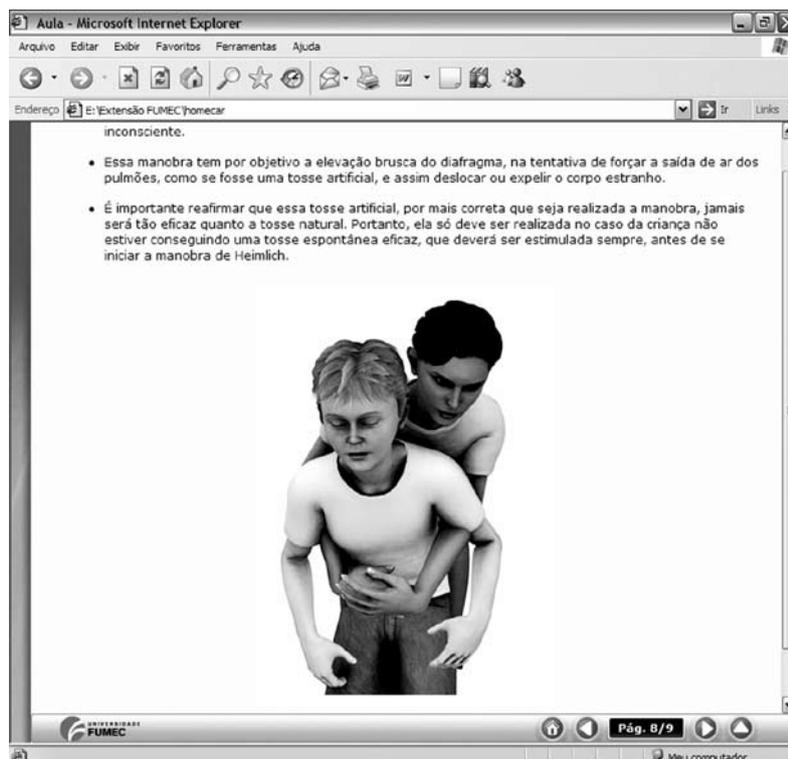


Figura 1.7 – Abordagens diferenciadas de manobras pela idade do paciente.



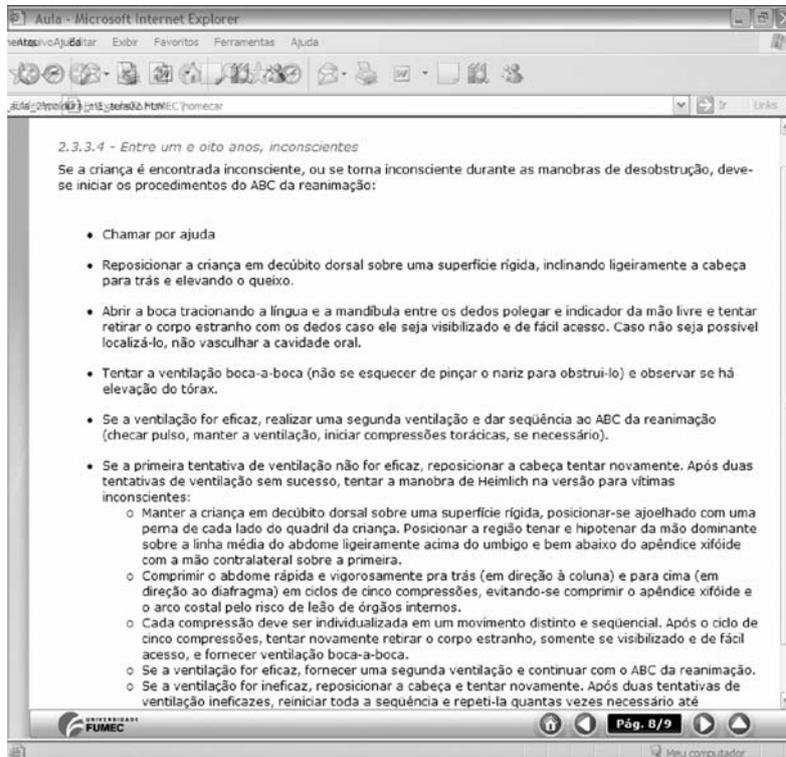


Figura 1.8 – Manobra de desobstrução das vias aéreas de adolescentes.





Figura 1.9 – Adolescente inconsciente e manobras aplicadas em adultos.

Para o levantamento de dados efetivos de utilização, mensuração e eficiência da metodologia proposta, serão criadas duas turmas de 5 (cinco) alunos, que ao longo do processo de treinamento participarão de aulas ministradas em duas metodologias distintas: a tradicionalmente utilizadas nestes tipos de treinamento (presencial) e a apresentada neste trabalho.

Para avaliação processual do grau de conhecimento adquirido pelos alunos, em cada uma das metodologias, será aplicado: uma avaliação inicial de balizamento que representará o nível de conhecimento em que se encontra cada aluno e uma avaliação final que representará o grau de conhecimento adquirido pelo aluno em cada metodologia de aprendizado aplicada.

Estes dados nos permitirão realizar uma análise de eficiência da metodologia proposta contra a metodologia usualmente utilizada.

CONCLUSÃO

Os cursos virtuais estão prontos, entretanto ainda necessitam de alguns ajustes nas iconografias produzidas e apesar das duas últimas etapas ainda estarem em fase de desenvolvimento, acredita-se que a metodologia apresentada ao longo do trabalho

servirá de auxílio na prática e aplicação de um atendimento hospitalar domiciliar.

É importante lembrar que o treinamento adequado do cuidador domiciliar e o desenvolvimento de um sistema de acompanhamento eficiente são dois pontos importantes no sucesso desta metodologia de Home Care.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade FUMEC, que através do seu setor de extensão possibilitou o desenvolvimento deste trabalho nos ambientes internos da FACE e da FCS. Aos profissionais de design instrucional Rodrigo Tito e Gabriel, que através de seu trabalho de criação das iconografias de aprendizado, possibilitou o enriquecimento do material didático pedagógico. Aos alunos que participaram do projeto em suas várias etapas: desenvolvimento, implementação, treinamento e análise dos resultados, e que contribuíram com seu tempo para com os objetivos deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbas AP, Santos WF. Obstrução de Vias Aéreas por Corpo Estranho. In: Melo MCB, Vasconcelos MC (org). Manual de Atenção às Urgências e Emergências em Pediatria. Belo Horizonte, ESP-MG, 2005 : 221-230

American Academy of Pediatrics, American Heart Association. PALS - Provider Manual. 2002

American Heart Association, International Liaison Committee on Resuscitation (ILCOR). Guidelines 2000 for cardiopulmonary resuscitation and emergency cardiovascular care. Part 9; Pediatric Basic Life Support. Circulation, 2000, 102 (suppl. I):253-290.

Melo MCB, Vasconcelos MC, Guerzoni MTG. Atendimento à Parada Cardiorrespiratória. In: Melo MCB, Vasconcelos MC (org). Manual de Atenção às Urgências e Emergências em Pediatria. Belo Horizonte, ESP-MG, 2005 : 27-36

FUMEC / CEPEP : PROJETOS & CIDADANIA II

EQUIPE

Antonio Carlos Viana Silva, Engenheiro Civil com Mestrado em Estruturas; professor dos Cursos de Engenharia Civil e de Engenharia de Produção Civil – Coord.

Bárbara Vaz Terlizzi, aluna do 8o período do curso de Arquitetura e Urbanismo (Aluna bolsista);

Berenice Jordana Ribeiro de Oliveira, aluna do 7o período do curso de Engenharia Civil (Aluna bolsista);

Glenda Natalie Serpa, aluna do 9o período do curso de Engenharia Civil (Aluna bolsista);

Oswaldo Gomes Vieira Júnior, aluno do 10o período do curso de Engenharia Civil (Aluno bolsista).

Agamenon Fábio Lustosa, aluno do 10o período do curso de Engenharia Civil (Aluno voluntário);

Sandra Correa Piau, aluna do 8o período do curso de Engenharia Civil (Aluna voluntária);

Andrea Lúcia Vilella Arruda, professora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Engenharia Civil (Professora colaboradora);

José Carlos Ervilha , professor do curso de Engenharia Civil (Professor colaborador);

OBJETIVO

Integrar a teoria à prática aplicando os conhecimentos adquiridos pelos alunos dos cursos de Engenharia Civil e de Arquitetura e Urbanismo da Universidade FUMEC em uma situação real. A reforma e a ampliação de uma creche, que realiza o atendimento a crianças carentes da região, com uma estrutura física incompatível com a necessidade e qualidade desejada. Essa instituição foi alvo para o desenvolvimento desse trabalho.

Dar continuidade ao primeiro projeto de extensão, FUMEC / CEPEP: projetos & cidadania I, realizado no ano de 2004, quando foi executado o projeto de arquitetura da creche, resultando nos projetos de ampliação das suas instalações físicas, das áreas do refeitório, cozinha, área administrativa e também das salas de aula. Continuidade essa, dada pela elaboração de projetos complementares, tais como elétrico, hidráulico e estrutural.

METODOLOGIA

Entrevistas e levantamento físico;

Visitas;

Elaboração de estudos preliminares;

Adequação do projeto de arquitetura;

Elaboração dos projetos hidráulico, elétrico e estrutural.

CEPEP

O CEPEP, Centro Educacional Prof. Estevão Pinto, foi criado em 1956 pela família do Prof. Estevão Pinto, que separou parte da chácara onde residiam, para fundar uma instituição filantrópica de amparo às crianças filhas de mães pobres da região.

Localizado no bairro da Serra, à rua Dona Cecília 280 e 340, ocupa uma área de 5800m². Funciona de Fevereiro a Dezembro, em horário integral das 7:30 às 17 horas. Atende aproximadamente 700 crianças carentes com faixa etária entre 6 e 12 anos. Possui quatro prédios, denominados blocos A, B, C e D, quadra poliesportiva coberta, quatro parques infantis e pátios para recreação.

O CEPEP promove o crescimento harmonioso das crianças das famílias carentes do bairro, buscando através do atendimento às suas necessidades básicas, concretizar o direito às oportunidades de acesso aos bens sócio – cultural – educativo, necessários ao desenvolvimento humano.

Além do programa sócio educativo, a instituição desenvolve outros programas, como: “Programa Nutrição”, oferecendo aproximadamente 2000 refeições diárias, nutritivas e balanceadas , “Programa de Saúde”, que oferece atendimento clínico de enfermagem, odontologia e pediatria para essas crianças e assistência as famílias dos alunos. Desenvolve melhoria de qualidade de vida, com o “Projeto Sanitário” e o “Projeto Água Pura”.

Inicialmente, a creche atendia cerca de 60 crianças. Esse número foi crescendo ao longo dos anos e hoje atende à quase 700 crianças. O aumento operacional provocou a necessidade de ampliação de suas dependências para um melhor atendimento. Portanto o CEPEP e a Universidade FUMEC, desde 2004, fizeram uma parceria para o desenvolvimento dos projetos arquitetônico e complementares da reforma e da ampliação das instalações do bloco A da instituição, objeto desse trabalho.

PROJETOS

A ampliação da creche, contempla a demolição de uma parte existente no bloco A, para a construção de novas dependências, ocasionando um acréscimo de área construída. Esse novo prédio terá dois pavimentos. No pavimento térreo serão construídos a cozinha, uma câmara fria, o almoxarifado central, uma varanda, uma sala de televisão e o vestiário. No segundo pavimento, serão construídos a lavanderia, rouparia, escada e pátio de secagem.

A reforma da parte já existente engloba o novo refeitório, as salas de aulas e toda a área administrativa, como a sala da diretoria, recepção, tesouraria, sala de atividades, gerência e banheiros, totalizando uma área de construção de aproximadamente 744 m².

O escopo desse trabalho a princípio estava limitado em elaborar os projetos complementares da região a ser construída e reformada, acima mencionada, como os projetos elétrico, hidráulico e estrutural, que deverão ser executados respeitando a solução adotada pelo projeto arquitetônico, elaborado no ano de 2004. Entretanto, no início do ano de 2005, a diretoria da instituição fez algumas alterações no lay out, forçando uma atualização no projeto arquitetônico já finalizado.

Com o novo acréscimo, esse trabalho ficou dividido em três fases distintas:

FASE 1: Reajuste do projeto arquitetônico, considerando as novas alterações solicitadas pela creche.

FASE 2: Elaboração dos projetos complementares, constituídos dos projetos hidráulico, elétrico e estrutural da parte que será totalmente demolida para a construção de dois novos pavimentos.

FASE 3: Elaboração de projetos complementares para a reforma das dependências existentes da creche.

O projeto estrutural da fase 2 foi dividido em duas opções: uma em estrutura de concreto e a outra em estrutura metálica. Essa decisão proporciona a instituição uma maior flexibilidade para optar a solução que melhor atende as suas necessidades. Se por um lado a solução de concreto apresenta um custo menor, por outro lado a estrutura metálica dará a instituição rapidez e eficiência na execução da obra, além das dimensões reduzidas de seus elementos estruturais.

O projeto de estrutura metálica utiliza perfis eletrossoldados, com o aço US1 CIVIL 300 ($f_y \square 300$ MPa). As vigas foram calculadas como vigas mistas, onde parte da laje trabalha junto com o perfil metálico, proporcionando uma grande economia, com altura variando entre 300 a 400 mm. O sistema de estabilidade do prédio é feito através de dois pórticos no sentido transversal e de um pórtico no sentido longitudinal.

Na solução em concreto, foi considerado $f_{ck} \square 25$ MPa e aço CA-50 para a armadura, com as dimensões de vigas de 20 cm de largura e altura variando entre 40 a 55 cm e os pilares com dimensões de 20 x 20 cm. A laje considerada foi a moldada in loco com espessura de 10 cm. O cálculo da laje foi feito de maneira que atendesse as duas opções estruturais.

O projeto elétrico, foi desenvolvido para atender as exigências de iluminação, valorizando o patrimônio arquitetônico e criando soluções que possibilitem o uso do espaço em situações distintas com iluminação diferenciada. Possibilita o uso de tensões de 127V e 220V e prevê sistemas de comandos de luz compatíveis com as necessidades locais. Considera ainda tomadas e pontos com fio terra, circuitos individualizados para melhor controle e manutenção, prevenção de DR (Interruptor Diferencial Residual) para proteção contra choques elétricos nas área molhadas (cozinha e banheiros) e desenvolve estudos prevendo o fornecimento de energia em baixa tensão, evitando desta forma a construção de uma subestação no local.

Na fase 3 será desenvolvido um projeto de reforço da laje, nas regiões onde for houver necessidade, através da colocação de vigas metálicas.

Todos os projetos foram desenvolvidos segundo as normas da ABNT, com o objetivo de apresentar resultados mais econômicos, com segurança e eficiência.

RESULTADOS

Pode-se considerar que a elaboração dos projetos de arquitetura e de engenharia para uma creche que atende crianças pobres, apresentaram resultados satisfatórios atendendo os objetivos iniciais. Os alunos atuaram como verdadeiros engenheiros e arquitetos, resolvendo problemas e achando soluções mais econômicas e eficientes de uma situação real. Por outro lado, o atendimento as necessidades de uma instituição filantrópica que beneficia uma comunidade carente, que muitas vezes lhe são negados os direitos do ser humano.

Esse projeto, prova que ser engenheiro ou ser arquiteto é muito mais que desempenhar as funções técnicas, é também exercer os deveres de cidadão.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
NBR 5410 – Instalações elétricas de baixa tensão.2004
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
NBR 5626 – Instalações prediais de água fria
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
NBR 6118 – Projeto e execução de obras de concreto armado.
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
NBR 6120 – Cargas para o cálculo de estruturas de edificações.
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
NBR 6123 – Forças devidas ao vento em edificações.
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
NBR 8160 Sistemas prediais de esgoto sanitário – Projeto e execução.
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
NBR 8800 – Projeto e execução de estruturas de aço de edifícios. Rio de Janeiro, 1986.

FUMEC NO PARQUE

EQUIPE

Prof.^a Giselle Delboni Penna (coord.)

A idéia de um projeto de extensão no Parque Ecológico Vale Verde se deu a partir de uma conversa informal entre as partes. Unir intenções em ações criativas de desenvolvimento, tanto para o empreendimento quanto para o futuro profissional em formação. De um lado, a Universidade como celeiro de profissionais jovens e arrojados, na outra ponta um verdadeiro laboratório com inúmeras possibilidades em diversas áreas.

Assim começou a proposta de uma parceria rica e sólida, embasada em uma relação ganha-ganha. A proposta previa um envolvimento da Universidade como um todo, não se tratava aqui de uma ação isolada para o curso de Turismo ou para a Faculdade de Ciências Empresarias – FACE. Conforme listado no projeto, diversos cursos poderiam somar ações práticas às aulas teóricas. São exemplos de conversas ventiladas em reuniões a construção de um Laboratório Bio-Construção, organização de grupos teatrais e apresentação de corais, a manutenção de um quiosque informativo no parque, estudos de viabilidade da construção de um hotel na área do parque, envolvimento junto a maternidade de aves e seus viveiros e muitas outras.

Atualmente, muito vem se falando sobre a interdisciplinaridade ou o trabalho em conjunto de equipes multidisciplinares. A observação por focos diferentes, a partir de estudos em áreas isoladas porém que se completam, enriquece o trabalho e possibilita ganhos incalculáveis.

No entanto, problemas de gestão de trabalhos integrados surgem num âmbito também maior. A ajuda e influência contínua por parte da coordenação dos projetos torna-se imprescindível. A elaboração seguida da apresentação do projeto, foi uma iniciativa de professores do Curso de Turismo, onde os coordenadores da FACE tiveram a oportunidade de acompanhar as intenções e se certificar das oportunidades.

A divulgação do projeto não aconteceu como previsto, apesar de várias tentativas de apresentação da parceria, bem como, do rico potencial do Parque, os objetivos de integração não foram alcançados. Apenas os cursos de Turismo e Design de Moda aproveitaram, mesmo assim minimamente, o que o Parque oferece.

Para os alunos do curso de Turismo, a distância do Parque e o fato dos eventos acontecerem aos finais de semana foi visto como fator impeditivo. Fato este, que surpreendeu a coordena-

ção do projeto e os gestores do Parque. O maior aproveitamento partiu da turma do oitavo período (1º semestre de 2005) que desenvolveu excelentes trabalhos no Parque.

Outros pequenos grupos, participaram de atividades especiais como: congressos no parque, gincanas em datas comemorativas, dia do meio ambiente, entre outros.

No geral, a parceria entre a Universidade Fumec e o Parque Ecológico Vale Verde foi uma excelente iniciativa, onde ambos obtiveram ganhos.

A idéia de transformar o projeto de extensão em um programa que beneficie a Universidade como um todo permanece acesa, sendo um debate a ser colocado em pauta. A integração multidisciplinar sempre será o objetivo maior, onde todos ganham através da troca de conhecimentos e os trabalhos se completam.

I SEMINÁRIO VIRTUAL DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE CIÊNCIAS, GEOGRAFIA E HISTÓRIA MEDIADAS POR TECNOLOGIAS INTERATIVAS

EQUIPE

Profa. Valéria de Oliveira Roque Ascensão (coorda.) – Doutoranda em Geografia pelo IGC/UFMG, professora do curso de Pedagogia

Prof. Eucídio Arruda – Doutorando em Educação pela FAE/UFMG, professor do curso de Pedagogia e Sequencial Cuidador de Idosos da FCH/FUMEC

Profa. Luciana Resende Allain – Mestre em Educação pela FAE/UFMG e professora do curso de Pedagogia da FCH/FUMEC)

Beatriz Garcia (8º período do Curso de Pedagogia – aluna bolsista

As discussões sobre tecnologias digitais (TD) na educação não são tão recentes quanto parecem as próprias tecnologias como Internet, softwares, entre outras. Apesar disso, estudos de análise do uso empírico das TD no ensino são mais comuns a partir da década de 1990, pois é neste período que temos uma maior disseminação e acesso a tais meios comunicacionais, ocasionados principalmente pela diminuição do custo dos equipamentos informáticos.

A literatura referente a esse campo indica que, apesar da ampla disseminação tecnológica, na escola ainda persiste uma interpretação muito mais ligada à questão técnica. De acordo com Arruda (2004), as tecnologias digitais são tratadas no âmbito escolar somente no seu aspecto de produção de técnicas e ferramentas, limitando a presença das tecnologias tão somente aos chamados “recursos” didáticos, como quadro, giz, aparelhos, livros didáticos. Deixa-se de observar aspectos muito mais amplos de introdução de tecnologias no ensino. Na verdade, as TD oferecem novas possibilidades de aprender e devem deixar o estatuto de simples auxiliar (na aprendizagem) para tornar-se centro de uma outra forma de aprender.

Muito mais do que elementos inovadores no processo de ensino-aprendizagem, as novas tecnologias significam uma nova ma-

neira de nos comunicarmos, de estabelecermos uma linguagem, mas não uma forma de simplificarmos a mesma, uma vez que à medida que o homem desenvolve diferentes mecanismos de linguagem, esta se torna cada vez mais complexa. A tela do computador não é espaço de irradiação, mas ambiente de adentramento e manipulação, com janelas móveis e abertas a múltiplas conexões. “Essas tecnologias produzem sentido e significados sob diversas formas, por meio de registros semióticos distintos: linguagem natural, linguagens visuais, audiovisuais, textos-visuais etc.” (PERAYA: 2002, 30)

Bianchetti (2001) acredita que as novas tecnologias tornam o processo educativo policêntrico e difuso, trazendo conseqüências para o surgimento de outros processos educativos e novos agentes pedagógicos, além daqueles representados pela escola, crescendo em importância as aprendizagens no próprio local de trabalho. Para ele, a informatização da sociedade estaria promovendo uma ‘pedagogização’ da vida cotidiana.

Essa nova configuração enuncia também novos paradigmas de aprendizagem, uma vez que a comunicação sem fronteiras espaço-temporais cria novas maneiras do sujeito estabelecer contatos com a aprendizagem, em tempo instantâneo.

A presença das TD na prática escolar mostra-se relevante tanto numa perspectiva educacional mais genérica, como também no desenvolvimento de análises pautadas pelos conhecimentos trabalhados pelas disciplinas de Ciências, Geografia e História.

Segundo nos alerta Mello (1998), a incorporação de TD no ensino de ciências naturais ainda é precária, já que muitos professores de ciências ainda estão excluídos das possibilidades dessas tecnologias, ou, quando muito, fazem uso das mesmas de acordo com o modelo de ensino centrado na transmissão-recepção, o que torna esse ensino reducionista. Portanto, pensar na incorporação das TD na educação pressupõe a reflexão sobre o que se deseja com o ensino de ciências. Para Giordan (1998), no contexto atual a educação científica deve ser colocada a serviço do desenvolvimento plural de habilidades através das quais o aluno pode refletir criticamente, posicionar-se e tomar decisões sobre questões locais e globais, onde tanto os elementos cognitivos quanto os atitudinais são importantes na composição de um espectro amplo dessas habilidades.

A diversidade de processos cognitivos e atitudinais presentes na vivência dos procedimentos científicos parece ser fundamental para o desenvolvimento do raciocínio lógico-abstrato, da linguagem científica, do estabelecimento de relações de causalidade, da tomada de decisões individuais e coletivas, da cooperação entre os pares, etc. Argumenta-se que as TD, quando concebidas em suas múltiplas possibilidades, podem tornar-se um meio rico para o desenvolvimento dessas habilidades, tão importantes para o ensino de ciências.

Da mesma forma, as produções no campo do ensino de História têm apresentado lacunas quanto ao uso de TD pelos professores que ministram esse conteúdo. No entanto, autores como Carbonari (2001), salientam a importância de se repensar o ensino de História em um contexto de desenvolvimento dinâmico de tecnologias, visto que é cada vez mais difícil o trabalho com o tempo histórico ou a dimensão do passado em uma sociedade centrada no efêmero.

Cardoso (s.d.) afirma que nos dias de hoje os historiadores vivem com o problema do surgimento da “abundância de acontecimentos” e excesso de informações – o que pode gerar um grande desnorteamento nos sujeitos.

As transformações no campo tecnológico, social, político e cultural, apresentam-se tão dinâmicos e o presente é tão valorizado, em detrimento de um passado “obsoleto”, que corremos o risco de transformar a História em algo “irrelevante” para a sociedade. Daí reside a importância da discussão sobre as implicações das TD no ensino de História.

Segundo Tenedório (2002), na atualidade a organização espacial forja-se a partir de uma nova perspectiva cultural posta pela introdução das TD nos grupos sociais. O referido autor afirma que, muito além de uma dimensão técnica, as novas tecnologias trazem um novo contorno para a compreensão espacial, pois, intensificam as interpenetrações espaciais a medida que as possibilidades de comunicação colocam em contato diferentes organizações culturais. É sob esse prisma que as análises geográficas deverão ser elaboradas.

As recentes orientações postas para o ensino de Geografia, presentes em documentos oficiais, tais como os PCN(s), como também na literatura específica dessa área (BRAGA, 1996; CAVALCANTI, 2002), apontam para um trabalho que supere a descrição e localização de elementos geografizáveis (humanos e físicos). Pretende-se, através dessa disciplina escolar, favorecer, junto aos educandos, o desenvolvimento de uma lógica que permita a espacialização das questões sociais marcadas pela relação contínua e constante, entre as escala global e local. Os docentes, a fim de desenvolverem um projeto educativo nessa perspectiva deverão, portanto, ter clareza quanto a amplitude

das TD para além de um instrumental técnico e seu comprometimento no que tange a estruturação social. A utilização de softwares pode oportunizar aos educandos a manipulação de espaços reais e ou virtuais objetivando o entendimento da articulação sociedade/natureza na construção do espaço geográfico. Tal uso poderá favorecer a reflexão acerca da localização e ação espacial de diversos fenômenos geografizáveis, tais como, a industrialização, o desmatamento, a violência, a organização de centros de lazer, entre outros⁹.

É nessa perspectiva que se insere esse projeto de extensão, cujo amplo caráter amplo visou proporcionar não somente trocas de experiências entre os professores das referidas disciplinas na educação básica através de fóruns, chats, seminários virtuais, como também atividades presenciais do tipo Workshops e palestras, buscando ampliar as discussões sobre o papel das TD no cotidiano de nossa sociedade.

Importante salientar a relevância do referido projeto, uma vez que, conforme explicitado anteriormente, as Tecnologias de Informação e Comunicação vêm transformando de maneira muito veloz todo o cotidiano dos sujeitos. Com a escola básica não é diferente, uma vez que ela está circunscrita numa realidade mais ampla. Dessa forma, torna-se necessário para os docentes repensarem suas práticas pedagógicas em função da introdução de TC no seu cotidiano. A utilização mais aperfeiçoada das TD deve levar em conta, principalmente, fatores como a cotidianização destas tecnologias no nosso mundo.

Além disso, cabe destacar seu aspecto aproximativo entre os profissionais da educação básica, seus alunos e a Universidade FUMEC, que pode se tornar uma referência de grande relevância quanto às discussões das TD na escola.

A realização do I Seminário de Práticas Pedagógicas de Ciências, Geografia e História¹⁰, atividade ligada a esse projeto de Extensão da FCH/FUMEC foi um evento que contou com a participação de 315 inscritos, dentre os quais, professores de Ciências, Geografia e História da educação básica, coordenadores pedagógicos, professores de informática, alunos de graduação e pós-graduação.

⁹ Torna-se necessário destacar que, a opção, nesse projeto, por professores vinculados às disciplinas de Ciências, Geografia e História, apóia-se no reconhecimento de aspectos idiossincráticos a cada um desses campos frente à análise do real junto aos educandos. Tais distinções exigem, para seu reconhecimento, um aprofundamento acerca dos rumos assumidos por esses campos do saber ao longo de seu desenvolvimento escolar. O fato dos pesquisadores envolvidos na presente proposta, terem sua formação inicial, bem como, trabalhos de pesquisa relacionados a essas três áreas vem favorecer tal aprofundamento, julgado capital, para o estabelecimento de um diálogo foco sejam os saberes docentes em conteúdos específicos, mediados pelas TD. Afinal, sobretudo a partir da década de 1990 as disciplinas de Ciências, Geografia e História, em seu formato escolar, vêm sofrendo análises críticas cujo objetivo é a aproximação desses conteúdos de ensino à realidade dos educandos, a fim de que esses, consigam compreender o contexto no qual se inserem, tomando por base referenciais científicos presentes nessas disciplinas.

¹⁰ O I Seminário de Práticas Pedagógicas de Ciências, Geografia e História mediadas por computadores, bem como de todo o projeto de extensão contou com ampla colaboração da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC e com apoio do Simpro, do Sindi-Ute e da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte para sua divulgação junto aos docentes da educação básica do estado de Minas Gerais. Implicações das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação nas práticas pedagógicas de Ciências, Geografia e História: um recorte pedagógico e comunicacional. Financiamento: Funadesp/FUMEC

O seminário foi organizado de forma semipresencial: dois momentos presenciais com palestras envolvendo especialistas dos campos e relatos de experiência dos professores. No intervalo entre esses dois momentos presenciais, durante um mês ocorreram discussões virtuais orientadas pelos professores organizadores do evento.

Ao final do I Seminário de Práticas Pedagógicas mediadas por computadores, chegou-se aos seguintes resultados:

- Confirmou-se a pouca apropriação das tecnologias digitais nas práticas de ensino das disciplinas em questão;
- Identificou-se a dificuldade dos participantes em dialogar com textos e questões teóricas ligadas às práticas de ensino;
- Identificou-se, também, uma expectativa dos participantes em adquirir uma orientação mais diretiva para as suas práticas, como um “receituário” que os permitissem usar efetivamente as tecnologias digitais em sala de aula;
- As experiências apresentadas indicaram que o uso do computador se mantém em uma “transposição” de ações pedagógicas convencionais para o meio digital;

Paralelamente a esse projeto extensionista, o grupo de coordenadores dessa atividade, desenvolveu uma pesquisa sobre essa mesma temática. Os dados preliminares colhidos nessa investigação foram também compartilhados com os participantes do evento por ocasião de sua abertura. Como ainda é desconhecido o modo como as tecnologias digitais são apropriadas pelos professores, acredita-se serem necessárias maiores discussões sobre o campo para saber o que pensam os docentes e como esses articulam seus saberes ao lidarem com as TD, de maneira a fornecer pistas sobre esse uso.

Nessa perspectiva, Certeau (1994) torna-se cada vez mais atual, quando discute os usos e apropriações que os sujeitos fazem dos meios tecnológicos, ainda que o mesmo fale de um tempo no qual as tecnologias mais interativas não existiam. As tecnologias de informação e comunicação, por mais que sejam direcionadas a públicos “massa”, de forma homogênea, alcançam os sujeitos de formas completamente singulares.

Sob essa ótica, o entendimento das implicações das tecnologias digitais nas ações pedagógicas dos professores de Ciências, Geografia e História talvez passe menos pela análise de suas práticas propriamente ditas do que pela forma como essas tecnologias tornam-se elementos mediadores/formadores de culturas. Ou seja, a tecnologia, mesmo não sendo aplicada diretamente dentro da sala de aula, pode permitir ao professor mudanças de perspectiva de aprendizagem, formação ou de posicionamentos profissionais (na produção de seu planejamento, na elaboração de materiais didáticos, na seleção de temas a serem tratados).

Contudo, apesar das lacunas existentes quanto aos usos das tecnologias pelos professores, notamos que o professor não vive

em um mundo paralelo a esse conhecido assumido na e pela coletividade. Ele é também um sujeito que utiliza e apropria-se das mais variadas formas de tecnologias produzidas pela sociedade. Ainda que não a use de forma diretiva no interior da sala de aula, especificamente na sua disciplina, ainda assim, é provável que muitos dos saberes e contextos dessas tecnologias sejam trazidos para a sua prática, mesmo que de forma indireta. Portanto, consideramos necessário um aprofundamento no campo das práticas de ensino de Ciências, Geografia e História, a fim de compreender os usos e apropriações das Tecnologias Digitais pelos professores no contexto escolar.

Diante dos resultados e elementos teóricos elencados, destacamos a relevância de trabalhos similares ao que desenvolvemos ao longo do projeto de extensão, uma vez que se organizaram espaços e eventos cujo objetivo centrou-se no preenchimento das lacunas já apontadas, visando ampliar o escopo de competências para usos pedagógicos das tecnologias nos âmbitos das práticas de ensino nas áreas de conhecimentos envolvidas.

A guisa de conclusão do presente trabalho apontamos como necessária a continuidade da promoção de espaços presenciais e virtuais de discussões teóricas sobre práticas de ensino de Ciências, Geografia e História mediadas por computador, a fim de prosseguir os debates e mediações anteriormente relatadas (discussões geradas a partir dos ambientes interativos de aprendizagem; Workshops com palestras e debates presenciais com especialistas na área; interação entre os docentes do curso de Pedagogia da FUMEC e os professores da educação básica com objetivo de fortalecer as relações entre a Universidade e a comunidade), ampliando seu escopo para a construção de atividades que possam vir, também, a favorecer a produção coletiva de materiais pedagógicos que vinculem as práticas de ensino nas referidas disciplinas às tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio Pimenta.. Ciberprofessor: Novas Tecnologias, Ensino e Trabalho Docente. Belo Horizonte: Editora Autêntica/ Universidade FUMEC/FCH, 2004.

BIANCHETTI, Lucídio. Da chave de fenda ao laptop: tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação. Petrópolis/ Florianópolis: Vozes/Unitrabalho/editora da UFSC, 2001.

CARBONARI, Maria Rosa. Que fazemos com a história? DAVIES, Nicholas (Org.). Para além dos conteúdos no ensino de história. Rio de Janeiro: Access, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Tempo e História. Disponível em <http://www.historia.uff.br/artigos.php>. Consultado em 25/02/2004

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

PERAYA, Daniel. O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada. In: ALAVA, Séraphin & colaboradores. Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 25-52.

INCLUSÃO DIGITAL PARA ADOLESCENTES EM RISCO SOCIAL

EQUIPE

Professora Coordenadora: Renata Sousa Silva Tolentino, Analista de Sistemas, mestranda em Administração, professora de Elementos de Informática dos cursos da FCS/FUMEC e também, de Informática para o curso de Administração e Arquitetura e Redes de Computadores para o curso de Ciência da Computação da FACE/FUMEC.

Alessandra Caldeira Savastano, aluna do curso de Ciência da Computação FACE/FUMEC - aluna bolsistas

AMAS – Associação Municipal de Assistência Social de Belo Horizonte

OBJETIVOS

- Estimular nos alunos, elementos que permitam caracterizar as principais perspectivas da Informática, com um direcionamento de sua importância em nossa sociedade e no mercado de trabalho. Buscando subsídios para uma visão crítica e integradora dos conteúdos obtidos através da Internet, verificando as conexões com aspectos da prática profissional.
- Transmitir informações sobre computadores, sua história, funcionamento e aperfeiçoamento. Apresentar-lhes programas de edição de texto, planilhas eletrônicas e apresentações. Assim como utilizar os programas navegadores da Internet e também correio eletrônico.

RESUMO

Este projeto foi desenvolvido pela primeira vez em outubro de 2004, voluntariamente, pela professora Renata Tolentino, com 30 alunos do ensino médio selecionados no Aglomerado da Serra, região carente e com elevado risco social para estes.

Os alunos tiveram aulas práticas em um dos laboratórios de Informática da FACE-FUMEC, receberam kits com caneta, boné e apostila do curso. O curso teve duração de 36 horas, sendo

3 horas por dia com intervalo de 20 minutos e lanche gratuito oferecido pela FACE.

Na nesta edição, de fevereiro á outubro de 2005, já como projeto de extensão financiado pela Universidade Fumec, conseguimos formar 2 turmas de 30 alunos cada. Os mesmos receberam além apostila, caneta, lapiseira, borracha, boné, camiseta, transporte gratuito por meio de vale transporte. Eles se sentem motivados a continuar estudando em busca de um futuro melhor e muito seguros de trabalhar com tecnologias novas como a Internet e os programas de edição de textos, planilha eletrônica e apresentações em PowerPoint.

O projeto foi justificado pela oportunidade de treinamento básico em Informática, utilizando-se das excelentes instalações da Universidade Fumec, para jovens carentes do Município de Belo Horizonte, contribuindo para sua inclusão social. Além de despertar a criatividade e raciocínio lógico dos mesmos.

METODOLOGIA

Os cursos foram desenvolvidos em 36 horas, sendo doze dias com 3 horas de aula e intervalo de 20 minutos com lanche gratuito para os alunos.

Formamos 2 turmas de 30 alunos adolescentes carentes de Belo Horizonte, que formam selecionados pela AMAS. A Assistência Social também fez um acompanhamento dos alunos durante os cursos, havia um monitor em todas as aulas e uma psicóloga da prefeitura fazia visitas regulares as aulas, além da participação da gerente e outros profissionais da secretaria.

Ao término de cada turma foi feito uma solenidade de entregar de certificados para os alunos que alcançaram médias iguais ou acima de 70 pontos e premiação dos três melhores alunos.

RESULTADOS ALCANÇADOS

A seleção de alunos para estes cursos foi feita sem nenhuma interferência da FUMEC, os alunos foram selecionados pela Secretaria de Assistência Social, que sabe qual a maior carência dos bairros de Belo Horizonte. Eles chegavam um desconfiados e apreensivos sobre a vida na faculdade e o contato com a tecnologia, mas aos poucos iam se acostumando e sempre se mostraram dedicados e atenciosos.

Durante o curso os alunos receberam kits, com camisetas, lapiseira, caneta, boné e sacola da FUMEC como forma de incentivo e motivação. Recebiam também a apostila elaboração

especialmente para este curso. Os assuntos foram abordados de forma sintética, procurando a medida do possível apresentá-los com clareza e simplicidade. Enfocando o uso da Informática como ferramenta de trabalho. Assim como, ensinar a utilizar os aplicativos mais comuns de editor de texto, planilhas eletrônicas, apresentações e navegadores da Internet.

Inicialmente os alunos estudaram alguns conceitos básicos em Informática, como histórico, gerações dos computadores, funcionamento básico: armazenamento e processamento de dados. Dispositivos mais importantes como memória, processador, dispositivos de entrada e saída de dados. Depois passamos os aplicativos Microsoft PowerPoint, com suas ferramentas de edição de apresentações, Microsoft Word na elaboração de textos, formatação e configuração. Por último, estudamos o Microsoft Excel, na elaboração de planilhas eletrônicas com funções matemáticas, estatísticas entre outras.

As avaliações eram feitas em forma de provas práticas e teóricas, de acordo com o conteúdo ministrado ao longo do curso e estabelecemos um limite de 70 pontos em 100 distribuídos para recebimento do certificado. O índice de aprovação foi altíssimo, 90% dos alunos formam aprovados e participaram da formatura. Alguns alunos abandonaram o curso por motivos pessoais ou problemas de indisciplina, mas foram casos pouco expressivos.

“Não tenho nada a reclamar, foi tudo muito bom; Aprendi muito e sei que através deste curso vou conseguir um emprego”;

“Gostaria que o curso durasse mais tempo...”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, dedicamo-nos a apresentar a experiência obtida nos eventos de Inclusão Digital para Adolescentes em Risco Social realizados em 2005. E também, justificar a pertinência da proposta e os resultados alcançados. Concluímos que é um desafio permanente para todos, em especial, alunos e docentes, conhecer profundamente e sintonizar a realidade vivida por nossos alunos e o amadurecimento de projetos como estes, onde eles podem obter uma nova oportunidade de vencer o preconceito e enfrentar o mercado de trabalho com mais segurança.

Segue alguns comentários feitos pelos próprios alunos sobre os cursos:

“Olha, eu achei ótimo, pois aprendi sobre coisas que não sabia no computador. E a dar valor no que as pessoas falam e nas chances que recebemos”;

“Acho as aulas práticas e teóricas muito eficientes, pois através delas eu aprendi muito sobre PowerPoint, Word e Excel”;

“Tive algumas dúvidas no começo, mas com o tempo fui pegando. As aulas foram maravilhosas, aprendi o que eu nem imaginava ter no computador”;

INTERVENÇÃO A TEMPO – DETECÇÃO DE SOFRIMENTO PSÍQUICO EM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

EQUIPE

Prof.^a Tânia Aparecida Ferreira (Coorda.)

Fernanda Teixeira Carneiro (Psicóloga – Ex-aluna da FUMEC – Voluntária)

Lúcia Helena Santos (acadêmica do Curso De Psicologia da Universidade FUMEC)

Luciana Moreira Fabrini (acadêmica do Curso De Psicologia da Universidade FUMEC)

Mariana Prates Cardieri (acadêmica do Curso De Psicologia da Universidade FUMEC)

OBJETIVOS

Oferecer aos bebês e crianças pequenas do Centro Educacional Estevão Pinto –CEPEPE, todos os recursos para uma “intervenção a tempo”, na detecção precoce de sofrimento psíquico tanto na “esfera tônica motor”, quanto na “esfera relacional” - nos laços com cuidadores (da instituição e da família), através da presença e do trabalho cotidiano dos alunos-bolsistas sob supervisão e formação continuada.

JUSTIFICATIVA

Na nossa prática clínica tanto no consultório, quanto na supervisão aos estagiários da Clínica do serviço de Psicologia da FUMEC e de outras, e também aos profissionais de diferentes equipamentos da rede pública de assistência a saúde mental da criança, vimos acompanhando os efeitos e conseqüências desastrosas para a vida de uma criança quando ela chega ao tratamento psicoterápico ou psicanalítico, tardiamente.

Crianças autistas, psicóticas ou neuróticas graves têm chegado ao tratamento, já grandes, no momento em que a estruturação psíquica já se encontra senão efetivada, em vias de se efetivar. Algumas, sequer chegam a provocar estranhamento nos pais, cuidadores ou profissionais, uma vez que a saúde física é uma das preocupações principais. Outras, tendo passado por profissionais diversos que, dadas às concepções desenvolvimentistas, aconselharam aos familiares, esperarem a “fase passar”, não recebem o tratamento “a tempo”. Quando o diagnóstico é por fim realizado, pouco se pode fazer pela criança e sua família.

Outras vezes, as dificuldades e até “distúrbios” os quais os profissionais envolvidos com a questão consideram importantes para a saúde mental da criança, não ganham por parte nem dos pais e cuidadores e tampouco por parte de outros profissionais, importância devida. Dentre eles podemos citar: bebês com persistência de sintomas que tenham sido tratados na pediatria como refluxo persistente, desnutrição ou subnutrição, choro constante, distúrbio do sono, irritabilidade; distúrbios psicossomáticos e funcionais (distúrbios alimentares, respiratórios, e da pele); distúrbios do humor: medos, fobias; distúrbios de desenvolvimento (sem causa orgânica) : intelectual, psicomotor, do tônus e do contato; dificuldades ou ausência da fala, dificuldades relacionais.

Alguns autores mostram como os sinais de sofrimento psíquico do bebê e das crianças pequenas, podem ser discretos e dizem respeito principalmente a “esfera tônica-motor” e a “esfera relacional”. Na primeira, os bebês “hipotônicos” que dificultam o ajustamento mãe ou cuidador, pois são difíceis de carregar, fazem com que os contatos fiquem cada vez mais raros. Na esfera relacional, a ausência de interações lúdicas e vocais por parte da criança com a mãe ou cuidador, fazem com que a mãe ou cuidador respondam raramente às vocalizações do bebê, o que provoca uma hiperadaptação do bebê ao ritmo das impulsões maternas. (LAMOUR, Martine & BARRACO, Marthe, 1998).

Outros autores, tais como Marie Cristine Lasnik, Alfredo e Julieta Jerusalinsk, Eliane Pirard e outros, a partir do saber da psicanálise, embora não façam uma leitura tão descritiva, discutem aspectos tanto do circuito pulsional do bebê e da criança pequena, tanto de seu laço com o outro, trazendo as diferentes possibilidades de intervenção. Estes autores, como nós, acreditam que a intervenção a tempo, possa minimizar os efeitos e sintomas sobre as crianças, sobretudo nos casos graves e muitas vezes, oferecer um campo de possibilidades a que estas crianças não teriam acesso se não houver uma intervenção “a tempo.”

Sustentados na premissa de que poderíamos modificar esta rota, intervindo junto a algumas crianças, no ano de 2005, iniciamos a atividade extensionista de detecção de sofrimento psíquico em bebês e crianças pequenas no Centro Educacional Professor Estevão Pinto – CEPEPE atendendo bebês e crianças

em situação de “vulnerabilidade social”, de até três anos, na sua maioria, filhas de pais trabalhadores residentes no aglomerado da Serra. 157 crianças foram atendidas diretamente junto com as educadoras-cuidadoras. Os profissionais presentes na instituição como a dentista, assistente social, coordenação do setor e coordenação geral, além de estagiários de fonoaudiologia, foram envolvidos no trabalho, ora para fornecerem dados sobre a criança, ora para eles mesmos intervirem junto à criança ou serem agentes multiplicadores desta experiência. Os educadores-cuidadores responsáveis diretos pelas crianças, foram foco de nossa atenção durante todo o decorrer do trabalho.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Se antes nosso entendimento de que as crianças chegam tardiamente a clínica trazendo graves sofrimentos psíquicos como neuroses graves, autismos e psicoses e que os “sinais” de sofrimento psíquico podem ser detectados já nos primeiros meses, nossa hipótese não somente se confirmou como tivemos chances de recolher os efeitos da detecção e intervenção. Das 157 crianças atendidas nos nove meses de trabalho, 32 crianças apresentavam sinais proeminentes de sofrimento psíquico recebendo o tratamento adequado em meio às atividades de vida diária como banho, troca de fraldas, alimentação, sono, entrada e saída da instituição acompanhadas dos pais ou cuidadores. Destas 32, 13 receberam atendimento individual e suporte nas atividades coletivas, bem como junto aos cuidadores da instituição. Algumas, foram atendidas ora junto com a educadora-cuidadora da instituição, ora com sua mãe.

Pudemos detectar que haviam crianças que não faziam laços com as outras crianças e ou cuidadores, apresentavam dificuldades na área motora: marcha, movimentos de pinça, coordenação etc. Algumas, ficavam no berço por longas horas pois não se aconchegando ao colo, eram mantidas fora dele.

Outras, apresentavam sinais de dificuldades no laço com o outro: algumas não olhavam em direção ao aluno-bolsista, outras não respondiam ao chamado pelo nome, outras ainda não aceitavam colo ou o pedia indiscriminadamente demonstrando que não havia laço com “um” adulto, outras não brincavam ou só batiam brinquedos no chão fazendo movimentos estereotipados e repetitivos, outras olhavam no vazio e nem se davam conta da presença do outro. Outras ainda não falavam, só soltavam ruídos incompreensíveis, não faziam vocalizações lúdicas ou respondiam a elas. Muitas, poderíamos dizer, apresentavam sinais de autismo.

Outras crianças adoeciam sem cessar e as doenças respiratórias, refluxos persistentes, doenças gástricas são muito frequen-

tes. Algumas estavam subnutridas, embora recebam farinhas enriquecidas. Muitas apresentavam um quadro depressivo ou até melancólico ora por não terem recursos para se separarem tão precocemente da mãe ou dos pais, ora por não receberem o que seria necessário para sua constituição psíquica – Um interesse particularizado.

Algumas ficavam no mesmo lugar muito tempo paradas, umas e com uma expressão forte, “cara fechada”. Algumas faziam movimentos bizarros tais como mexer a orelha repetidas vezes como se estivesse incomodada com a voz do outro. Algumas não comiam, tinham dificuldade de comer sozinhas, outras recusavam a comida.

Assim, fomos detectando o sofrimento das crianças e intervindo, ao mesmo tempo em que foi preciso construir com as educadoras, uma retificação de sua posição frente à criança, cujo sofrimento psíquico era lido moralmente: criança mimada, inquieta, atrasada no desenvolvimento, etc, modificando seu olhar sobre ela, sua possibilidade de acolhê-la na diferença, enfim, a qualidade do laço com a criança.

Os resultados foram surpreendentes e notáveis, neste curto espaço de tempo. Algumas crianças ganharam voz, fizeram laços, balbuciaram os primeiros sons, outras, as primeiras letras e depois palavras. Outras tiveram melhoras significativas em sua saúde física, no aspecto tônico-motor e o mais importante, no laço com o outro.

As educadoras compreendem sua função decisiva na vida psíquica da criança, sua possibilidade de detectar sinais de sofrimento psíquico, de contribuir no tratamento da criança e de encaminhar os casos que não responderem às primeiras intervenções.

Assim, em meio à fria indiferença do igual, foram surgindo as diferenças, o “UM” a “UM”, o caso a caso, a particularidade, a singularidade, o tempo de cada um.

Foi possível, a partir da escuta atenta, em algumas atividades coletivas e em intervenções clínicas no “um a um” – desta “clínica itinerante”, fazer existir, para além do corpo destas crianças tão pequenas, objetos de cuidados, uma subjetividade que o habita, retirando essas crianças do silêncio e desamparo psíquico no qual estavam intrincheiradas.

BIBLIOGRAFIA

CARON, Nara A (ORG) A relação pais-bebê - da observação clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FERREIRA, Tânia. (ORG) A criança e a saúde mental- enlaces entre a clínica e a política. Belo Horizonte: Autêntica/FU-MEC, 2004.

_____. A escrita da Clínica- Psicanálise com crianças. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2002. 2ª edição.

JERUSALINSK, J. Enquanto o futuro não vem, a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Ágalma, 2002.

LAMOUR, Martine. BARRACO, Marthe. Souffrances autour du berceau. Des émotions aux soins. Paris: Gaëtan Éditeur, 1998.

LAZNIK PENOT, M.C. Podemos pensar numa prevenção da síndrome autística? IN: WANDERLEY, D. Palavras em torno do berço. Salvador, Ágalma, 1997

MESSIAS, Cláudia. A clínica com bebês e FERREIRA, Tânia. (ORG) A criança e a saúde mental- enlaces entre a clínica e a política. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2004. seus pais: uma experiência na saúde pública.

TAVARES, Maria. Intervenção a tempo com bebês e seus cuidadores. IN: FERREIRA, Tânia. (ORG) A criança e a saúde mental- enlaces entre a clínica e a política. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2004.

TENDLARZ, Sílvia. De que sofrem as crianças? A psicose na infância. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

MELHOR IDADE EM AÇÃO

EQUIPE

Sandra Maria das Graças Maruch Tonelli¹¹

Júnia Amorim Andrade¹²

Maria das Graças Ribeiro¹³

Maria Eloiza de Oliveira Teles¹³

Tatiana Pessoa da Silva Pinto¹⁴

Ana Raquel Pereira Caixeta¹⁴

Alunos bolsistas e voluntários¹⁵

1 - INTRODUÇÃO

Cientificamente, o envelhecimento constitui um processo biológico em que ocorre o declínio das capacidades físicas, psicológicas e comportamentais. É também determinado por condições sócio-culturais que definem o tipo de alimentação, trabalho, lazer, estresse e papel social de cada indivíduo (DUTHIE & KATZ, 2002).

Segundo GOLDIM (1997), o processo de envelhecimento pode ser classificado como normal, patológico ou ótimo. A ocorrência de alterações típicas e inevitáveis da velhice caracteriza o envelhecimento normal. Doenças, disfuncionalidade e descontinuidade do desenvolvimento caracterizam o processo patológico. O envelhecimento ótimo, por sua vez, caracteriza-se pelo ideal sócio-cultural de excelente qualidade de vida e manifesta-se por baixo risco de doenças e incapacidade, excelente funcionalidade física e mental e engajamento ativo na vida. Socialmente, a qualidade de vida tem sido representada por parâmetros subjetivos (bem-estar, felicidade, amor, prazer, realização pessoal), parâmetros objetivos de satisfação das necessidades básicas (alimentação, higiene, descanso, segurança) e por parâmetros criados pelas condições econômicas e sociais (D'ASUNPÇÃO, 1999).

Neste contexto, o envelhecimento ultrapassa ter somente boa saúde ou bom estado funcional do organismo e reflete as noções de desenvolvimento, democracia, autonomia, modo, condições e estilo de vida (PEREIRA, 2002).

Dentre esses valores, destaca-se a autonomia que é a capacidade que o indivíduo apresenta para deliberar sobre seus objetivos pessoais e agir na direção dessa deliberação. Respeitar a autonomia do idoso é valorizar suas opiniões e escolhas, evitando, da mesma forma, a obstrução de suas ações, a menos que sejam claramente prejudiciais para ele ou outras pessoas (GOLDIM, 1997).

Com a proposta de realizar atividades de educação e promoção da saúde de um grupo de 36 indivíduos, com idade igual ou superior a 60 anos, moradores do município de Nova Lima, Minas Gerais, a Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade FUMEC, ciente de seu compromisso social junto dessa comunidade e de seu papel pedagógico junto aos alunos, desenvolveu o projeto social "Melhor idade em ação".

Com colaboração do Museu de Ciências Morfológicas/UFMG, o projeto deu aos idosos a oportunidade de fortalecer atitudes que os conduzam à busca e à obtenção de equilíbrio, controle e bem estar, desenvolvendo e/ou aprimorando sua capacidade funcional, cognitiva e social.

Por ser um trabalho de extensão e interdisciplinar, que envolveu diversos cursos da área de saúde, o projeto proporcionou aos alunos/estagiários a oportunidade de vivenciar e atuar em atividades que enriqueceram sua formação profissional.

1. Profa. Dra./FUMEC; 2. Profa. Mestre/FUMEC; 3. Profa. Dra./UFMG; 4. Profa./FUMEC; 5 Alunos bolsistas: Flávia Salgado Rezende Marcelo Nascimento dos Santos; Alunos voluntários: Brígida Cibelle Pereira, Débora Souza Alves, Eduardo Gomes Souza, Eliane dos Santos, Kelly Almeida Custódio, Letícia Karla Cardoso dos Santos, Lívia Caroline Alves de Pina, Lorena Gomes Filocre Saraiva, Mayra Rodrigues Albuquerque, Pollyana Anício Magalhães.

2 - OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivos: proporcionar a melhoria da qualidade de vida de um grupo de idosos da cidade

¹¹ Profa. Dra./FUMEC;

¹² Profa. Mestre/FUMEC;

¹³ Profa. Dra./UFMG;

¹⁴ Profa./FUMEC;

¹⁵ Alunos bolsistas: Flávia Salgado Rezende Marcelo Nascimento dos Santos; Alunos voluntários: Brígida Cibelle Pereira, Débora Souza Alves, Eduardo Gomes Souza, Eliane dos Santos, Kelly Almeida Custódio, Letícia Karla Cardoso dos Santos, Lívia Caroline Alves de Pina, Lorena Gomes Filocre Saraiva, Mayra Rodrigues Albuquerque, Pollyana Anício Magalhães.

de Nova Lima, por meio de ações educativas programadas por uma equipe interdisciplinar da área de saúde da Faculdade de Ciências da Saúde/FUMEC, com a colaboração do Museu de Ciências Morfológicas/UFMG; oferecer aos idosos um espaço para informações sobre temas de seu interesse, para atividades físicas orientadas, para trocas de experiências e para reflexão, na busca de um novo sentido para a vida; avaliar qualitativa e quantitativamente as mudanças ocorridas na vida destes idosos, durante o desenvolvimento do projeto; oferecer aos alunos da área da saúde da FCS/FUMEC a oportunidade de desenvolver habilidades necessárias à sua formação profissional, como: conduta com os idosos, iniciativa, interação com outras áreas profissionais, convívio, dentre outras.

3 - METODOLOGIA

Após seleção e treinamento de 12 alunos dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Ciências da Saúde/FUMEC, 36 indivíduos, com idade igual ou superior a 60 anos, cadastrados na Prefeitura de Nova Lima, foram visitados e convidados para participar do projeto. Foram realizados 18 encontros na Faculdade de Ciências da Saúde/FUMEC, onde os idosos assistiram palestras, trocaram experiências, participaram de grupos de discussão, oficinas, de atividades físicas e de lazer, além de visitarem o Museu de Ciências Morfológicas/UFMG. Pesquisas quantitativa e qualitativa foram realizadas no início e no fim das atividades e processadas estatisticamente. Periodicamente, foram registrados os dados vitais dos participantes.

4 - RESULTADOS

Durante os 18 encontros realizados, os idosos tiveram uma participação ativa nas atividades realizadas: nas palestras elucidativas sobre diversos temas, como “Implicações sociais do envelhecimento”, “Estatuto do idoso e cidadania”, “sexualidade”, “Religiosidade”, “Mitos e verdades da velhice”, dentre outras; nas atividades físicas orientadas; nos relaxamentos, dança e oficinas, que estimulavam a troca de experiências, a reflexão e o entrosamento do grupo. A hora do lanche também servia para descontração e integração. Os dados vitais dos participantes, registrados periodicamente, mantiveram-se na normalidade.

4.1 - RESULTADOS RELATIVOS AO PERFIL DOS IDOSOS PARTICIPANTES DO PROJETO

A análise quantitativa mostrou que 36 indivíduos participaram do projeto de extensão “Melhor Idade em Ação”, cujas idades variaram de 61 a 83 anos, numa média de 69 anos (Tabelas 1 e 2).

TABELA 1- MÉDIA DAS IDADES DOS PARTICIPANTES

N	36
Media	69,42
Mediana	68,50
Moda	68
Desvio Padrão	5,422
Mínimo	61
Máximo	83

TABELA 2 – FAIXA ETÁRIA DO PARTICIPANTES

Idade	Frequência	Porcentagem
60 a 64	5	13,9
65 a 69	17	47,2
70 a 74	10	27,8
75 a 79	1	2,8
80 a 84	3	8,3
Total	36	100,0

Participaram idosos de ambos os sexos, sendo a maioria do sexo feminino 83% (Tabela 3); 47% eram casados e 44%, viúvos (Tabela 4 e Figura 9). Quanto ao nível de escolaridade, 52% possuíam primário completo e 25% primário incompleto (Tabela 5 e Figura 10).

TABELA 3 – NÚMERO DE ELEMENTOS FEMININOS E MASCULINOS

Sexo	Frequência	Porcentagem
Feminino	30	83,3
Masculino	6	16,7
Total	36	100,0

TABELA 4 - ESTADO CIVIL DOS PARTICIPANTES

Estado Civil	Freqüência	Porcentagem
Solteiro	2	5,6
Casado	17	47,2
Viúvo	16	44,4
Divorciado/ Separado	1	2,8
Total	36	100

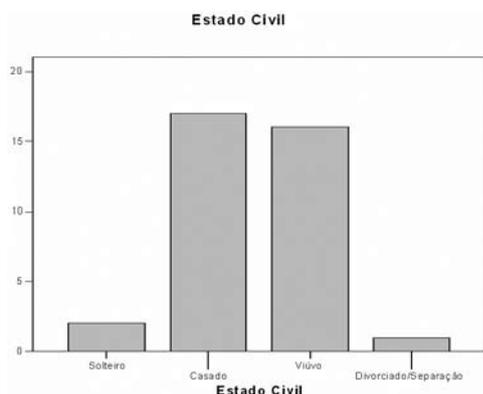


Figura 9: Distribuição pelo estado civil

TABELA 5 – ESCOLARIDADE DOS COMPONENTES DO GRUPO DE IDOSOS

Escolaridade	Freqüência	Porcentagem
Analfabeto	3	8,3
Primário incompleto	9	25,0
Primário completo	19	52,8
Ginásio	2	5,6
Segundo grau	2	5,6
Superior ou mais	1	2,8
Total	36	100

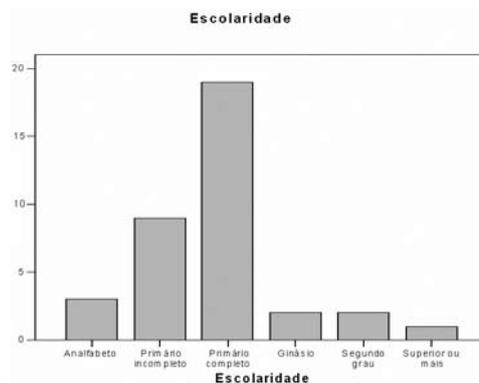


Figura 10: Distribuição pela escolaridade

Os dados a respeito da ocupação dos idosos mostram que 55% trabalhavam no próprio lar, 25% trabalhavam em atividade remunerada e 19% eram aposentados (Tabela 6).

TABELA 6 – OCUPAÇÃO DOS IDOSOS

Ocupação	Freqüência	Porcentagem
Do lar	20	55,6
Aposentado	7	19,4
Trabalho remunerado	9	25,0
Total	36	100

Os idosos apresentaram, com maior freqüência, os seguintes problemas de saúde: déficits visuais 86%, hipertensão 83%, fraqueza 47%, alteração auditiva 41%, parestesia 36%, seguido por tontura e zumbido, cefaléias, taquicardia ou angina, todos com a freqüência de 33% cada um (Tabela 7).

TABELA 7 – SINTOMAS DE DOENÇAS APRESENTADAS PELO GRUPO

		Freqüência	Porcentagem
Fraqueza muscular/fadiga/dispnéia	Sim	17	47,2
	Não	19	52,8
Parestesias	Sim	13	36,1
	Não	23	63,9
Cefaléia	Sim	12	33,3
	Não	24	66,7
Taquicardia ou angina	Sim	12	33,3
	Não	24	66,7

Tonturas ou zumbidos	Sim	12	33,3
	Não	24	66,7
Alterações auditivas	Sim	15	41,7
	Não	21	58,3
Alterações visuais	Sim	31	86,1
	Não	5	13,9
Hipertensão	Sim	30	83,3
	Não	6	16,7

O lazer de 94% era freqüentar grupos de convivência e de 5% dançar (Tabela 8).

TABELA 8 - ATIVIDADES DE LAZER EXERCIDAS PELO GRUPO

Lazer	Freqüência	Porcentagem
Grupo de convivência	34	94,4
Dança	2	5,6
Total	36	100

O estilo de vida dos idosos do projeto mostrou que apenas 13% eram sedentários e que 41% praticavam atividade física regular. (Tabela 9). Do grupo analisado, 2,8 % fazem atividade física e fumam, enquanto 25% fazem atividade física e bebem; apenas 5,6% praticam exercícios físicos, bebem e fumam. Pode-se perceber que o álcool está presente na vida de 43% dos idosos analisados.

TABELA 9 - ESTILO DE VIDA

Estilo de vida	Freqüência	Porcentagem
Consumo de álcool	4	11,1
Atividade física regular	15	41,7
Sedentarismo	5	13,9
Tabagista + Atividade física	1	2,8
Consumo de álcool + Atividade física	9	25,0
Consumo de álcool + Atividade física + Tabagista	2	5,6
Total	36	100

Doa idosos analisados, 58% avaliaram sua qualidade de vida como boa, 30% como muito boa e apenas 11% como nem ruim nem boa (Tabela 10)

TABELA 10- QUALIDADE DE VIDA

Qualidade de vida	Freqüência	Porcentagem
Muito boa	11	30,6
Boa	21	58,3
Nem ruim Nem boa	4	11,1
Total	36	100

4.2 - RESULTADOS DA PESQUISA QUALITATIVA

Os resultados da pesquisa qualitativa mostraram que os objetivos de proporcionar a melhoria da qualidade de vida de um grupo de idosos de Nova Lima e de oferecer aos mesmos um espaço para informações sobre temas de seu interesse, para atividades físicas orientadas, para trocas de experiências e para reflexão, na busca de um novo sentido para a vida, foram atingidos. Atitudes como mudança de comportamento, melhora da alimentação, cuidados com a saúde, confiança, facilidade de socialização, valorização da vida são transformações que ocorreram na vida dos participantes, comprovadas pelos depoimentos:

“Mudou muito, me alimentando melhor, no meu modo de viver, cuidando mais da minha saúde, através das palestras”. (entrevistado 1)

“Ir a outros lugares, agora me sinto mais motivada, converso com os outros de forma mais espontânea, fiz novas amizades”. (entrevistado 2)

“Procedimentos em tratar as pessoas, educação, aprendizado das palestras, coloco em prática”. (entrevistado 3)

“Eu era uma pessoa triste, ficava só dentro de casa. Estou mais alegre, eu tinha muita depressão”. (entrevistado 4)

“Mudou muito, em todos os sentidos. Como aceitar a idade! A viver!”. (entrevistado 5)

“Mais desinibida. Cresci muito, aprendi muito. Aprendi como entrar na sociedade, a lidar com pessoas. No pensar que vai dar errado, dá mesmo. Ser mais aberta para conversas”. (entrevistado 6)

“Fiquei mais tolerante, educada, sociável em sua vida!” (entrevistado 7)

“Aumentou muito a auto-estima. Tenho medo de ridículo, aqui eu me fantasiei na festa junina, coisa que nunca tinha feito. Aprendi muita coisa, pequenas coisas” (entrevistado 8).

É importante ressaltar que as informações e conhecimentos trabalhados atingiram não só os idosos participantes, mas também seus familiares e amigos.

“Tive acesso a informações que me ajudaram a resolver problemas, a me desligar e libertar de coisas que não temos obrigação na família”. (entrevistado 9)

“Mudou o modo de pensar, reagir, de se cuidar, cuidar de sua saúde. Foi uma aula de vida, para mim que não sou formada. Gosto de passar o que aprendi para meus sobrinhos, cunhadas”. (entrevistado 10)

“Achei muito válido, aprendi muita coisa. Aprendi muita coisa sobre doenças, depressão, o meu marido é hipertenso e já passei muita coisa para ele, o que é certo e errado. Passei para minhas amigas. Todos os papéis que recebi para que elas aprendam”. (entrevistado 11)

“Mudei a personalidade, comecei a pensar mais em mim. Cuidar mais da saúde, através das palestras que foram dadas. Mais amigos, e até namorados”. (entrevistado 12)

“Foi ótimo. Aprendi muito, tive comunicação, conheci pessoas, fiz amizades, relacionamentos. Passei horas felizes, aprendi e desejo passar o projeto para outras pessoas”. (entrevistado 13)

Segundo os participantes, o projeto foi excelente e deveria ter continuidade. Ao pedir para resumir o projeto em poucas palavras, todas as respostas serviram de estímulo aos alunos e professores envolvidos, comprovando que o trabalho de extensão desenvolvido serviu tanto para capacitar os alunos em uma prática social, bem como para projetar a imagem da FUMEC como uma instituição responsável e solidária.

“Bom! Maravilhoso! Melhor coisa que aconteceu foi esse projeto!” (entrevistado 14)

“Carinhosamente bem!” (entrevistado 15)

“Não terminar, continuidade”. (entrevistado 16)

“Como Deus é Maravilhoso!” (entrevistado 17)

“Ótimo! Melhor só outro!” (entrevistado 18)

“Se fosse melhor estragaria... Foi Maravilhoso!” (entrevistado 19)

“Que bom seria se pudéssemos voltar neste projeto!” (entrevistado 20)

“Inesquecível!” (entrevistado 21)

“Representa que agente não deve desanimar, a velhice não é o fim, é o começo de uma nova vida. Participar do projeto é o começo para qualidade de vida. A velhice é a juventude acumulada, não é o fim”. (entrevistado 22)

“A felicidade da convivência, por estar próximo de pessoas como ‘vocês’”. (entrevistado 23)

“Estou encantada e agradecida pela oportunidade que me foi dada”. (entrevistado 24)

“A vida, o amor, o carinho é um dom de Deus que recebemos aqui”. (entrevistado 25)

“É uma instrução (aprendizado) que recebemos para toda a vida!” (entrevistado 26)

“Solidariedade!” (entrevistado 27)

“Alegria e saudades do projeto!” (entrevistado 28)

5 - CONCLUSÕES

A participação assídua e o entrosamento verificado nos encontros, os depoimentos dados ao final do projeto, o processamento estatístico e a análise comparativa dos dados, mostraram que os participantes se conscientizaram de seus direitos, da importância de conhecer o próprio corpo, de realizar regularmente exercícios físicos, dos benefícios do convívio social, dentre outros aspectos abordados, fundamentais para manter a auto-estima, o equilíbrio emocional e a harmonia física e mental. Para os alunos, o projeto proporcionou o aprimoramento de habilidades necessárias à formação profissional, tornando-os aptos para trabalhar em equipe e com indivíduos da terceira idade. Pelos resultados obtidos, confirma-se a necessidade de oferta de iniciativas como essa, que priorizem os indivíduos da terceira idade, valorizando-os e mostrando-lhes que é possível envelhecer com qualidade.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'ASUNPÇÃO, E. A. Auto-imagem vs. auto-estima. Revista Eclesiástica Brasileira, 6: 388-394, 1999.

DUTHIE, E.Jr.; KATZ, P.R. Geriatria prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002

GOLDIM, JR. Bioética e envelhecimento. GERONTOLOGIA, 5: 66-71, 1997.

PEREIRA, L.S.M. Avaliação pelo fisioterapeuta. In: MACIEL, A. Avaliação multidisciplinar do paciente geriátrico. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. p.43- 86.

“MENINOS NO PARQUE” E A BELO HORIZONTE QUE (NÃO) SE VÊ: TURISMO E LAZER NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

EQUIPE

Vânia F. Noronha Alves (professora orientadora/doutoranda/Universidade Fumec)

Bruna Bueno Lousada (voluntária)

Fernanda de M. M. Ferraz (bolsistas – 1º semestre)

Fernando Cerqueira (bolsista - 2º semestre)

Isabela Correa de A. Santos (bolsista)

Monique Giorni Brito (bolsista - 2º semestre)

Nathália Vilela de Castilho (bolsista)

Vinicius Amaral Gurgel (bolsista)

INTRODUÇÃO

Esse texto¹⁶ é fruto da experiência desenvolvida num projeto de extensão viabilizado, pela parceria da Universidade FUMEC com o Programa Esportista Cidadão (PEC), que envolve a Casa Menino no Parque em funcionamento nas dependências do Parque das Mangabeiras – órgão da Secretaria Municipal de Meio Ambiente da Prefeitura de Belo Horizonte¹⁷ e outras instituições, como a AMAS, o Minas Tênis Clube, a FIAT, as ONGs Rede Cidadã e o Conselho de Pais Criança Feliz, desde o ano de 2003¹⁸.

A Casa Menino no Parque atende, por meio de oficinas de educação não-formal¹⁹, 160 crianças, residentes no aglomerado da Serra, região com alto índice de riscos e violência. Para participar das oficinas de horta, jardinagem, capoeira, dança, circo,

arte, informática, recreação e esporte, a criança atendida deve estar vinculada a uma instituição escolar. As oficinas são realizadas em períodos contrários ao da escola. Por este motivo, a Casa oferece também alimentação às crianças, que consiste no almoço e lanches.

Esse projeto de extensão tem priorizado as atividades de lazer, turismo e meio ambiente e objetiva proporcionar aos alunos bolsistas, experiências com a coordenação de projetos em políticas públicas; a participação junto à comunidade, de projetos sociais com vistas à educação para a cidadania e a inclusão social. Para a comunidade atendida o projeto visa garantir o direito ao lazer, por meio do turismo e da recreação, promovendo a participação, ética e pertencimento à sociedade.

O projeto tem como premissa o entendimento de que o lazer é um direito social garantido em nosso país pela Constituição Brasileira de 1988. Concordamos com Leila Pinto (apud por Gomes, 2004: 123) quando afirma que o lazer é o “espaço privilegiado para a vivência lúdica, na qual o prazer é conquista da experiência da liberdade”. O turismo é considerado, neste contexto, um de seus conteúdos culturais²⁰. Torna-se, dentre os outros conteúdos, o principal fenômeno capaz de potencializar as atividades do lazer com fins explícitos.

Para Moesch (2003), turismo é uma prática social, um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades e, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer. Nessa perspectiva, o turismo não é visto como uma atividade econômica, mas como uma possibilidade de formação humana, constituinte de novos sujeitos, que por meio de tal vivência, possam se perceber no contexto social, como cidadãos, como produtos e produtores de cultura e com noção de pertencimento à sociedade numa perspectiva democrática e consciente com os seus bens materiais e imateriais.

Segundo Santos (1998) “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”. O projeto encontra nessas palavras as bases para justificar a organização de passeios turísticos pela cidade, oportunizando às crianças e adolescentes a constituição de suas identidades e memórias, enquanto moradores dessa cidade; priorizando, nesse processo, a participação do público na escolha do local a ser visitado.

¹⁶ Este texto, com modificações, foi publicado nos anais do XVII Enarel (Encontro Nacional de Recreação e Lazer), realizado em Campo Grande/MS, promovido pela UCDB (Universidade Católica dom Bosco), em novembro de 2005. Ver Alves et al (2005).

¹⁷ Encontramos aprofundamentos sobre o papel das prefeituras em relação ao lazer em Marcellino (1996).

¹⁸ Os resultados da ação/intervenção dos anos de 2003 e 2004 foram apresentados no XVI Enarel e no 2º congresso Brasileiro de Extensão Universitária realizado na UFMG. Ver Alves et al (2004 a e 2004b).

¹⁹ Sobre a educação não-formal ver Alves et al (2005) e Trilla (1996).

²⁰ Ver Camargo, 1986.

Arruda (2003) nos lembra que o conceito de participação enfatizado no princípio democrático, no qual todos os que são atingidos por medidas sociais e políticas devem participar dos processos decisórios, busca o comprometimento dos grupos envolvidos num projeto de gerência e decisão dos assuntos de seu maior interesse. Pena (2000:99-100) afirma que “ quando se pretende uma convivência em termos éticos, a democracia e a participação tornam-se exigências fundamentais pois o ethos do grupo será o que aquele grupo, inserido em um contexto maior, for capaz de estabelecer”. Assim, segundo esse autor, é a coletividade que constrói o que ela própria considera o que é bom.

Em relação ao processo de preservação dos patrimônios históricos, artísticos, humanos ou culturais Arruda denuncia uma ausência de participação popular. Essa ausência é percebida pela falta de entendimento do que vem a ser o patrimônio, condição fundamental para que os sujeitos compreendam sua importância. De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela Unesco em 17 de outubro de 2003:

Entende-se por ‘Patrimônio Cultural Imaterial’ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este Patrimônio Cultural Imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (www.iphan.gov.br).

Essas concepções presentes nos campos do turismo e do lazer estão na base da construção teórica deste projeto e possibilitaram aos alunos envolvidos, ampliar o olhar sobre as dimensões sócio-histórica e antropológica desses fenômenos, principalmente ao atuar com comunidades menos favorecidas, por isso mesmo, excluídas de acesso. Por ser o turismo um fenômeno multidisciplinar, torna-se pertinente, a intervenção por meio de atividades lúdicas, de sensibilização para uma conscientização ambiental e para a valorização do espaço urbano e do patrimônio histórico, social, artístico e cultural, fortalecendo, desse modo, a identidade em nível individual e coletivo.

A intervenção nesses campos demanda, portanto, a formação de profissional qualificado, competente, sensível, tolerante, agregador, sinérgico, comunicador, criativo diante de imprevistos, que sinta prazer naquilo que realiza, capaz de entender as diferenças e a diversidade cultural e, principalmente, comprometido com a

transformação da realidade que o circunda²¹. O projeto de extensão tem possibilitado a aproximação entre as atividades do turismo e do lazer permitindo ao aluno-bolsista o desenvolvimento dessas competências.

DESENVOLVIMENTO

No ano de 2005, o projeto realizou junto às crianças e adolescentes da Casa Menino no Parque, oficinas de sensibilização para o turismo e o lazer, onde foram discutidos, de forma lúdica, os conceitos que ancoram o projeto. As crianças demonstraram o seu conhecimento sobre a cidade por meio de desenhos, redações, poesias e música. Um estudo sobre o mapa de Belo Horizonte permitiu que elas identificassem onde vivem e a relação de seu bairro com a cidade. Além disso, uma exposição de roupas usadas pelos antigos moradores e um varal de fotos possibilitaram a comparação da cidade de ontem com a de hoje e suas principais mudanças. O passo seguinte foi a apresentação de folders oficiais destacando alguns pontos turísticos da cidade, potenciais para a visita dos grupos. A análise desse material despertou a curiosidade dos envolvidos e se transformou em fonte para a escolha dos destinos a serem visitados.

Por meio de um diagnóstico realizado pelos alunos-bolsistas, constatou-se que o público atendido pela Casa Menino no Parque, apesar de serem moradores da cidade de Belo Horizonte não a conhecem, mesmo sendo residentes numa região privilegiada, numa posição geográfica que permite ver (e admirar) boa parte da cidade. O universo desses sujeitos se restringe ao próprio bairro e suas imediações. O projeto buscou minimizar esse quadro por meio da vivência do turismo visando à educação do público atendido para a prática dessa atividade enquanto opção de lazer.

Apesar das atividades desenvolvidas não contemplarem as características aqui expressas por Moesch para o fenômeno turístico, como o deslocamento e a estada, elas são assim consideradas pelos envolvidos, por ser a oportunidade que encontram de passear e conhecer a própria cidade em que vivem. Podemos denominar essa prática como turismo “interno urbano” uma vez que esse é realizado dentro de uma metrópole.

Foram definidos como objetivos do projeto: proporcionar às crianças e adolescentes conhecer a cidade em que vivem, para que, a partir dessa nova relação eles possam perceber que B.H. também lhes pertence; desenvolver a noção de responsabilidade para com o patrimônio público, histórico e cultural da sociedade; incentivar a autonomia dos sujeitos envolvidos e de seus fami-

²¹ Ver Marcellino, 2000.

liares, para a prática do turismo e do lazer; desenvolver ações éticas e cidadãs junto a essa parcela da população que vive em situação de risco, com vistas a sua inclusão social. Desse modo, as crianças se conscientizam da sua participação na constituição do patrimônio humano que, juntamente com o histórico e cultural, compõe a cidade. Assim, tornam-se co-responsáveis pelo seu desenvolvimento. Além desses objetivos, o projeto visou permitir aos alunos-bolsistas experiências com projetos sociais na perspectiva de uma educação cidadã.

A metodologia do projeto de extensão é dinâmica, uma vez que acompanha a possibilidade de adaptação às mudanças e demandas do Programa Esportista Cidadão, reconhecendo limites e criando novas oportunidades que reforcem seus objetivos. Uma vez definidas as turmas que iriam aos passeios, todas as outras providências eram tomadas, desde o agendamento nos locais, a entrega de bilhetes de autorização aos pais, a organização do transporte e lanche. A visita propriamente dita aos patrimônios turísticos, artísticos e culturais da cidade iniciava-se com a construção coletiva das normas de sociabilidade e de comportamento em cada local a ser visitado, sua história e principais atrativos a serem conhecidos, instigando a curiosidade de todos.

Alguns locais foram selecionados pelos alunos-bolsistas quando percebiam o potencial lúdico e formador do mesmo. Em 2005 foram realizadas visitas ao Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão); à Transilândia - uma mini-cidade educativa em relação ao trânsito e outros problemas de uma grande metrópole; à Escola de Música da UFMG (Projeto Viva Música) – projeto que visa inserir a música, de forma lúdica, na vida das crianças; ao Museu Giramundo – espaço criado para armazenar e expor todo o acervo de bonecos do Grupo de Teatro de Bonecos Giramundo; ao Museu Abílio Barreto; à Fundação Zoobotânica. Além desses locais, por sugestão dos educadores da “Casa”, os alunos visitaram o V Salão do Livro e a horta comunitária do projeto Querubim. Essas opções proporcionam um contato com o desconhecido, muitas vezes destinados às classes mais altas da sociedade, e ainda, desperta no grupo interesse em descobrir cada vez mais os lugares existentes na cidade.

Um seminário de avaliação do projeto foi realizado com as crianças na semana de encerramento das atividades de 2005. Nesta oportunidade, as próprias crianças e adolescentes destacaram, por meio de teatro de fantoches e cartazes, os principais aprendizados possibilitados pela experiência com o turismo e o lazer. Os passeios foram registrados em fotos digitais e apresentados ao final do seminário. Desse modo, todos os envolvidos puderam se ver e revisitar as principais discussões propostas por cada local visitado. Os alunos-bolsistas desenvolveram ainda, uma tarde de atividades recreativas na festa de encerramento do ano letivo, com brincadeiras e cama elástica.

O planejamento e avaliação do trabalho eram realizados em reu-

niões semanais com participação dos alunos-bolsistas e a professora orientadora. Alguns aspectos críticos foram observados durante a realização do projeto em 2005: o fato do Turismo não estar presente na grade de oficinas oferecidas às crianças da “Casa”, impediram o estudo prévio dos locais a serem visitados bem como sua avaliação; a liberação de ofício para agendamentos ficou comprometida em alguns momentos por motivos internos; mudanças na equipe de alunos-bolsistas em função de problemas pessoais dos mesmos também dificultaram o andamento dos trabalhos.

Em reunião realizada com a Coordenadora Administrativa da “Casa” no final do ano, ficou acordado que, para o ano de 2006, o Turismo será considerado uma oficina com tempo estipulado na grade, para que os alunos-bolsistas possam desenvolver os conceitos do projeto, a definição e estudos dos locais a serem visitados, avaliação das visitas e as normas de comportamento.

CONCLUSÕES

A abordagem do projeto de extensão tem permitido a prática de uma concepção mais social e humana sobre o turismo e o lazer, não só como possibilidade de crescimento econômico e geração de divisas, mas também como elemento formador de uma sociedade mais digna, igualitária e de sujeitos conscientes dos seus processos, direitos e deveres. Ao optar pela linha do Turismo de Inclusão Social dentro do PEC, o projeto de extensão tem possibilitado a integração dos jovens e crianças num processo participativo, promovendo a vivência do lúdico em diferentes instâncias e contribuindo para a qualificação da equipe de educadores, de forma sistêmica.

O projeto demonstra que a inserção do meio acadêmico em uma realidade social menos favorecida traz benefícios para todos os sujeitos envolvidos e pode ajudar no processo de formação de cidadãos. Compreendendo os conceitos de cidadania, participação, ética e patrimônio, concluímos que sua concretização ao longo da vida, é consequência da percepção dos seres e de suas histórias, culturas e valores. Entende-se assim, que a educação, o turismo e o lazer envolvem valores coletivos e individuais que devem ser desenvolvidos por todos os setores da sociedade.

Alguns fatores vêm contribuindo para que o desenvolvimento do projeto seja considerado positivo. Dentre eles, o envolvimento das crianças e de outros educadores nas visitas realizadas, desde o momento da escolha do local a ser visitado, assim como, o planejamento e a realização do seminário. Também o envolvimento da coordenação pedagógica e administrativa do Parque que garantem o apoio logístico necessário ao desenvolvimento do projeto como ônibus, lanche, crachá e liberação dos educadores.

Fica evidente o interesse das crianças em conhecer a cidade em que vivem. Muitas conseguem articular o conhecimento adquirido em outros momentos da vida, na escola e até mesmo na “Casa”, com as possibilidades oferecidas pelas visitas. Apresentam melhora na disciplina. O processo vivido contribuiu para o amadurecimento das crianças em relação à construção da cidadania e da inclusão social, da auto-estima, da sociabilização, do respeito ao outro e à cidade.

Em relação aos alunos-bolsistas destacou-se o crescimento pessoal e profissional, a possibilidade de integração de disciplinas do curso, do contato com uma realidade social diferente da deles e da possibilidade de desenvolver ações no seu campo de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Vânia de Fátima Noronha, GOMES, Christianne Luce e REZENDE, Ronaldo de. Lazer, lúdico e

educação. Brasília: SESI/DN, 2005. 102 p. (Lazer e Cultura; 3) - ISBN: 85-88199-86-6

ALVES, Vânia de Fátima Noronha, SANTOS, Isabela Correa de Araújo e CASTILHO, Nathália Vilela. “Meninos no Parque” e a Belo Horizonte que (não) se vê: turismo e lazer num projeto social. Anais do XVI Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Campo Grande/MS. UCDB, 2005.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha, MIRANDA JUNIOR, Marcos Carvalho e MARTINS, Renata Drumond. Turismo e Lazer: em busca da cidadania e inclusão social. Anais do 2o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão. Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha, MIRANDA JUNIOR, Marcos Carvalho e MARTINS, Renata Drumond. Turismo e Lazer: uma busca da cidadania e da inclusão social. Anais do XVI Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Salvador: UFBA/SESI- Departamento Regional da Bahia, 2004.

ARRUDA, J.M. (S/D) A participação da comunidade na preservação do patrimônio cultural: da legislação à prática. In: O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local. Editora Primus: Fortaleza, 2003.

CAMARGO, Luiz Otávio L. O que é lazer? São Paulo: Brasiliense, 1986.

GOMES, Christianne L. Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119-126.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. (org.). Políticas Públicas Setoriais de Lazer. O papel das prefeituras. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional. Licere. Belo Horizonte. V. 3. n. 1. 2000.

MOESCH, Marutschka. Turismo e Lazer: conteúdos de uma única questão. In: Formação e Desenvolvimento de Pessoal em Lazer e Esporte. Editora Papirus. Coleção Fazer/Lazer. 2003.

PATRIMÔNIO IMATERIAL. Disponível em www.iphan.gov.br. Acessado em 05 de agosto de 2005.

PENA, Roberto Patrus M. Ética e Felicidade. 5a ed. Belo Horizonte: Faculdade de Estudos Administrativos, 2000.

SANTOS, Milton. O Espaço e o Cidadão. In: O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local. Editora Premius: Fortaleza, 2003. p.

TRILLA, Jaume. La educación fuera de la escuela: âmbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel, 1996.

METODOLOGIA DE TREINAMENTO EM SIMULADORES DE VÔO: UMA NOVA PERSPECTIVA

EQUIPE

Prof. Renata Bastos Ferreira

Daniel Aninger (aluno do curso Ciências Aeronáuticas – bolsista)

Márcia Lóes (aluna do curso de Psicologia - bolsista)

1 - INTRODUÇÃO

A formação de pilotos aeronáuticos, assim como de outros profissionais, compõe duas etapas que se complementam: a formação teórica e a formação prática. A primeira diz respeito ao modelo tradicional de ensino e aprendizagem, em que alunos vão às salas de aula aprenderem os conhecimentos necessários à atividade profissional, como meteorologia, tráfego aéreo, navegação, dentre outros. Os cursos superiores em Ciências Aeronáuticas são recente no mercado, até pouco tempo a formação teórica era feita nos aeroclubes, onde aconteciam as aulas teóricas e práticas. As aulas práticas sempre desfrutaram de uma posição privilegiada na percepção dos alunos e instrutores, tanto que é recorrente a afirmação de que é somente no simulador que se saberá se o aluno será ou não um piloto.

A formação prática é feita primeiramente em aviões mais leves onde os pilotos aprendem a voar em visual, isto é, aprendem a “construir uma dimensão profissional sensorial e motora que servirá de base para a sua competência futura”(Jouanneaux, 1999 p.191). Este programa inicial visa a concepção e o controle das trajetórias visuais em configurações de aproximações muito variadas, em diversas pistas e oferecendo cenas visuais diferentes. Esta concepção e controle das trajetórias visuais implicam num aprendizado mental importante. “Ver” a sua aproximação é ser capaz de ter a representação geométrica dela em três dimensões, de projetar a linha que ela constrói no espaço visual percebido, de analisar os desvios em relação ao projeto e decidir sobre as correções necessárias.” (Jouanneaux, 1999 p.193)

Numa formação orientada para atuar na aviação comercial e

de linha, depois da obtenção do brevet profissional, o estagiário passa para o aprendizado do vôo sem visibilidade ou vôo por instrumento (IFR). Apesar dos princípios serem os mesmos, agora o piloto vai se orientar pelo horizonte artificial, ficando o mundo exterior reduzido ao rastro de um traço. A relação sensorial fica afetada porque as percepções visuais são muito mais abstratas, portanto, uma nova educação da sensibilidade e da cognição torna-se necessária. É neste momento que as aulas práticas passam a ser realizadas no simulador de vôo, que permite simular uma trajetória e treinar as ações da condução num equipamento que reproduz o esquema principal do vôo, isto é, a trajetória horizonte.

O simulador de vôo, por permitir ao piloto adquirir e treinar no equipamento um tipo de vôo crucial para a competência e formação do piloto, o vôo por instrumento, e por conter particularidades específicas, foi palco de um estudo sobre o processo de ensino e aprendizagem de pilotos iniciantes. A escolha pelo treinamento no simulador foi determinada pela necessidade prática apresentada pelos instrutores que montaram o programa do treinamento do simulador da Universidade FUMEC. Estes instrutores são pilotos internacionais da aviação comercial que passaram por diversos treinamentos em simuladores. Por possuírem vasta experiência, elaboraram um programa de treinamento para alunos internos da Universidade e para alunos externos, isto é, que não tinham nenhum vínculo com a FUMEC. Diante deste desafio, montaram um programa a partir de todo conhecimento acumulado como alunos dos treinamentos nos simuladores de vôo.

Do ponto de vista técnico, o treinamento era condizente com as exigências operacionais e práticas da condução e pilotagem, mas a parte didática lhes era desconhecida. Nenhuma formação didática/pedagógica tinham os instrutores, o que resultou em problemas no processo de ensino/aprendizagem dos pilotos novatos. As dificuldades apresentadas estavam relacionadas à falta de padronização dos instrutores, que ensinavam diferentes formas de fazer manobras, priorizavam diferentes aspectos da pilotagem e à falta de recurso para ensinar pilotos que tinham experiência prévia, porém sem conhecimento teórico e hábitos arraigados. Estes eram, na opinião dos instrutores, os mais difíceis de serem treinados, uma vez que eles tinham que desaprender os vícios adquiridos e aprender uma nova lógica de vôo, o vôo por instrumento. A partir das necessidades apresentadas, tornou-se pertinente o estudo aprofundado dos problemas enfrentados pelos instrutores no processo de ensino dos jovens pilotos, buscando-se compreender porque alguns alunos tinham mais dificuldade que outros e porque a padronização não ocorria.

2 - METODOLOGIA

Visando apreender bem como se dava o processo de ensino/aprendizagem para posteriores sugestões metodológicas, foi utilizada a metodologia da Análise Ergonômica do Trabalho (AET), que utiliza métodos de observação e entrevista em auto-confrontação.

Essa metodologia parte da premissa fundamental de que uma parte do comportamento é subconsciente para aquele que o realiza e, por isso, ele é incapaz de relatá-lo espontaneamente, pois ele próprio desconhece o saber ali construído (Vermersch, 1994; Lima, 2001). Isso ocorre porque sua atenção está voltada para o objeto que conduz sua ação, para o problema a ser resolvido, e não para a sua própria ação (White, 1980; Richard, 1983).

O comportamento subconsciente é o foco de interesse da metodologia da AET, isso porque os fatores conscientes dos próprios trabalhadores já apresentam solução, mas os comportamentos verdadeiramente aplicados na realização de uma tarefa, isto é, o trabalho real, este é desconhecido. Por esse motivo, as soluções dos próprios envolvidos nem sempre são as mais eficazes. Trazer à tona os problemas mais complexos, essenciais e implícitos é o que realmente permite a construção de soluções (recomendações) efetivas, além de justificar um trabalho científico de pesquisa.

“O periférico é o que é mais imediatamente evidente para o sujeito, como o são o objetivo que ele visa, o resultado que ele tem obtido, os efeitos perceptivos que ele produz, os dados sensoriais mais salientes para ele. O gradiente de progressão disto que, na metáfora espacial que utiliza Piaget, é considerado ser mais central, concerne sucessivamente aos meios que permitem alcançar o objeto, depois às razões que fazem com que estes meios sejam apropriados e eficazes”. (Vermersch, 1994 p.78).

A entrevista em autoconfrontação consiste em colocar o sujeito frente a frente com o que ele faz, ou seja, confronta o sujeito com seu próprio comportamento. Ao se deparar com seu comportamento, o sujeito é levado a explicitar o sentido dele, as razões e as motivações que o levaram a realizar sua ação daquela forma.

“A autoconfrontação é uma verbalização produzida pelo trabalhador quando se confronta com os dados coletados sobre seu comportamento e quando responde a perguntas que incidem diretamente sobre estes dados, como ‘o que você está fazendo ali?’, ‘o que você quer dizer aí?’, ‘por que, com que motivo?’, ‘Para conseguir o quê?’” (Lima, 2001, p. 140)

A especificidade desse tipo de entrevista é apoiar-se sobre a observação sistemática do comportamento. O confronto do su-

jeito com seu próprio comportamento dar-se-á a partir de dados de observação cuidadosamente coletados. Esses dados observados não são aleatórios, devem consistir em um conjunto de comportamentos e elementos do contexto, pertinentes ao que se pretende explicitar.

Os dados coletados da observação sistemática foram instruções em várias fases do programa, isto é, para cada módulo, algumas treinamentos foram assistidos e acompanhados. A escolha das duplas composta de um instrutor e um aluno foi aleatória, estando mais relacionado com a disponibilidade dos observadores e dos observados. Somente um aluno apresentou dificuldade de aprendizado, mas abandonou o treinamento no simulador durante este projeto. Este projeto tinha duração definida de nove meses, o que limitou o acompanhamento de alguns duplas com tempo maior que o previsto. O tempo das observações foi de, aproximadamente, 2 horas, pois englobava o briefing (meia hora), a simulação propriamente dita (uma hora) mais meia hora de debriefing. Os observadores desta pesquisa foram dois alunos da Universidade Fumec, um aluno do curso Ciências Aero-náuticas e outro aluno do curso de Psicologia, que dedicaram dez horas semanais para o projeto.

Após a coleta das observações, foram realizadas entrevistas em autoconfrontação com os instrutores e com os alunos, a fim de explicitar os motivos e as razões dos comportamentos observados na simulação.

O trabalho de observação e de confrontação foi prejudicado em função das constantes alterações nos horários das instruções. Pelo fato dos instrutores serem pilotos em exercício, muitas vezes ocorria o cancelamento da observação em função de suas escalas de trabalho, dificultando o acompanhamento longitudinal de uma determinada dupla.

3 - A ESTRUTURA DO TREINAMENTO NO SIMULADOR DE VÔO

O objetivo do treinamento elaborado no simulador da FUMEC era reproduzir, o máximo possível, um voo num avião real, isto é, desde a primeira lição, eram passados os procedimentos padrões da aviação comercial, como o briefing, debriefing, preparação mental do voo, entre outros. O briefing é uma aula expositiva de meia hora onde o instrutor fornece informações ao aluno sobre o ambiente de tráfego aéreo, apresenta as lições do dia e programa o voo, ou seja, repassa com os alunos os passos a serem seguidos no voo. Espera-se do aluno que ele já conheça as lições, pois, antes de cada aula, ele recebe uma apostila

contendo as manobras a serem treinadas. Após o briefing, os alunos vão para o simulador praticar as operações de cada lição, que dura uma hora. Esgotado o tempo da simulação, acontece o debriefing. O debriefing vem depois para comparar os resultados da prática com o esperado, e tem como objetivo fornecer um feedback aos alunos sobre seus erros e acertos, além de corrigir as representações erradas dos alunos antes que a impregnação dos primeiros rudimentos da pilotagem se instale mais profundamente. (Jouanneaux, 1999).

Já nas primeiras lições é explicado ao aluno que o vôo começa no briefing, ele deve sempre planejar o vôo antes de voar efetivamente, para não incorrer em apuros diante de imprevistos. Esta é uma das primeiras lições de segurança que é sistematicamente treinada.

“Inicialmente é preciso insistir sobre o papel importante desempenhado pelo briefing que constrói a representação inicial das situações abordadas. Trata-se da lembrança, na memória de trabalho, das noções teóricas adquiridas antes, durante os cursos, e necessárias para a compreensão dos princípios que se encontram em jogo. Trata-se da apresentação racional dos exercícios que imediatamente vão “tomando forma”. Portanto, a primeira aproximação de vôo é antes de tudo mental.” (Jouanneaux, 1999 p.205)

Ler a carta de navegação antes, fazer uma visualização de como vai ser o vôo, cria na mente do piloto o caminho a percorrer, que é fundamental para a segurança de vôo. O piloto tem que estar cinco minutos à frente do avião²², os procedimentos, manobras e decisões já devem ter sido planejadas, se não ele começa a voar junto com o avião, tornando-se susceptível a surpresas indesejáveis. A simultaneidade de funções, isto é, a necessidade de gerenciar ao mesmo tempo muitas variáveis como o avião na sua frente, as condições do tempo, o tráfego ao redor, as instruções do controle, a velocidade variando, a razão de subida leva a uma importante sobrecarga mental, o que pode comprometer a atenção e a correção imediata dos erros, fatores estes contribuintes para um acidente.

“A superposição ou a combinação das diversas tarefas a serem cumpridas num curto espaço de tempo leva freqüentemente a uma situação potencial de distração que, muitas vezes, é associada a uma carga de trabalho importante”²³ (Jouanneaux, 1999p. 213)

Com isso, a preparação do vôo ou planejamento do vôo com-

punha, junto com o ensinamento das manobras e do vôo propriamente dito – decolar, entender os instrumentos no painel do cockpit, aterrisar - o principal objetivo do treinamento. Para alcançar estes objetivos, o treinamento foi estruturado em três fases.

A primeira fase, composta de cinco lições, visa explicar ao aluno o objetivo do treinamento, o que é o simulador, como é o seu manuseio, o que significa cada instrumento e a importância do cheque cruzado no simulador. A cada lição, o aluno vai aprender a se orientar, fazer fonia, se adaptar ao simulador e à sua sensibilidade²⁴, adaptar ao ambiente, saber onde está cada switch e instrumento, além de saber interpretar cada instrumento, velocímetro, altímetro, horizonte artificial e instrumentos de navegação, e transformá-los em um comando. Estas cinco primeiras lições são exercícios para o aluno treinar e desenvolver esta leitura, que é chamado de “cheque cruzado” ou CROSS CHECK. O aluno então fará manobras com curvas cronometradas, terá que manter o vôo nivelado, altitude, velocidade constante e ao mesmo tempo vai ter que cronometrar a razão da curva, saber se está adiantando ou atrasando a razão da curva. Ele vai ter que gerenciar tanto velocidade da curva quanto subida e descida; são exercícios para ele desenvolver a habilidade de fazer o CROSS CHECK, ou seja, a habilidade de fazer duas ou mais coisas ao mesmo tempo.

Após a aprendizagem do CROSS CHECK, serão ensinados os procedimentos em si, como, por exemplo, chegar em BH, fazer órbita sobre o local e completar uma aproximação em direção a pista, obedecendo as curvas, as altitudes, os tempos etc. No final desta fase, o aluno já sabe o que se tem que fazer, já sabe ler e interpretar uma carta de navegação sozinho.

Na última fase, o aluno aprenderá a voar VOR²⁵, fará exercícios para aprender como utilizá-lo e quando. Depois aprende a usar um DME, faz fonia, simula situações de emergência juntamente com a fonia para emergência, faz adaptação ao vôo com um motor só. O objetivo principal destas missões não é aprender o procedimento de cabine em si no caso de emergência, mas aprender as características do vôo voltado para aerodinâmica, isto é, voltado para uma velocidade chamada VMCA. Esta velocidade é um marcador importante para o piloto saber até quando terá o controle suficiente do avião e quando o perderá.

No final, o aluno fará a navegação sozinho, utilizará os recursos de meteorologia, fará um plano de vôo, usará os manuais, fará a navegação e a preparação do vôo em casa, para, no simulador

²² Voar a frente do avião: A habilidade de se antecipar às tendências de pilotagem e de gerenciar os sistemas

²³ “Causas e tipos de “distrações” no posto de pilotagem”, Bulletin de sécurité des vols Air France, 16 de março de 1981. Esse artigo se inspira no estudo anterior. A utilização do termo inglês “distractions” risca de desviar a natureza do propósito, porque não se trata da distração propriamente dito, mas do desvio da atenção. (Jouanneaux, 1999)

²⁴ O simulador é muito sensível, exigindo do aluno um grande esforço para se adaptar.

²⁵ VOR: VHF Omnidirectional Range – estação transmissora de sinal de alta frequência utilizada para navegação aérea.

efetuar o vôo até o destino, retornar e pousar, como num vôo normal. Neste momento, lhe é mostrado que ele juntou todas as peças do quebra-cabeça, fazendo um planejamento de forma segura, estabilizada, correta e que ele já está apto a voar por instrumento, está apto a voar com alguém e saber o que é certo e errado.

A passagem de uma lição à outra não é automática. Em cada lição, o aluno é avaliado de acordo com os resultados esperados versus alcançados em cada aula, podendo ser aprovado ou não. Quando ele é reprovado, ele deverá repetir a aula, o que implica em custo – porque as instruções são dispendiosas – e tempo, uma vez que alargará o tempo total da instrução. Mas se o aluno for reprovado repetidamente, ele é informado sobre sua inabilidade para tornar-se piloto aeronáutico.

A cada fase, os alunos trocam de instrutores, para possibilitar contato com maior variedade de estilos e evitar o aprendizado de seus vícios. O vôo final é avaliado pelo dois pilotos coordenadores do programa de treinamento, que além de avaliar o aluno e autorizá-lo a voar por instrumento, também avalia a instrução dos instrutores. Os instrutores são, na sua maioria, alunos ou ex-alunos do curso de Ciências Aeronáuticas da Fumec. O processo de seleção e formação destes instrutores é realizado pelos coordenadores, que selecionam aqueles alunos interessados em treinar outros. A formação é feita no simulador da Fumec pelos coordenadores, que afirmam ser bastante rigorosos no ensinamento dos padrões e das regras da aviação aos instrutores.

4 - PROBLEMAS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Apesar dos problemas apresentados pelos coordenadores relativos à aprendizagem de alguns alunos e da falta de padronização das instruções, os maiores problemas encontrados nas instruções foram a falta de didática dos instrutores perante os erros dos alunos no processo de ensino/aprendizagem de jovens pilotos, que comprometia fortemente a autoconfiança e motivação dos alunos como também a aquisição de competências.

4.1 - OS ERROS E O FRACASSO

O fracasso pode ser um fator desestimulante, afetando a autoconfiança e a motivação do aluno quando é feita de modo inapropriado. Em todas as lições os alunos são avaliados de modo a serem aprovados ou reprovados, é um teste sem segunda chance. Estas provas são vivenciadas pelos alunos com tensão e pre-

ocupação, uma vez que seu futuro profissional está em jogo, pois o fracasso e os erros significam inabilidade e incompetência.

As eventualidades das manobras perigosas no simulador são as mesmas no avião, com possibilidade de erro iminente ou mesmo de crash. No avião, este último fracasso é sinônimo de acidente, até de morte; ao simulador, se coloca em jogo a confiança em si sobre o qual esta competência é fundada; afeta a sua honra profissional; em última instância, é a carreira que está em questão. Entre o avião no vôo e o simulador, o contexto é diferente, mas a atitude é a mesma: é preciso se engajar a fundo, mentalmente e corporalmente. (Jouanneaux, 1999 p.268)

Ora, estes alunos estão em fase de aprendizado, para muitos é o primeiro contato com um avião, com o manche e os instrumentos. O aluno na primeira lição, na maioria das instruções observadas, foi reprovado justamente devido ao desconhecimento de todo o universo da aviação e da pilotagem. Para os alunos com horas de vôo visual, a primeira lição não era tão difícil, mas para os alunos que não haviam tido contato ou pouco com a pilotagem, a primeira experiência era freqüentemente marcado pelo fracasso. O fracasso, ao contrário do sucesso, abala a autoconfiança do jovem piloto, que pode se sentir desmotivado e prejudicar todo seu desenvolvimento profissional.

Foi observado que muitos erros normais para a fase do treinamento ou para a experiência prévia do aluno eram considerados pelos instrutores como fracasso, o que levava o aluno, depois de um certo número de erros, a ficar visivelmente abalado. Identificou-se também o uso inadequado da linguagem técnica pelo instrutor, que usava determinadas expressões específicas da aviação mais avançada e que não fazia parte do estágio de instrução sendo, portanto, incompreensível para o aluno, como a expressão PITCH que é usual na aviação a jato. Todos estes fatores levam o aluno a se sentir inadequado, aumentando sua insegurança.

A pedagogia e a psicologia já mostraram a importância do processo de ensino ser construído a partir do conhecimento trazido pelo aluno, isto é, não se pode padronizar o processo de ensino como se todos os alunos fossem iguais, com iguais experiências e habilidades. Cada aluno tem seu tempo e ritmo de aprendizagem, que devem ser considerados no planejamento das lições para cada aluno específico. O método de ensino deve então ser organizado de modo a possibilitar um desenvolvimento satisfatório do aluno, que se faz mediante a interação com outros sujeitos com experiências e conhecimentos mais avançados, porém não muito distantes daquele trazido pelo aluno. É o que Vigotski (1999) chama de zona de desenvolvimento proximal (ZDP).

“As características da situação de simulação devem se encontrar na zona de desenvolvimento proximal

(ZDP). *Se a situação da formação é muito próxima ou muito distante das competências do sujeito, aquele não aprende nada. Neste esquema metodológico, a construção da situação de simulação é realizada sobre a base da identificação das competências realmente colocadas em jogo*. (Pastré apud Béguin e Weill-Fassin, 1997 pg.17).

Desse modo, as lições e os critérios de aprovação e reprovação devem ser específicos para cada aluno com sua experiência prévia e ritmo de aprendizagem, e não de forma padronizada sem considerar as especificidades de cada indivíduo. A literatura (Jouanneaux, 1999) tem ressaltado a importância do sentimento de sucesso e conquista dos alunos no processo de aprendizagem, resultando em profissionais mais confiantes, críticos, corajosos e bem-sucedidos.

“Imagem a emoção do jovem estagiário, ao mesmo tempo inquieto e cheio de esperança, quando ele vê em seu monitor o avião descendo, e que partirá para fazer seu primeiro tour de pista sozinho. Depois da prova, imaginem a alegria do sucesso e da mutação: alguma coisa aconteceu, ‘eu sou capaz, sozinho, de pilotar um avião, eu estou voando’. Em todos os estágios da formação e da carreira, o fato de ser capaz de voar num determinado tipo de avião ou de fazer uma linha com certa particularidade, chama-se de lâcher. Todas as progressões são marcadas pelas mesmas características. A preparação deve engajar forças de trabalho e investimentos bastante conseqüentes aos quais se acrescentam as inquietações mais ou menos angustiantes. O resultado positivo libera o prazer e a confiança em si, quer dizer, a motivação” (Jouanneaux, 1999p. 202)

4.2 - A CONSCIÊNCIA

Um aspecto importante das instruções recaiu sobre a ausência de questionamento sobre as razões e os motivos que levaram os alunos a se comportarem de tal maneira, isto é, a lógica do aluno, suas dificuldades, dúvidas e receios não eram explicitados e tampouco corrigidos pelos instrutores, o que prejudicou o processo de aprendizagem. Uma das competências mais importantes dos pilotos aeronáuticos é a consciência que significa a capacidade de acolher todos os acontecimentos, mesmo os mais imprevisíveis e inconvenientes; atenção flutuante, disponibilidade, busca de vigilância (como permanecer acordado ou acordar); todos esses conceitos são as diferentes faces da consciência. Como num segundo tempo, a consciência representa também a compreensão da situação em curso e a implicação das decisões,

isto é, uma boa leitura da realidade e a possibilidade de dar a ela o seu auxílio eficaz.

“Salientamos, então, que na condução de um avião de linha, cada gesto deve estar realmente motivado e, que não é possível pensar em outra coisa durante as fases significativas. Isso quer dizer que nenhuma seqüência gestual pode ser executada de forma “automática”: nós somos convocados para a atenção e à consciência.” (Jouanneaux, 1999p. 202).

Muito freqüentemente ocorreu do aluno seguir as instruções cegamente, de uma forma mecânica, sem compreender realmente porque fazia daquela forma e porque esta era a forma correta. Além disso, o instrutor nem sempre levava em consideração os questionamentos do aluno descartando-os previamente como banais. Um exemplo foi observado quando o aluno defletiu o manche para esquerda e a curva resultante foi para a direita. O aluno reportou a pane e não conseguiu a atenção do instrutor. Quando o instrutor não explica o motivo das ações em determinadas circunstâncias, ele forma um profissional sem crítica e sem real compreensão da importância dos procedimentos e das regras, o que acarretará em prejuízos consideráveis na prática profissional. Desse modo, torna-se imprescindível a mudança de conduta dos instrutores, que devem explicar os reais motivos das ações a serem realizadas, corrigir as representações erradas dos alunos e ainda tentar compreender as dúvidas e os questionamentos dos alunos. Somente assim formarão profissionais competentes e conscientes das suas ações e condutas.

5 - CONCLUSÃO

Pôde-se constatar, com esta pesquisa que, do ponto de vista técnico, o treinamento é satisfatório, tanto é que os alunos obtêm altos índices de aprovações nas provas do DAC. Mas do ponto de vista didático, há algumas deficiências didáticas e pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem de jovens pilotos, o que pode levar a dificuldades de aprendizagem. Falta aos instrutores habilidade para ensinar o piloto a ter consciência de suas ações e refletir sobre elas. Através desta compreensão sobre seu comportamento e ações, estes futuros pilotos desenvolverão com a máxima eficiência a competência da antecipação, tão crucial para a segurança de voo.

“A consciência do sentido é primeira, ela é uma “recorrência do futuro sobre o presente” (Simondon, 1958, p.144), ela distribui a atenção em função das urgências e das prioridades. Em suma, é lá que se situa a antecipação: a missão é intenção e projeto antes de ser ação. A antecipação no tempo e no espaço é,

portanto, uma projeção instrumental dessa antecipação que predomina no ser. É por ser o autor do projeto que o piloto precede a máquina e a manipulação de seu funcionamento".(Jouanneaux, 1999 p 223)

Quanto aos erros e fracassos dos alunos, é preciso desenvolver instrumentos de ensino mais adaptados às reais necessidades dos alunos, considerando suas especificidades e particularidades. Com a inclusão destas modificações, o DTSV da Universidade Fumec poderá ser reconhecido como um exemplo de treinamento de jovens pilotos, tanto pelo seu lado técnico quanto pelo seu aspecto didático e metodológico.

6 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BÉGUIN, P. et WEILL-FASSINA, A. (1997) De la simulation des situations de travail à la situation de simulation In: BÉGUIN, P. et WEILL-FASSINA, A. La simulatoin em ergonomie: connaître, agir et interagir, Ed. Octares, Toulouse.

CLOT, Y. (1999) La fonction psychologique du travail. Presses Universitaires de France, Paris

JOUANNEAUX, M. (1999) Le pilote est toujours devant – Reconnaissance l'activité du pilote de ligne. Ed. Octares, Toulouse.

VIGOTSKI, L. (1999) A formação social da mente. Martins Fontes, São Paulo.

“O SAL DA TERRA” – PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

EQUIPE

Paula Regina Balabram/ FEA (coorda.)

Juliana Bustamante de Monti Souza (Alunas bolsistas)

Luana Cristeli Sena (Alunas bolsistas)

Nicole de Castro Veado (Alunas bolsistas)

OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho são promover ações de educação ambiental para crianças e adolescentes da região leste de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais, a fim de desenvolver uma percepção da situação do ambiente em que vivemos, comparar o ambiente natural e o ambiente urbano, destacando a intervenção humana e suas conseqüências, tornar-se apto para ações de mudanças presentes e futuras.

As atividades desenvolvidas buscam a melhoria da qualidade de vida, resgate da cidadania, consumo consciente, valorização pessoal e ambiental, mudança de hábito e a formação de agentes multiplicadores capazes de fazerem uma análise crítica da problemática sócio-ambiental, resultando assim, em um ambiente mais sustentável.

METODOLOGIA

O projeto foi realizado pelas alunas bolsistas e voluntários de Engenharia Ambiental da Universidade FUMEC, no período de nove meses do ano de 2005. Atividades foram realizadas, semanalmente, com crianças e adolescentes de 6 a 17 anos. O público alvo foram escoteiros e estendidos á participação de muitos pais. Cada indivíduo foi visto como um elo de uma cadeia ecológica e o envolvimento de cada um foi fundamental para o exercício da compreensão.

As atividades trabalhadas foram elaboradas pelas alunas bolsistas, que através de consultas literárias, pesquisas na Internet,

curso e palestras buscaram capacitação para realizar as atividades. As oficinas antes de serem aplicadas ao público, foram vivenciadas pela equipe do projeto.

Neste ano foi introduzido o conceito de Ecologia Integral que contempla os aspectos da ecologia pessoal, social e ambiental. Estes foram pontos-chave para a elaboração das atividades e o desenvolvimento do projeto para motivar a compreensão e importância da interdependência dessas questões.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O “O Sal da Terra” iniciou-se em 2003 e desenvolveu programas e ações de educação ambiental para a comunidade da região leste de Belo Horizonte. Esse trabalho tem como objetivo promover a mudança de hábitos para propiciar uma melhoria da qualidade de vida e do comportamento em relação ao meio ambiente, através da reflexão sobre os problemas ambientais da região.

Em 2005, a equipe continuou o trabalho com dois grupos de escoteiros da região leste, inseridos na sub-bacia do córrego Cardoso e Baleia, que por sua vez são afluentes da Bacia do Ribeirão Arrudas que é alvo de esgoto in natura.

As oficinas, que são atividades práticas, teóricas e lúdicas buscam questionar e resgatar a percepção e a concepção do contato do indivíduo com o meio ambiente, favorecendo ações que melhorem a qualidade de vida. Essas oficinas constituíram a principal atividade do projeto. A oficina tem três etapas: sensibilização, criação/realização e reflexão/comunicação que correspondem a sentir, transformar e pensar/falar sobre um determinado tema que necessite de um trabalho de grupo. Amostras de vídeos, caminhadas ecológicas, acampamentos e palestras seguidas por discussões também fizeram parte das atividades.

De acordo com a agenda 21 (cap.36) a educação ambiental é conceituada como um processo que visa “desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhe são associados, e que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos”. Tendo em vista este conceito as experiências pessoais do público foram valorizadas no desenvolver de todas as vivências propostas, possibilitando-lhes uma nova forma de compreender a realidade e nela interferir.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Foram divididos temas centrais como: água, resíduos sólidos, agricultura, fauna e flora passando por diversas adaptações de acordo com o perfil do público alvo e disponibilidade do espaço físico para cada grupo de escoteiro.

No primeiro instante, o questionário aplicado pôde avaliar os níveis culturais, sociais e econômicos do público e posteriormente, foram feitos a avaliação e desenvolvimento das atividades.

A faixa etária do público alvo da Escola Municipal Santos Dumont, varia entre de 6 a 17 anos. A escola com área de 15.000m² possui uma horta, com cultivo de legumes, verduras e ervas medicinais além de realizar a compostagem. Inserida em um ambiente urbano, pôde-se observar vários problemas ambientais na circunvizinhança, como enchentes, lixo disposto de maneira inadequada, entre outros, estes fatores atuaram como norteadores das atividades aplicadas.

Nota-se que a pouca ou ausência de referências quanto a origem dos alimentos, geração e destino do lixo e esgoto são típicos de crianças e adolescentes que vivem em um ambiente urbano. Diante desta realidade, realizou-se visita a horta da escola, plantios de sementes, lanche alternativo além de atividades lúdicas como o teatro e oficinas temáticas.

A horta foi idealizada e é atualmente gerenciada pelos professores Antônio Faria Cardoso e Luiz Carlos de Brito, que reutilizam garrafas pet e pneus para contenção dos canteiros. Esse espaço foi palco para o conhecimento das espécies importantes na alimentação, devido ao teor de vitaminas, proteínas e sais minerais, e para abordar questões da atualidade como transgênico e agricultura orgânica.

A compostagem abordou um exemplo de atividade auto-sustentada, mostrou os cuidados dispensados para o plantio, quando utilizado o composto orgânico; além da interdependência de folhas e restos de comida, seres vivos, umidade, temperatura, entre outros nas etapas da compostagem. O cultivo das plantas medicinais proporcionou o conhecimento das suas aplicações curativas, identificação das principais espécies e ainda o uso na alimentação.

As atividades do Dia Mundial do Meio Ambiente foram iniciadas com a Dança Circular orientada pelo convidado Caetano, proporcionando harmonia, interação e alegria aos participantes. Foram plantadas sementes de girassol e as garrafas-pet foram reutilizadas para a confecção dos vasos; cada participante foi responsável por cuidar e observar sua muda durante as etapas de germinação. Após o plantio, a atividade foi estendida a um lanche alternativo (torta de talos e bolo de casca de banana), que consiste no melhor aproveitamento dos alimentos usando as partes ricas em substâncias importantes para a saúde.

As atividades lúdicas, como a confecção de bonecos recicláveis para o teatrinho prendeu a atenção de todos, independente da faixa etária, abordou o problema do lixo e a importância dos 3R'S (Reduzir, Reutilizar e Reciclar). A partir disso, o grupo se organizou para acumular e vender materiais recicláveis e o lucro arrecadado foi revertido para compras de barracas e outras ferramentas importantes para o escotismo.

Programou-se um acampamento para os escoteiros e nesse encontro, foi possíveis o contato das crianças e dos adolescentes com um ambiente mais preservado, sensibilizando-os sobre a importância da preservação. O acampamento foi iniciado com a prática do yoga, para trabalhar a ecologia pessoal dos participantes; o momento propiciou o despertar do corpo físico e mental. Também foram realizadas dinâmicas de interação do grupo, construções em bambu, teatro e oficinas temáticas. Para encerrar o acampamento, fez-se uma exposição dos "Frutos da Terra" com exposição de fotos do grupo e as atividades realizadas ao longo do semestre e poemas relacionados com a água.

A sede do segundo grupo fica situada no Parque Estadual da Mata do Baleia e a idade dos escoteiros variam entre 7 a 10 anos. O período de atividades de foi de apenas seis meses.

As atividades desenvolvidas na Mata do Baleia, com área de 2.828 km², foram privilegiadas pela beleza do parque, por agregar a teoria à prática de uma forma tão natural.

As caminhadas pela mata enfatizaram a importância de preservação das matas ciliares, os diferentes tipos de mata, importância da cobertura vegetal, causas do assoreamento e consequências no ambiente, bioindicadores da qualidade ambiental, diversidade ecológica e cadeia alimentar.

Visando à importância da interdisciplinaridade com as atividades escoteiras, foram trabalhadas as questões do cuidado e preservação do meio ambiente bem como as complexas relações entre o ser humano, a sociedade e o ambiente, temas que são abordados nas etapas da Insígnia Mundial de Conservacionismo citadas abaixo:

- Tomar parte em um trabalho coletivo de observação da Natureza, com desenhos e exposições;
- Encontrar alguns exemplos de intervenções humanas a natureza e a contribuição individual e/ou coletiva para melhorá-la;
- Descobrir que espécies de plantas ou animais estão em maior perigo de extinção no mundo, o que se poderia fazer para tentar salvá-las, e verificar se você, pessoalmente, poderia tomar alguma providência concreta para isso, procurando chamar a atenção de outros jovens de sua idade e adultos, por meio de palestras, cartazes, reuniões no colégio e na comunidade onde reside;
- Observar o desenvolvimento de uma planta, de uma borboleta, ou de um sapo e relatar este desenvolvimento, acompanhado

de desenhos, fotografias, ilustrações de livros, etc;

- Realizar com o grupo de trabalho, uma experiência que demonstre os danos da erosão do solo ou os efeitos produzidos pela contaminação da água ou do ar;
- Melhorar o ambiente do local onde mora ou estuda, plantar árvores, grama (em áreas nuas ou a descoberto) ou semeando flores e folhagens (em floreiras, sementeiras ou jardins interiores) e promover visitas ao ambiente modificado.

Os trabalhos tiveram ótimos resultados, na maioria das vezes acima do esperado devido ao envolvimento das crianças e a dedicação dos chefes dos escoteiros.

No encerramento anual do grupo 23º, a equipe do “O Sal da Terra” foi homenageada com uma medalha de honra ao mérito em agradecimento pelas atividades desenvolvidas ao longo deste semestre.

PARCERIAS E VOLUNTARIADO

“O Sal da Terra” contou com o apoio das Ong’s: Centro de Ecologia Integral (CEI), Quatro Cantos do Mundo, Leão e Projeto Manuelzão-UFGM; Secretária Municipal de Educação Ambiental; Diretório Acadêmico Paulo de Souza – FEA/Fumec; 101º Grupo Escoteiro do Ar Landell de Moura/Escola Municipal Santos Dumont e 23º Grupo Escoteiro Antônio Mourão Guimarães/Parque Estadual da Mata do Baleia. .

Os alunos de engenharia ambiental Rafael Galdino, Luís Márcio Biagini, membros da comunidade, e a todos que colaboraram voluntariamente para a realização deste projeto.

RESULTADOS

- O público alvo teve participação ativa nas atividades propiciando a mudança de hábito e para melhoria da qualidade de vida e do comportamento da sociedade em relação ao meio-ambiente. A reflexão sobre os problemas ambientais tornou-se mais constante entre os alunos atingidos pelo projeto tornando-os motivados a participarem ativamente na proteção e melhoria do ambiente como um todo.
- Apoio e colaboração dos chefes dos escoteiros no desenvolvimento do projeto.
- Interesse e envolvimento dos pais.
- Capacitação das alunas bolsistas e voluntários no planejamento e execução de programas e ações de educação ambiental.
- Formação de multiplicadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Decreto 4.281, de 25.06.2002 – Regulamenta a Lei n 9.795, de 27 de abril de 1999. FAZENDA, I.C.A. Interdisciplinaridade histórica, teoria e pesquisa. São Paulo. Papyrus. 1997.

DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1993. 400p.

MINC, C. Ecologia e cidadania. São Paulo: Moderna, 1997. 128p.

UNCED. Capítulo 36 da Agenda 21. Promoção de educação, conscientização pública e treinamento, Rio de Janeiro, 1992.

Secretaria de Estado de Educação/MG. Caderno de Inovação Pedagógica, Nº2. O Meio Ambiente e a Escola Viva. Belo Horizonte, 1995.

PERFIS DE MULHER, UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM BELO HORIZONTE

EQUIPE

Maria de Fátima Augusto (Coordenadora) / Mestre em Artes Visuais UFMG

Professora de Cinema e Vídeo no Curso de Comunicação Social da FCH / FUMEC

Vanessa Silva Nogueira - monitora

Henrique Lisboa Carneiro – monitor

Josélia Santos Silva – Apoio Técnico

Márcia de Cássia Gomes – Coordenadora Municipal dos Direitos da Mulher

Margareth Ribeiro de Araújo – Socióloga da Coordenadoria dos Direitos da Mulher

Elizabeth Jose Corab Trota – Assistente Social da Coordenadoria dos Direitos da Mulher

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE - CONDIM

OBJETIVOS

O documentário Perfis de Mulher resgata a história das mulheres brasileiras, desfazendo os estereótipos dos papéis sexuais.

Tendo como pano de fundo as relações estabelecidas entre mulheres vítimas de violência, e que vivem juntas abrigadas em uma casa em Belo Horizonte, o filme mostra a luta destas mulheres na busca de sua identidade e auto estima. Um documentário construído em torno da história destas mulheres, mães, filhas, trabalhadoras, estudantes, que viveram sobre a égide da violência, e que ficaram marcadas por esta violência, e padecem dos problemas acarretados por ela, mas que lutam pelo resgate de seu papel na sociedade. Perfis de Mulher irá mostra que mesmo após anos de luta, a mulher brasileira, ainda sofre a intolerância do machismo em todos os campos de atuação, inclusive dentro de casa. A busca romântica do parceiro ideal, do provedor da casa está marcada por histórias de decepções, tristezas, frus-

trações e agressões vividas por mulheres de diferentes classes sociais, que vêem desfeitos os sonhos da família perfeita, entre juras de amor eterno e ameaças ferozes de seus companheiros. Ao relato das vítimas de violência, conjugamos a subjetividade de quem está por trás das câmeras. Principalmente nos interessa o personagem real e a *fabulação* que eles fazem sobre suas próprias vidas, vejamos o que afirma Deleuze: *buscar o devir da personagem quando ela própria se põe a ficcionar, quando entra em flagrante delito de criar lendas, e assim contribui para a invenção de um povo.* A fabulação como um discurso de uma minoria, um gênero que busca dignidade, que cria um possível para ainda acreditar neste mundo. Cada obra deve sugerir a coerência, a harmonia estética e principalmente a veracidade ética. Filmar as pessoas no mundo real representa para nós estar tomado pela desordem dos modos de vida, pelo invisível das vicissitudes do mundo, aquilo que do real se obstina a enganar as previsões. Na casa em que vivem juntas mostraremos o caos a que estão imersas a vida destas mulheres, a formas que encontram para suportar a indeterminação de seus destinos, cristalizadas em acontecimentos banais do seu cotidiano, porém é o que as permitem continuar vivendo. Em Perfis de Mulher através do relato dessas mulheres alertamos a comunidade da necessidade de desmitificar a idéia de que o espaço doméstico é intocado pela denúncia externa. Pois, de acordo com o psiquiatra e psicanalista Gaiarsa existe um abismo entre a família que se tem e a de que se fala, portanto é pertinente conscientizar a sociedade a respeito da violência doméstica e a necessidade de denunciá-la. O cinema continua sendo um espaço de resistência do povo brasileiro. E a palavra ou melhor o discurso sobre o *outro*, é uma das poucas possibilidades de deixar que ele se reinvente, ficcionalmente, por meio do seu próprio imaginário.

METODOLOGIA

Seguindo a estética do cinema direto, permitimos que as personagens construam o seu relato.

Trata-se de um projeto experimental que pesquisou novos elementos do discurso, uma vez que a maioria de nossas personagens não podem ser vistas no filme ou nem mesmo terem suas vozes identificadas.

Buscamos enfatizar o olhar de nossas personagens, e elementos semióticos que compõem seu universo: objetos pessoais de cada uma, elementos que revelem sua intimidade.

Isoladas da sociedade por correrem risco de vida, neste momento, nossas personagens buscam resgatar a sua feminilidade e seu papel de mulher na nossa sociedade.

Ao abandonar seu passado, desterritorializadas, nômades da

casa, do corpo, da família, estas mulheres buscam forças para ainda acreditar neste mundo.

A Casa Sempre Viva, com seus segredos, vazios, silêncios será o local onde faremos esta reflexão sobre o papel da mulher em nossa sociedade.

Mãe, dona de casa, trabalhadora, estudante, mulher.

Percorreremos a viagem de seus pensamentos na busca da vida lá fora. Mostraremos os locais onde elas gostariam de estar e por medo não podem percorrer.

No filme acompanhamos o seu discurso, ou seja, a palavra encontra a vida de nossas personagens. Vejamos o que afirma o filósofo Gilles Deleuze: *O que o cinema deve apreender não é a identidade de uma personagem real ou fictício, através de seus aspectos objetivos e subjetivos, mas buscar o devir da personagem quando ela própria se põe a ficcionar, quando entra em flagrante delito de criar lendas, e assim contribui para a invenção de um povo.*

Sabemos que câmera sempre transforma a realidade. Por isso em dado momento, nosso filme será construído em parceria com elas.

Ir de encontro a um tema tão doloroso é uma grande responsabilidade. Falar sobre a violência doméstica significa invadir o espaço privado da vida de mulheres e crianças brasileiras.

Tratar deste assunto significa refletir dilemas morais e éticos que esbarram na constituição da família. Por isso nossas personagens entrevistarão umas às outras, estabelecendo assim os limites éticos da construção do nosso relato.

No universo cotidiano permitimos que elas próprias façam perguntas umas às outras e registrassem suas próprias impressões quanto às relações estabelecidas entre todas do grupo então abrigado.

Nossas personagens revelaram para a câmera toda a integridade, seus valores, sua dignidade e as razões de seu desespero antes de conhecer o programa desta casa.

Assim, *Olhos de Mulher* reflete sobre o papel da mulher e os direitos humanos, por intermédio da câmera.

A casa, a família, os filhos, a mulher, a prisão, o medo, a liberdade. Conceitos que serão refletidos por nossas personagens.

Libertar a vida lá onde ela era prisioneira, onde ela está encerrada, desenvolvê-la, desdobrá-la de seu núcleo mais duro, para devolvê-la, com palavras, imagens, conversas, é o que fizeram os grandes autores do cinema brasileiro. Ao integrarmos em nossa linguagem elementos da linguagem documental, mais precisamente do cinema direto, para retratar processos de vida, damos mais força ao nosso relato. Afinal, como diz Ítalo Calvino: *Quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é*

uma enciclopédia, uma biblioteca, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Olhos de Mulher tem como meta principal tentar descrever a nossa sociedade utilizando como ponto de partida aspectos da nossa vida considerados menores.

Ou seja, construir pequenos relatos do nosso dia a dia, fatos passados, elementos da nossa memória - como resíduos da nossa vida cotidiana, que ficam fora do modelo dominante da história oficial.

Eliminar as fronteiras, utilizando a câmera para focalizar o outro - dando-lhes voz, mostrando o processo de construção da sua auto-estima sua identidade, fazendo do retrato do outro nosso auto-retrato.

Realizamos um filme diário, álbum fotográfico, bloco de anotações, produzido com a agilidade e o espontâneo permitidos pelos equipamentos de vídeo digital herdados de uma certa tradição do cinema direto.

Assim, para nós as relações estabelecidas entre os personagens na casa Abrigo Sempre Viva, são tão importantes quanto as relações sociais reais que estas pessoas tentariam encobrir ou idealizar.

Só estarão presentes na edição os depoimentos que nossas personagens autorizarem para exibição. Queremos dar voz a essas mulheres sem mostrar a sua espetacularização e sim o discurso do próprio personagem.

Buscamos focalizar o cotidiano dessas mulheres na *Casa Abrigo* de forma a tratar a violação dos seus direitos da maneira mais humana possível, sem transformá-las em ícones de violência.

Mostrá-las com suas aflições, medos e sua história, que como a de todos nós se compõe de um passado, um presente e a esperança de um futuro.

Explicitar a situação a qual elas foram obrigadas a viver, pagando por um crime que não cometeram. Por um dado momento de suas vidas tiveram que viver juntas na mesma casa, dividir seus problemas com pessoas que não conhecem e presas ali, sem poder sair, com medo do que ou de quem podem encontrar pelo caminho.

Acreditamos e defendemos a linguagem documental como um pólo de atração e dispersão de idéias, relações, cruzamentos entre sons e imagens, importante tópico no estudo da vida contemporânea.

O documentário vem conquistando grande destaque na produção audiovisual brasileira. Filmes como *Peões* de Eduardo Coutinho, *Onibus 174*, de José Padilha e *A margem da Imagem* de Evaldo Mocarzel, dentre outros conquistados, certificam a importância do gênero na cinematografia do país, e reafirmam a importância do papel de fomentar esta produção audiovisual.

Longe de toda ficção o cinema documentário tem, portanto a chance de se ocupar das fissuras do real, daquilo que resiste, daquilo que resta.

PLANO DE GERENCIAMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS FEA-FUMEC

EQUIPE

Prof.^a Fabiana Alves Fiore (coorda.)

Ana Luiza Ferreira Pinto Bomfim

Bruno Joseph El-Bacha

Laura Araújo Garcia dos Santos

Mariana Souza Fontes Ferreira

INTRODUÇÃO

A elaboração de um plano de gerenciamento dos resíduos sólidos gerados na Faculdade de Engenharia e Arquitetura e Área de Convivência da Universidade FUMEC visou a adoção de uma postura adequada em relação a possibilidade de reutilização e reciclagem dos resíduos sólidos gerados e, sobretudo, a redução do volume dos mesmos.

O esgotamento de áreas para implantação de aterros, a excessiva exploração de matéria prima e os elevados índices de poluição inspiraram os alunos a elaborarem o projeto de gestão de resíduos que busca viabilizar ações necessárias a introdução do ideal de desenvolvimento sustentável cada vez mais urgente em nosso meio de convivência.

A implantação e monitoramento do Plano de Gerenciamento dos resíduos da FEA-FUMEC e da área de convivência poderão servir como piloto para as demais unidades da universidade que necessitam gerenciar adequadamente seus resíduos.

OBJETIVOS

O Plano de Gestão dos Resíduos Sólidos buscou a determinação das técnicas, equipamentos e recursos necessários a uma adequada gestão dos resíduos sólidos gerados na Faculdade de

Engenharia e Arquitetura e Área de Convivência da Universidade FUMEC. Para tanto foram realizadas as seguintes atividades:

- Caracterização preliminar dos resíduos sólidos através de questionários com funcionários;
- Triagem e caracterização final dos resíduos sólidos;
- Formulação da composição gravimétrica dos resíduos sólidos;
- Avaliação da viabilidade da implantação da coleta seletiva:
 - a. Localização dos pontos de implantação das lixeiras especiais para a coleta seletiva;
 - b. Especificação da forma e o local de acondicionamento dos resíduos viáveis para reciclagem;
 - c. Realização de possíveis parcerias para o gerenciamento destes resíduos;
- Programa de Educação ambiental;
- Plano de mobilização dos meios de comunicação da instituição para divulgação do projeto;

MATERIAL E MÉTODOS

A identificação das unidades geradoras de resíduos da FEA-FUMEC e da Área de Convivência da Universidade FUMEC foi realizada através de observações e questionários aplicados a funcionários e auxiliares de limpeza. Esta caracterização preliminar foi importante norte para as atividades que a sucederam.

A caracterização dos resíduos sólidos da Área de Convivência foi realizada no dia 12 de abril de 2005 e a caracterização dos resíduos sólidos gerados na Unidade FEA-FUMEC entre os dias 16 e 21 de abril de 2005. Foram utilizados os seguintes equipamentos:

- 01 lona plástica resistente, dimensões (3mx4m);
- 01 caixa de máscaras tipo filtro, para nariz e boca;
- 02 caixas de luvas;
- 100 sacos plásticos, com volume de 100L;
- 02 chapas de "MADEIRIT" e 02 cavaletes simples para conformação da mesa de triagem;
- 01 balança, capacidade máxima = 120 kg, precisão 100 g;
- 03 ajudantes para caracterização dos resíduos;
- Área livre utilizável = 21 m².

Em primeira instância toda a massa de resíduos sólidos foi pesada. Em seguida o resíduo foi encaminhado à mesa de triagem, de forma fracionada, até que a totalidade dos mesmos fosse caracterizada.

Os resíduos segregados na triagem foram dispostos em sacos plásticos, previamente identificados, para ao fim de cada jornada serem pesados.

Os resíduos sólidos foram classificados de acordo com Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) sendo utilizada a NBR 10004/2004 Resíduos Sólidos.

Classe I
resíduos perigosos

Classe II
resíduos não perigosos

{ II A - resíduos não inertes
II B - resíduos não perigosos

Em vista disso têm-se os seguintes grupos de resíduos:

TABELA 1 - CRITÉRIOS UTILIZADOS NA CLASSIFICAÇÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS AMOSTRADOS

Definição	Classificação	Categoria	Exemplos	
Identificável	Resíduos Classe I Perigosos	Lâmpadas	Lâmpadas de mercúrio	
		Pilhas	Pilhas	
		Bateria	Baterias de celular	
	Resíduos Classe II Não Perigosos			
	Classe II A Não inertes	Papel reciclável	Jornais, revistas, papel de escritório e salas	
		Papel não reciclável	Embalagens de alimentos, papéis oriundos de banheiro, papéis de bala.	
		Papelão	Embalagens de papelão	
		Tetra pak	Embalagens de sucos e leite	
		Materiais Têxteis	Roupas, trapos	
		Madeira	Peças de madeira	
		Matéria Orgânica	Restos de alimentos, Folhas, galhos, restos de capina	
	Classe II A Inertes	Vidros	Embalagens, espelhos, superfícies vítreas	
		Metal ferroso	Arames, peças, lâminas	
		Metal não ferroso	Embalagens de alumínio, fios de cobre, latão	
		Plástico fino	Sacos plásticos	
		Plástico duro	Garrafas, tampas e embalagens plásticas, PET	
		Entulho	Resíduos de construção civil, pedras	
	Outros (1)	Material de higiene pessoal (fraldas descartáveis, absorventes), palhas de aço, látex (borrachas, preservativos), derivados do petróleo (isopor, espumas)		
	Não Identificável	Material Particulado de difícil Identificação		Material orgânico e inertes úmidos e miúdos, grãos do solo, todos intimamente misturados

(1) – Todo material x, identificado, não possível de classificação nas demais categorias.

Além dos grupos/classes previstos na NBR 10004/2004 os resíduos sólidos foram segregados em sub-grupos, conforme a tabela 1.

RESULTADOS

Caracterização Preliminar

Os resultados obtidos com a caracterização preliminar das unidades geradoras de resíduos sólidos estão consolidados na Tabela 2.

TABELA 2.ESPECIFICAÇÃO DAS UNIDADES GERADORAS E SEUS PRINCIPAIS RESÍDUOS.

UNIDADE(S)	RESÍDUO(S)	UNIDADE(S)	RESÍDUO(S)
Almoxarifado	Papel	Reprografia	Papel
Assessoria de comunicação	Papel, plástico	Salas de aula	Papel
Ateliês 602 e 606	Papel, isopor	Salas 515 e 516	Papel, metal e trapos
Auditório	Papel, plástico	Sala dos Professores	Papel, plástico
Biblioteca	Papel	SIAP	Papel, plástico
Coordenações	Papel, plástico	Seção de ensino	Papel, plástico
Cozinha dos funcionários	Papel, plástico e orgânicos	Sala de Amostra 205	Papel
Diretorias	Papel, plástico	Tesouraria	Papel,plástico
Laboratório de fotografia sala 304	Papel, plástico, metal, revelador e interruptor	Laboratórios de Hidráulica e Física	Papel
Laboratórios de informática (6 unidades)	Papel e plástico	Laboratório de Mat. Construção e Mecânica dos Solos Laboratório de Química	Papel, entulho Papel, resíduos tóxicos
Núcleo de experimentação design 203 e 206	Papel, plástico, isopor, madeira, resina,metal e tinta	Laboratório de Aeronáutica	Papel
Oficinas de maquetes	Papel, plástico, isopor e madeira	Oficina de moda	Papel, plástico e trapos

Descrição da situação atual

Na área de Convivência, formada pela cantina e suas instalações junto à área de recreação, o sistema de limpeza é realizado pelos funcionários da cantina, sendo que existe, atualmente, uma funcionária que recolhe o lixo nos turnos da tarde e noite. Tais resíduos são depositados embaixo da escada do D.A. de Engenharia e transportados por volta das seis horas para a portaria B, onde é recolhido pela SLU.

A limpeza do prédio da FEA-FUMEC é realizada por uma equipe composta por 21 funcionários divididos em três turnos, sendo manhã, tarde e noite. Nos turnos da manhã e tarde trabalham aproximadamente 18 funcionários e no turno da noite 4 funcionários. Não há divisão de coleta por setor/funcionário e nem segregação prévia dos resíduos.

Todo o lixo é coletado constantemente e disposto temporariamente em um local ao lado da cozinha dos funcionários. Pela manhã, funcionários da limpeza o transportam para a Portaria B, onde é recolhido pela SLU às nove horas da manhã.

Materiais como latas de alumínio e papelão são previamente recolhidos por funcionários, sendo o papelão armazenado temporariamente em uma pequena área no auditório da FEA-FUMEC.

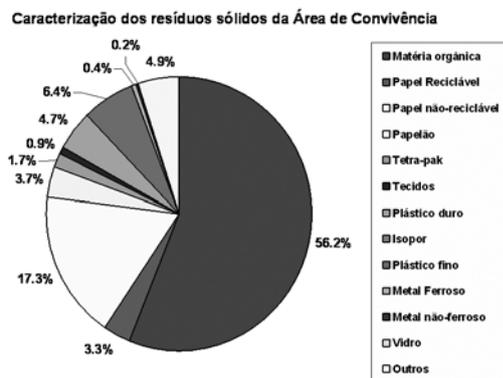
O entulho proveniente do Laboratório de Materiais de Construção e Mecânica dos Solos é armazenado em uma caçamba localizada próximo à portaria B.

Caracterização

Em função dos resultados da caracterização preliminar dos resíduos entendeu-se que a caracterização dos resíduos do centro de convivência e da FEA deveria ser realizada separadamente.

A composição gravimétrica dos resíduos sólidos amostrados no centro de convivência está representada no gráfico 1;

GRÁFICO 1. COMPOSIÇÃO GRAVIMÉTRICA DOS RESÍDUOS SÓLIDOS GERADOS NA ÁREA DE CONVIVÊNCIA DA UNIVERSIDADE FUMEC.



A composição gravimétrica dos resíduos sólidos amostrados da FEA/FUMEC está representada no gráfico 2.

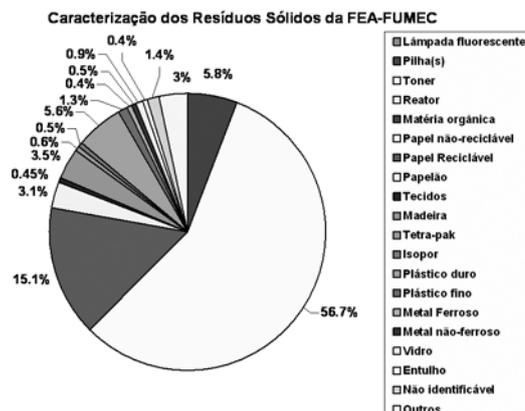


TABELA 3 - CARACTERIZAÇÃO RESÍDUOS SÓLIDOS DA ÁREA DE CONVIVÊNCIA- UNIVERSIDADE FUMEC - 12/05/05 (QUINTA-FEIRA)

Total 1		108,5 kg	
Resíduo		kg	%
Classe IIA Não Inertes	Matéria orgânica	60	56,2
	Papel Reciclável	3,5	3,3
	Papel não-reciclável	18,5	17,3
	Papelão	4	3,7
	Tetra-pak	1,8	1,7
	Tecidos	1	0,9
	Isopor	0,05	0,05
Classe IIB Inertes	Plástico duro	5	4,7
	Plástico fino	6,8	6,4
	Metal Ferroso	0,4	0,4
	Metal não-ferroso	0,2	0,2
	Vidro	0,2	0,2
Outros	Outros	5,2	4,9
	Total 2	106,65	99,95
	Margem erro	1,15	0,05

Obs: Total 1=pesagem antes da caracterização
Total 2=pesagem após a caracterização

CARACTERIZAÇÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DA FEA-FUMEC

Data		Segunda (16-05-05)	Terça (17-05-05)	Quarta (18-05-05)	Quinta (19-05-05)	Sexta (20-05-05)	Sábado (21-05-05)	Total	(%)
TOTAL 1(kg)	27,30	73,10	71,30	85,90	102,20	54,00	413,80	-	
RESÍDUO									
Classe I Perigosos	Lâmpada fluore- cente	-	-	1 unid.	1 unid.	-	3 unid.	5 unid	-
	Pilha(s)	1 unid.	3 unid.	-	2 unid.	1 unid.	3 unid.	10 unid.	-
	Toner	-	-	-	1 unid.	-	-	1 unid.	-
	Reator	-	-	2 unid.	-	-	-	2 unid.	-
Classe IIA Não Inertes	Matéria orgânica	4,00	3,60	3,50	5,00	4,80	2,70	23,60	5,83
	Papel não-reciclável	15,60	35,90	46,50	50,40	44,80	36,40	229,60	56,74
	Papel Reciclável	2,50	9,20	7,80	12,80	18,60	10,50	61,40	15,17
	Papelão	0,20	2,50	0,90	2,40	5,80	1,00	12,80	3,16
	Tecidos	0,15	0,30	0,70	0,20	0,10	0,40	1,85	0,45
	Madeira	1,20	3,30	2,20	0,60	6,90	-	14,20	3,50
	Tetra-pak	0,50	0,60	0,40	0,50	0,20	0,20	2,40	0,59
	Isopor	0,03	0,80	0,10	0,20	0,60	0,30	2,03	0,50
Classe IIB Inertes	Plástico duro	1,50	3,80	3,90	4,40	5,00	3,90	22,50	5,56
	Plástico fino	0,40	1,70	0,50	0,90	1,00	0,90	5,40	1,33
	Metal Ferroso	0,20	0,60	0,15	-	0,80	-	1,75	0,43
	Metal não-ferroso	0,50	0,20	0,20	0,20	0,30	0,50	1,90	0,49
	Disquete(s)	-	4 unid.	-	4 unid.	3 unid.	-	11 unid.	-
	Vidro	1,30	0,50	1,00	0,40	0,15	0,30	3,65	0,90
	Entulho	0,50	-	-	1,00	0,30	0,05	1,85	0,45
	Não identificável	-	2,90	-	1,50	1,35	0,01	5,76	1,42
	Outros	0,80	4,40	3,20	2,30	2,00	1,20	13,90	3,43
TOTAL 2 (kg)	29,38	70,30	71,05	82,80	92,70	58,36	404,59	99,95	
Margem erro	2,08	2,80	0,25	3,10	9,50	4,36	9,21	0,05	

Obs: Total 1=pesagem antes da caracterização Total 2=pesagem após a caracterização

PROPOSTA DE GERENCIAMENTO

DEFINIÇÕES PRELIMINARES

a) Centro de Convivência

A caracterização dos resíduos sólidos do centro de convivência indicou como viável a coleta seletiva de papel reciclável, plástico e latas de alumínio. Estes resíduos deverão ser segregados nos próprios locais de geração por meio da implantação de coletores individualizados para cada material, que serão corretamente identificados. A coleta comum deverá continuar abrangendo os demais resíduos, que serão acondicionados sem prévia segregação.

A matéria orgânica proveniente de restos de alimentos, que representa 56% do total do lixo gerado diariamente no centro de convivência, poderá ser transformada em composto orgânico, caso a FUMEC passe a dispor de espaço para a implantação de um pátio de compostagem.

O papel não reciclável composto por guardanapos, saches, papéis de bala, panfletos plastificados que totaliza 17% dos resíduos podem ser reduzidos através de campanhas de educação ambiental que enfoquem a diminuição do desperdício. Os plásticos que correspondem a cerca de 11% da massa total dos resíduos podem ser encaminhados à reciclagem, caso seja efetuada a coleta seletiva.

b) FEA-FUMEC

Sessenta por cento dos resíduos gerados na FEA são papéis não recicláveis (papéis sanitários, de balas, panfletos plastificados e outros). Em vista sugere-se a troca dos papéis toalhas por toalhas de pano que serão podem ser higienizadas semanalmente por empresas especializadas.

Os papéis recicláveis que correspondem a aproximadamente 15,2% do total do lixo gerado, composto por folhas de ofício, xerox, cadernos, etc. poderão ser reutilizados dentro da própria universidade e posteriormente ser encaminhados à reciclagem. Os plásticos que correspondem a cerca de 7% da massa total dos resíduos podem ser encaminhados à reciclagem, caso seja efetuada a coleta seletiva.

ACONDICIONAMENTO

Para o acondicionamento dos resíduos comuns deverão ser pintados os coletores existentes com a cor cinza e identificados os coletores com os seguintes dizeres: "Resíduos Não-Recicláveis" ou "Outros".

Para os papéis recicláveis a identificação dos coletores deverá ser na cor azul dispostos na área de convivência e nos corredores. Nas salas onde há significativa geração de papel reciclável deverão ser dispostas caixas em formato A4 que poderá se localizar em cima das mesas do professor ou afixadas à parede.

Na Área de Convivência deverá ser colocado um coletor especial para latas de alumínio. Os plásticos serão acondicionados em lixeiras de cor vermelha dispostas nos corredores e Área de Convivência. Nos principais locais de geração de copos descartáveis como, por exemplo nos locais onde é servido o café, os copos plásticos poderão ser armazenados em lixeiras diferenciadas formadas por tubos de PVC, que permitirão sua disposição organizada com a diminuição do espaço ocupado pelo coletor.

COLETA

a) Pontos de Coleta

Os pontos de coleta foram definidos através da análise preliminar das fontes geradoras e dos resíduos provenientes das mesmas. Os mesmo foram relacionados nas plantas da universidade cada qual definido pela legenda onde:

- O símbolo  representa as lixeiras de papel, plástico e outros;
- O símbolo  representa as caixas para coletar papel;
- O símbolo  representa os coletores de copos de plástico;
- O símbolo  representa um contêiner para latas de alumínio.

Os resíduos que não serão reciclados permanecerão sendo co-

letados nas lixeiras já existentes e em novas lixeiras que serão instaladas.

b) Responsáveis pela coleta

Os funcionários pertencentes à equipe de limpeza deverão ser instruídos para a formação de um grupo de implementação da coleta seletiva, sendo os principais responsáveis pela condução do programa.

ARMAZENAMENTO TEMPORÁRIO

Não há viabilidade financeira de comercialização diária dos resíduos sólidos gerados na FEA/FUMEC e no Centro de Convivência, em vista disso, a universidade possui duas alternativas:

- armazenar os resíduos até que estes tenham uma massa que viabilize a venda dos materiais. Para tanto será necessária a aquisição de um contêiner fechado com divisões internas, que poderá ser disposto próximo a Portaria B.
- doar os resíduos sólidos coletados de forma segregada a uma associação de catadores que poderá efetuar a coleta dos recicláveis diariamente.

As dimensões do contêiner a ser utilizado para o armazenamento dos resíduos coletados seletivamente deverá considerar as exigências dos adquirentes dos materiais recicláveis, em termos de massa e/ou volume. A massa e o volume dos principais materiais recicláveis gerados na FEA/FUMEC e no centro de convivência foram estimados, considerando-se a densidade do papel sem prensar = 200 kg/m³ e a densidade do plástico solto = 100 kg/m³.

TABELA 5 – MÉDIA DOS MATERIAIS RECI-CLÁVEIS GERADOS NA FEA/FUMEC E NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA.

Resíduo	Pesagem Semanal	Média Diária	Média Mensal	Volume Semanal	Volume Mensal
Papel	82,40 kg	11,77 kg	351,15 kg	0,412 m ³	1,76 m ³
Plástico	98,70 kg	14,10 kg	423,00 kg	1 m ³	4,23 m ³
Total	181,10	25,87	774,15	1,412 m ³	6 m ³

Caso a FUMEC decida pela comercialização do material reciclável e seu consequente armazenamento deverá observar os requisitos mínimos para o armazenamento temporário, segundo a NBR 11174:

- Acesso restrito;

- Base impermeabilizada;
- Garantir a separação dos resíduos sólidos;
- Medidas de controle de insetos, roedores e outros;
- Resíduos incompatíveis em locais separados;
- Sinalização;
- Sistema de contenção de líquidos (chorume);
- Sistema de contenção de sólidos;
- Vias de acesso adequadas.

Sugere-se a doação dos materiais recicláveis (papeis e dos plásticos) para a associação dos catadores da Vila Levanta Saia, que se dispôs a coletar o material segregado que será acondicionado em sacos plásticos coloridos: azul para papéis e vermelho para plástico. As latas de alumínio deverão ser doadas aos funcionários da limpeza para serem comercializadas pelos mesmos.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Foi elaborado um programa de educação ambiental visando garantir a implantação e manutenção do Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos, para atingir toda a comunidade da FUMEC, através de um processo pedagógico participativo permanente, que procura incluir na ação educativa uma consciência crítica sobre a problemática ambiental relativa à geração de resíduos sólidos.

Foi também criada uma logomarca para o projeto, pelo aluno Guilherme Cerqueira, que deverá ser utilizada em todos os artigos de publicidade deste plano.



Figura 1 – Logomarca do PGRS – FUMEC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. NBR 10004/2004.

Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. NBR 11174.

Resolução CONAMA – 275, 25 de abril de 2001.

Freire, Genivaldo. Educação Ambiental: Princípios e Práticas .8: ed. Gaia, 2003.

PROJETO DE UMA RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR FOCADO NA SUSTENTABILIDADE DO MEIO AMBIENTE

EQUIPE

Prof^a. Cristina Luiza Bráulio Santos Cabral Araújo Silva (Coordenação; FUMEC/FUNADESP)

Prof. Flávio Negrão (Colaborador; FUMEC/FUNADESP)

Denise Silva Campos (Aluna bolsista)

Fernanda Rios de Melo (Aluna bolsista)

Gustavo Barreto Cyrillo (Aluno bolsista)

Larissa Crivellari Castro (Aluna bolsista)

Marcelo Alexandre Lacayo Almeida (Aluno bolsista)

Vítor Cassano (Aluno bolsista)

OBJETIVO

- Pesquisar materiais alternativos, ecologicamente corretos, para serem utilizados na construção de casas populares;
- Permitir uma economia das despesas mensais da residência;
- Despertar uma consciência de sustentabilidade;
- Permitir aos alunos-bolsistas experiências com projetos de caráter social que visem à educação para a cidadania;
- Diminuir desperdício de materiais e resíduos sólidos da construção civil;
- Reduzir o impacto ambiental causado pela utilização de recursos naturais para a construção e, posteriormente, para a ocupação do espaço pelo homem.

METODOLOGIA

Para se alcançar os objetivos mencionados, estabelecemos fases distintas para o desenvolvimento do trabalho. Primeiramente os alunos foram orientados para a pesquisa bibliográfica com foco nos materiais ecossustentáveis e nas técnicas construtivas modernas voltadas para a sustentabilidade do meio ambiente. Concomitantemente com a pesquisa foi sendo elaborado o anteprojeto da residência. Essa fase foi fundamental, principalmente pela natureza multidisciplinar do projeto. De posse do material obtido na pesquisa, os alunos tiveram que optar pelos materiais e técnicas construtivas mais adequadas ao projeto proposto. Na fase seguinte foram feitas visitas para avaliação das técnicas empregadas em protótipos existentes e também visitas a fabricantes de materiais. A terceira fase foi de preparação dos textos que acompanhariam a parte gráfica do projeto e simultaneamente de desenvolvimento dos desenhos do projeto definitivo. Na última fase foram editados os textos finais e elaborados os desenhos de apresentação.

Tivemos uma agenda de reuniões semanais, nas quais o material produzido era avaliado pela coordenação. Os alunos foram orientados sobre as atividades a serem desenvolvidas em cada fase do trabalho. Semanalmente a coordenação estabelecia as metas a serem alcançadas para a semana seguinte. Como trabalhamos com uma equipe numerosa, a distribuição das tarefas foi feita levando-se em consideração o perfil pessoal de cada aluno, com o intuito de aproveitarmos o máximo o potencial de cada um. Mesmo assim, todos foram estimulados a participar em todas as atividades do projeto.

RESULTADO

O resultado deste trabalho foi a elaboração de um projeto de uma residência de padrão popular com área de 72m², que poderá abrigar uma família de até cinco pessoas de baixa renda. O diferencial desta residência está na inserção de sistemas e na utilização de materiais de construção voltados para a sustentabilidade do meio ambiente.

“Sustentabilidade” é uma palavra bastante usada nos dias de hoje. Muitos são os conceitos atribuídos a ela. De uma maneira bem simplista podemos dizer que uma construção sustentável é aquela que promove o maior número possível de interações benéficas entre o ser humano e o meio ambiente. Logo, existe uma pré-condição de que não haja prejuízo para nenhuma das partes envolvidas, mesmo que uma delas seja transformada para servir à outra (no caso da natureza.)

Residências sustentáveis podem ser vistas, então, como construções que buscam desde o seu projeto, um balanço entre os fatores econômicos e compromissos com o ambiente e a com a sociedade.

Essas foram as premissas adotadas neste projeto. O resultado foi o projeto de uma residência na qual:

- Foram usados materiais fabricados a partir da reciclagem de produtos rejeitados no processo industrial (telhas confeccionadas com tubos de pasta de dentes) ou de resíduos da própria construção civil (bloco de concreto confeccionado a partir de entulho). O emprego destes materiais contribui para a redução na quantidade de resíduos sólidos dispostos no meio ambiente. Ao mesmo tempo, implica em redução no custo destes materiais usados na construção, uma vez que eles são mais baratos que os convencionalmente utilizados.
- A quantidade de água tratada consumida a partir da rede pública é inferior à de uma residência tradicional, devido aos reaproveitamentos de águas de chuva e de esgotos sanitários (secundários), previstos no projeto. As águas de chuva que incidem no telhado são captadas em calhas, passam por um filtro e são armazenadas em reservatórios próprios, para serem utilizadas em lavagens de pisos, tanques e irrigação de jardins. O esgoto sanitário proveniente de chuveiros, lavatórios, tanque e máquina de lavar roupa é conduzido para uma unidade de tratamento, cujo efluente é reservado e pode ser reutilizado nas descargas das bacias sanitárias.
- A quantidade de esgotos sanitários e pluviais lançados nos sistemas públicos é menor do que a que acontece numa residência convencional, causando menos impactos ambientais e reduzindo os volumes a serem conduzidos e tratados pelos órgãos responsáveis pelos sistemas públicos.
- A quantidade de energia elétrica consumida do sistema público é menor que o utilizado em residências convencionais pois a casa foi contemplada com sistema de aquecimento de água utilizando a energia solar e também com sistema fotovoltaico. Este último é capaz de armazenar em baterias a energia solar captada em placas durante o dia, possibilitando a sua utilização na iluminação da residência durante a noite.

da equipe o desenvolvimento de um novo “olhar arquitetônico”. Com criatividade e uma atitude de responsabilidade para com o meio ambiente, obtivemos como resultado um produto que pode atender, com qualidade e racionalidade nos custos e consumos, às necessidades de habitação de uma faixa expressiva da população brasileira.

CONCLUSÃO

Os alunos foram desafiados a utilizar o conhecimento adquirido, voltado para uma arquitetura convencional, para elaborar um projeto que interagisse com o meio ambiente. A utilização de certos materiais e inserção de sistemas e técnicas que possibilitassem reduções nos custos e nos consumos de água e energia, redução nos esgotos despejados nos sistemas públicos, exigiu

SEMPRE SAVASSI: O ARTESANATO URBANO NAS FRONTEIRAS DA ARTE E DO DESIGN

EQUIPE

Prof.^a Cássia Macieira (coordenadora)

Prof.^a Juliana Pontes (coordenadora)

Prof.^a Natacha Rena (coordenadora)

O resgate cultural da região da Savassi e a conseqüente requalificação com intenções em transformá-la em um centro comercial diferenciado, com locais propícios para encontros sociais e culturais, é o objetivo principal do Projeto Sempre Savassi. A iniciativa para desenvolver este projeto piloto, que pudesse ser implementado posteriormente em outras regiões de Belo Horizonte, partiu do Clube de Diretores Logistas (CDL) e propõe: ações culturais, intervenções urbanísticas (arquitetônicas e paisagísticas), assim como ações sociais que possam colaborar com a melhoria de renda dos grupos menos favorecidos socialmente - artesãos participantes de projetos de Economia Solidária da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Esta proposta de ação social acabou por se materializar no projeto Sempre Savassi: Design e Artesanato, a partir da atuação conjunta de três instituições: FUMEC, SEBRAE e CDL. A primeira é responsável pela capacitação de artesãos, no intuito de desenvolver um mix de produtos para comercialização na região da Savassi; a segunda, pela gestão comercial dos produtos artesanais criados e a terceira, pela coordenação do projeto como um todo e também pela implementação do relacionamento comercial entre lojistas e artesãos. Portanto, a intenção principal do deste projeto é fomentar o artesanato de forma integrada, enquanto setor econômico sustentável, promovendo a melhoria da qualidade de vida e ampliando a geração de renda de uma parte dos excluídos da sociedade.

Por envolver três instituições e mais de dez grupos de artesãos, o trabalho demonstrou, desde o princípio, possuir uma grande complexidade no entrelaçamento dos seus campos de ação, o que exigiu um aumento significativo no prazo inicial de realização previsto de seis meses para um ano. Além dos resultados acadêmicos envolvendo produção de conhecimento e aperfeiçoamento do planejamento pedagógico para o treinamento específico de artesãos em design, haverá também uma apresentação dos resultados práticos através da Exposição de lançamento dos

produtos artesanais desenvolvidos e de um Catálogo contendo registros de todo o processo de trabalho (capacitação, criação e finalização dos produtos artesanais) da coleção Sempre Savassi: Design e Artesanato.

O trabalho de capacitação, realizado pelas professoras do Curso de Design da FUMEC Cássia Macieira, Juliana Pontes e Natacha Rena – incluiu uma série de ações fundamentais para a construção do ambiente criativo necessário aos artesãos: aulas teóricas de fundamentos de arte e design; apresentações de peças de design contemporâneo e produtos culturais diversos, importantes para a formação de um novo repertório visual; visitas à região da Savassi para pesquisa de campo; organização de um ciclo de palestra com profissionais de diversas áreas (botânica, arte, cultura, urbanismo, design, arquitetura, etc); oficinas técnicas (serigrafia, arte gráfica, texturas e materiais, colagens, modelagem); além de um acompanhamento intensivo de todo o processo criativo e de finalização dos produtos.

Além do caráter de ação social já destacado, este projeto de extensão tem também a função de incentivar um debate acadêmico acerca dos limites entre arte, design e artesanato. Esta discussão não objetiva traçar novos conceitos para essas áreas da cultura, mas sim ampliar os limites impostos por categorizações pré-estabelecidas. Constatamos em nossa experiência que as fronteiras existentes entre tais categorias são fluidas, gerando espaços de intersecção extremamente ricos que, a princípio, não devem ser rotulados em categorias exclusivas para evitar uma redução do seu valor para o campo da cultura.

Seria possível avançar mais no conhecimento da cultura e do popular se abandonasse a preocupação sanitária em distinguir o que teriam a arte e o artesanato de puro e não contaminado e se os estudássemos a partir das incertezas que provocam seus cruzamentos. Assim como a análise das artes cultas requer livrar-se da pretensão de autonomia absoluta do campo e dos objetos, o exame das culturas populares exige desfazer-se da suposição de que seu espaço próprio são comunidades indígenas auto-suficientes, isoladas dos agentes modernos que hoje constituem tanto quanto suas tradições: as indústrias culturais, o turismo, as relações econômicas e políticas com o mercado nacional e transnacional de bens simbólicos. (CANCLINI, 1998: 245)

Existe um fator em comum entre esses campos da produção cultural, realçado no desenvolvimento deste projeto, que é a dimensão estética. Em um artigo publicado no boletim da ADG (Associação dos designers gráficos) em 1999, Agnaldo Farias já reforçava a importância do reconhecimento deste viés comum entre design e arte como uma necessidade para o avanço cultural da atualidade, apontando que rótulos ou limites traçados pela

funcionalidade do objeto não anulam a sua intervenção na cultura como fonte de renovação da experiência estética cotidiana:

Atenção! A chave aqui é o avanço da produção cultural. Retomam-se exposições de design gráfico porque é anacrônico prosseguir mantendo a oposição entre arte e design (...) desde que Marcel Duchamp realizou o primeiro ready made, ficou patente que um dos aspectos basilares da produção artística era o questionamento de suas fronteiras. Vale dizer que muito do que hoje se faz em nome da arte é contra as compreensões correntes do que seja arte. Vai daí que discutir se design gráfico é arte ou não é perder-se em uma falsa questão. Discute-se a pertinência de um rótulo e, em contrapartida, perde-se de vista a densidade da dimensão estética de um determinado produto, uma dimensão que jamais poderá ser reduzida às demandas funcionais, sob pena de perder o seu interesse no âmbito da cultura. (FARIAS, 1999:29)

Além da dimensão estética estabelecer-se como ponto fundamental de diálogo entre essas áreas – arte, design e artesanato – existem em comum entre elas as etapas do processo criativo, destacando-se de imediato a concepção conceitual das peças criadas. No projeto Sempre Savassi o conceito geral surgiu a partir da própria demanda que envolvia o resgate da identidade cultural da Savassi. O que há de novo neste olhar é a recuperação da vitalidade criativa do artesanato através desse contato arte-ambiente urbano, o que leva a uma fuga forçada da repetição de formas tradicionais da atividade artesanal. Pretende-se inserir este trabalho artesanal num contexto de produção cultural onde há uma ampliação das definições de artesanato. Seria preciso diferenciarmos o artesanato regional, de raízes tradicionais e familiares, do artesanato urbano, produto de influências estéticas e tendências de naturezas mais variadas.

O artesanato regional possui algumas características marcantes e particulares que, de fato, são determinantes para a sua importância cultural e social, e entre elas está a reprodução de formas oriundas da herança tradicional. Aqui existe valor na repetição justamente porque o que se reproduz são as tradições familiares e culturais de uma comunidade, representando a manutenção da tradição e de valores éticos e sociais. Esse tipo de artesanato reforça os laços comunitários e mantém viva a identidade cultural de um grupo, demarcando espaços sociais e geográficos. A relação com o território propriamente dito, ou seja, o espaço geográfico da produção artesanal atuando como determinante na escolha dos instrumentos de trabalho e das matérias-primas, principalmente. O que vemos neste tipo de produção artesanal é uma relação econômica estabelecida a partir da cultura e da natureza locais. Esta criação tradicional repete formas para recontar histórias de uma determinada cultura e atua reafirmando os laços entre os seus integrantes.

No caso do Sempre Savassi não existem estas características regionais já que se desenvolve no ambiente urbano metropolitano. Encontra-se aqui, portanto, uma aproximação entre o conceito utilizado no nosso projeto de artesanato urbano e a categoria de Artesanato Conceitual, criada pelo SEBRAE para o Termo de referência do PSA - Programa Nacional de Artesanato. Este artesanato teria um grande valor agregado, atingindo altos preços no mercado nacional, além de serem os prediletos no mercado de exportação. Este artesanato conceitual se resumiria, segundo o SEBRAE, a objetos produzidos por pessoas geralmente de origem urbana, resultante de um projeto deliberado de afirmação de um estilo de vida ou afinidade cultural. A inovação seria o elemento principal que distinguiria este artesanato das demais categorias. Por detrás destes produtos existe sempre uma proposta, uma afirmação sobre estilos de vida e de valores, muitas vezes explícitos através dos sistemas de promoção utilizados. No Sempre Savassi esta característica singular do artesanato conceitual é dada pelo contato com o ambiente urbano, e mais, pelo fato da Savassi ser o tema geral do projeto, o que nos leva a denominar o produto desenvolvido pelo grupo de artesanato urbano.

Diferente do artesanato regional e tradicional, o artesanato urbano, mais conceitual e menos intuitivo, não se refere diretamente a uma comunidade regional específica, com afinidades em suas origens culturais ou laços familiares. Suas referências culturais são as mais diversas, conformando uma identidade mesetiza: um emaranhado múltiplo de influências, característica evidente da sociedade urbana e tecnológica contemporânea. Poderíamos observar que "(...) nas novas gerações, os cruzamentos culturais incluem uma reestruturação radical dos vínculos entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o local e o estrangeiro" (CANCLINI, 1998:241). Segundo Canclini, bastaria que prestássemos atenção ao crescente lugar que imagens da arte contemporânea e da publicidade têm tomado em desenhos de produtos artesanais para compreendermos parte deste fenômeno de mesitagem cultural presente no artesanato brasileiro.

A riqueza paradoxal deste artesanato urbano o insere no campo apontado das culturas híbridas apontado por Canclini ao pensar de forma mais genérica a produção artística, artesanal ou popular nos países da América Latina. Estes países latinos seriam, segundo o autor, pátrias do pastiche e do bricolage, onde se encontram, há séculos, muitas épocas e estéticas, pós-modernas. "Nem o 'paradigma' da imitação, nem o da originalidade, nem a 'teoria' que atribui tudo à dependência, nem a que preguiçosamente nos quer explicar pelo 'real maravilhoso' ou pelo surrealismo latino-americano, conseguem dar conta de nossas culturas híbridas" (CANCLINI, 1998: 24). Mas, se no próprio universo amplo da produção artesanal brasileira tradicional já encontramos uma gama de produtos diferenciados formando um conjunto rico de produtos característicos de lugares e comunidades, em projetos que partem de grupos urbanos heterogêneos, como é o

caso do Sempre Savassi, assiste-se a uma profusão criativa de estéticas onde o novo aparece exatamente onde não há pureza da tradição. Materiais, técnicas e novos temas potencializam a produção de um artesanato rico e coerente com os costumes e hábitos da sociedade contemporânea.

O incremento do artesanato em países industrializados revela que o progresso econômico moderno não implica eliminar as forças produtivas que não servem diretamente para a sua expansão se essas forças tornam coeso um setor numeroso e ainda satisfazem necessidades setoriais ou as de reprodução equilibrada do sistema. Ao contrário e de forma suplementar, a reprodução das tradições não exige fechar-se à modernização. (CANCLINI, 1998: 238)

Isto nos ajudaria a pensar a produção do artesanato urbano como presente no campo expandido do artesanato, produto cultural das metrópoles atuais: entre a arte contemporânea, o design de produtos, de moda, de interiores ou gráfico; entre a arte popular e a tradicional; entre técnicas diversificadas que aglutinam conhecimentos advindos de tradições distintas. “Examinamos as culturas híbridas geradas ou promovidas pelas novas tecnologias comunicacionais, pela reorganização do público e do privado no espaço urbano e pela desterritorialização dos processos simbólicos.” (CANCLINI, 1998:29)

Tendo em vista este quadro, onde residiria então o valor estético desses produtos artesanais que já não refletem mais nossas tradicionais raízes? Falamos agora de grupos de artesãos que se reúnem em torno de uma atividade comum, aproximados não por laços sanguíneos ou comunitários, mas por necessidade de formalização e ampliação da sua atividade produtiva, busca de suporte técnico e infra-estrutura para o desenvolvimento de um trabalho rentável. Os grupos de artesãos participantes deste projeto muitas vezes têm uma ligação específica com alguma região da cidade ou com alguma questão social compartilhada, mas não há no trabalho de nenhum deles a herança da tradição, seja ela familiar ou comunitária. O que forma e mantém unidos esses grupos são antes questões econômicas ou problemas de exclusão social. Aliás, muitos desses artesãos surgiram a partir de planos de Economia Solidária da prefeitura de Belo Horizonte ou da iniciativa de algumas instituições que desenvolvem projetos de ação social, formando grupos de trabalho, associações e cooperativas que vivem do artesanato.

A transnacionalização da cultura efetuada pelas tecnologias comunicacionais, seu alcance e eficácia, são mais bem apreciados como parte da recomposição das culturas urbanas, ao lado das migrações e do turismo de massa que enfraquecem as fronteiras nacionais e redefinem os conceitos de nação, povo e identidade. (CANCLINI, 1998: 30)

Se no artesanato urbano a busca por formas tradicionais não é mais a força motriz, nos deparamos com uma nova possibilidade: a liberdade temática e a autonomia de representação. Não existem, neste caso, vínculos representacionais com temas da história tradicional do grupo, com formas padronizadas, com vivências familiares ou com alguma herança cultural. A relação temática vem agora de uma demanda externa ao grupo de pessoas comuns e a própria cidade e suas questões atuais constituindo a base para a concepção estética e funcional dos objetos inventados, que no caso do projeto Sempre Savassi, acontece de forma coletiva e colaborativa. Artesãos formam novos grupos de criação além de acrescentarem novas técnicas e materiais a partir da troca de experiências propiciada pelas oficinas elaboradas ao longo do projeto. Vemos surgir produtos inventivos e complexos, resultado de um trabalho coletivo onde o artesão amplia seu repertório pessoal e constrói sua subjetividade criativa a partir do contato com o outro.

A própria invenção é um acontecimento jubiloso, uma combinação singular, encontro, hibridação, novo agenciamento das relações entre forças, rearranjo. A invenção é uma pequena diferença introduzida no mundo (...) inventar é uma grande alegria. A alegria da invenção tem que ver com novas formas de cooperação que ela ensina. (...) A alegria tem que ver com agir conjuntamente. (PELBART, 2003:113)

O ambiente urbano contemporâneo com sua diversidade de informações, tipos humanos, hábitos e referências visuais passa a ser explorado como fonte de estruturas gráficas, formatos, cores e materiais. Assim como no processo criativo em arte e design, conceitos são formulados a partir desse corpus vivo da cidade, sendo estes conceitos os norteadores do processo de criação do artesão. Surgem conceitos que muitas vezes tentam resgatar elementos de uma identidade que já foi, um dia, reconhecida e sólida, ao mesmo tempo em que constroem um novo código de reconhecimento para essa fatia urbana culturalmente complexa. Partes de edifícios neoclássicos da Praça da Liberdade, pisos em ladrilhos, grafites, stickers, vegetação, postes, bueiros, grades, tribos de jovens, tatuagens, e mais uma infinita profusão de informação cotidiana do ambiente urbano, se entrelaçando à experiência pessoal de cada artesão, às trocas do grupo, juntamente às orientações das designers e ao repertório apresentado por estas, acaba por construir um leque de produtos inusitados e com características muito singulares.

Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio

da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. (PELBART, 2003:23)

A questão social também deve ser destacada aqui como fator de vital importância pois reflete a natureza deste projeto. A requalificação da Savassi, meta fundamental do Sempre Savassi, depende: de planejamento urbano, recuperação arquitetônica, de projetos culturais, mas também, de uma ação social que recupere espaços vitais de inclusão econômica, reforçando as oportunidades de mercado a partir da valorização do trabalho feito à mão. O valor e resultado dessa ação não se limitam somente à região da Savassi pois abre-se um canal, espera-se definitivo, de relacionamento entre estes lojistas e grupos de artesãos de várias regionais de Belo Horizonte, além da formação de novos grupos de trabalho. A Savassi, que já foi vanguarda na moda e entretenimento, tenta hoje explicitar uma relação com a cultura local e com a valorização das questões humanas. As ações de inserção econômica e promoção do ambiente urbano como espaço de convivência e encontro permitem que produtos artesanais possam ativar processos de reconhecimento de um novo olhar sobre a cidade. O projeto Sempre Savassi supõe que, a partir da construção do produtos desenvolvidos por artesãos urbanos, com suas referências estéticas situadas na região da Savassi, possa auxiliar na reconstrução de uma nova identidade local: menos idealista, pura e saudosista e mais real, híbrida e mestiça.

Não se produz só na fábrica, não se cria só na arte, não se resiste só na política. Assistimos ao fim dos suportes em vários domínios, mas também das esferas em que eles ganhavam sentido. As artes plásticas extrapolam seus suportes tradicionais tais como a pintura e a escultura (mas também desbordaram o espaço do museu e o circuito da própria arte), a política extrapolou o suporte tradicional do partido, do sindicato, do próprio parlamento (em suma, do espaço da representação), a produção extrapolou os limites da fábrica, e mesmo da empresa, migrando para uma esfera coextensiva à vitalidade social, e a subjetividade extrapolou seu suporte egóico e identitário. (PELBART, 2003:113)

Não se faz artesanato só pela tradição ou pelas determinações materiais e culturais do lugar. É, também, no ambiente de culturas híbridas, na invenção propiciada pelo encontro de homens comuns pertencentes a grupos heterogêneos, num projeto que pretende ampliar o repertório de produtos artesanais para os limites da arte e do design, a partir do desenvolvimento de novas metodologias para incentivar a criação de um artesanato urbano singular e tomando a cidade como laboratório vivo de pesquisa, que se espera como resultado deste projeto um mix de produtos inovadores, agregados de identidades provindas de um somatório difuso de informação. Busca-se aqui, a criação de um artesanato urbano coletivo, solidário, presente nas fronteiras da arte e do design.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas. São Paulo: Edusp, 1998.
- FARIAS, Agnaldo. In Boletim nº18 da Associação dos Designers Gráficos – Brasil. São Paulo: ADG, 1999.
- PELBART, Peter Pál. Vida capital. Ensaios de biopolítica. Ed. Iluminuras: São Paulo. 2003.

UNIVERSIDADE A SERVIÇO DA COMUNIDADE

EQUIPE

Profª Carmen Cristina Rodrigues Schffer (Mestre em Educação Tecnológica – CEFET-MG / Professora do Curso de Psicologia - FCH)

Marilourdes Barbosa (Mestranda em Avaliação Psicológica, pela Universidade São Francisco Itatiba/SP / Professora do Curso de Psicologia - FCH)

Érica Damasceno (Alunas bolsistas)

Marina Pongeluppi Martins (Alunas bolsistas)

Isabela Reis e Silva (Aluna voluntária)

Adaíse Borges (Aluna voluntária)

Haender Rosa (Aluno voluntário)

Zailde Carvalho (Aluna voluntário)

Alexei Souza (Aluno voluntário)

Giovana Cardoso Nery (Aluna voluntária)

UNIVERSIDADE A SERVIÇO DA COMUNIDADE

A Universidade FUMEC tem um perfil diferente das Universidades Públicas ou Privadas, não foi criada e não é garantida pelo poder estatal nem está estritamente ligada aos interesses empresariais particulares. Desta forma, seu perfil se enquadra na definição de Universidade Comunitária proposto no Estatuto da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias (Abruc) e no artigo 20 da LDB, que define as instituições privadas de ensino, consideradas como comunitárias “as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas de professores e alunos que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade”. E o Estatuto da Abruc, no artigo 7º, segue, a mesma linha da LDB. A partir da análise desses documentos fica evidente a real identidade da Universidade FUMEC.

Para uma Universidade ser definida como Comunitária ela deve atender a alguns pressupostos:

- que ela seja, verdadeiramente, Universidade, ou seja, deve primar pelo padrão de competência;
- que em seus ordenamentos jurídicos, especialmente no Estatuto e no Regimento Geral figurem o ideal e o ideário comunitário com toda a clareza e precisão possível;
- que o enfoque dado às suas pesquisas e, conseqüentemente, à sua produção técnica- científica, caracterizada pela tendência permanente de estudar, de interpretar e transformar a sociedade local e regional.

Consideramos a Universidade FUMEC tem formado profissionais com consciência de cidadania, que vem assumindo responsabilidades perante a sociedade; direcionando suas atividades de pesquisa e extensão em benefício da mesma, disseminando conhecimento, cultura e tecnologia; porém, observamos que no entorno do campus I (Bairro Cruzeiro) a Universidade não desenvolve nenhum tipo de prática extensionista de forma atender as demandas e necessidades da população local.

A Faculdade de Ciências Humanas, através do curso de Psicologia, elaborou um projeto de extensão propondo investigar as necessidades e demandas da população que reside nas proximidades do campus I (Bairro Cruzeiro). E estabelecer parcerias com lideranças comunitárias, associação de bairro e instituições prestadoras de serviços a fim de atender as necessidades e as demandas da população na área de Psicologia de Comunitária, visando à melhoria da qualidade de vida. Dessa forma, a Universidade evidencia seu caráter comunitário na comunidade onde está inserida.

Na etapa inicial do projeto foi realizado levantamento de dados do Município de Belo Horizonte junto ao IBGE e a Regional Centro-Sul da Prefeitura de Belo Horizonte, com o objetivo de delimitar a partir das informações a área de coleta dos dados.

Devido a extensão da Regional Centro-Sul e o tempo para realização do levantamento, nove meses, foi delimitado o entorno do Campos I, como sendo o limite com os seguintes bairros: Serra, Mangabeiras, Anchieta, Carmo, Savassi, Funcionários e Sion; conforme pode ser observado na figura 1. No mapa a linha amarela delimita a região do levantamento dos dados.

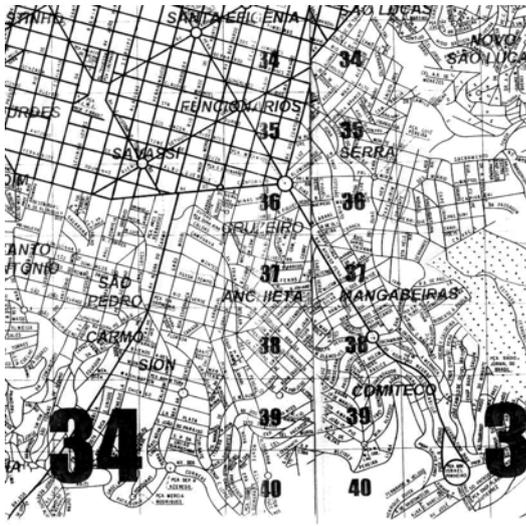


Figura 1: Mapa parcial da regional Centro-Sul.
Fonte: Catálogo Telemar 2005

Em seguida, foi elaborado o roteiro de entrevista semi-dirigida, composto de 33 perguntas que foram registradas pelo entrevistador. O formulário teve como objetivo conhecer as diversas instituições públicas, privadas e comunitárias da região, seu funcionamento, o tipo de serviço prestado à comunidade, programas desenvolvidos, as principais queixas atendidas, os entraves ao trabalho desenvolvido, os principais encaminhamentos realizados, as contribuições que a Universidade poderia prestar à instituição e a comunidade atendida através de seus diversos cursos.

Inicialmente o contato com as instituições foi por telefone para se apresentar à proposta do projeto, caso fosse dado o consentimento para a entrevista, ocorria o agendamento do horário de entrevista a ser realizada com um representante legal da instituição.

Foram realizadas 78 entrevistas, sendo 40 (51%) das instituições atuando na área de ensino, dentre estas duas no ensino superior, 32 no ensino fundamental e médio, cinco na educação infantil e uma com curso de formação. As escolas particulares na região representam 62% das entrevistadas, o que pode estar relacionado com o alto poder aquisitivo da maioria dos moradores da região.

Existem três parques mantidos pela Prefeitura de Belo Horizonte, que se constituem em áreas de lazer da região. A região conta com três estabelecimentos militares, sendo uma unidade da polícia militar, uma do exército e outra do corpo de bombeiros.

Na área de saúde foram entrevistados os responsáveis por quatro clínicas e um centro de saúde; não foram incluídos na pesquisa os hospitais da região devido às dificuldades e falta de interesse dos diretores ou responsáveis pela instituição para

agendamento da entrevista.

A comunidade possui oito instituições religiosas, sendo seis católicas, uma espírita e uma presbiteriana, todas desenvolvem trabalhos sociais junto à população mais necessitada. Existem 19 instituições comunitárias, sendo dois centros comunitários, uma cooperativa e 16 associações diversas. Foram classificadas como associações diversas às associações de moradores, associação feminina, associação brasileira de esclerose múltipla, associação profissionalizante do menor, grupo de apoio ao portador de HIV-Aids, casa de apoio, convivência e fundações.

Das instituições visitadas, 32 (41%) demonstraram ter grande interesse em estabelecer parcerias com a Universidade nas seguintes áreas: Psicologia, Pedagogia, Saúde, Informática, Direito, Cuidador de Idosos, Administração, Turismo, Comunicação Social e Engenharia.

Na área de Psicologia, que consiste o foco do projeto, as principais necessidades e que se constituíram como demandas foram: palestras e oficinas diversas (preparação para vida, drogas, planejamento familiar, doenças sexualmente transmissíveis, qualidade de vida, organização financeira pessoal e familiar, higiene pessoal, limite, respeito, valores, sexualidade, auto-imagem, auto-estima, violência e drogas); orientação profissional; atendimento a grupos terapêuticos e psicoterápicos (a crianças, adolescentes, adultos e idosos); ações comunitárias preventivas e educativas; orientações diversas a educadores e pais diante das dificuldades enfrentadas; atividades lúdicas e emancipatórias que contribuam para o desenvolvimento integral (cognitivo, motor e afetivo) das crianças e adolescentes, adultos e idosos fazendo-os construir autonomia moral, intelectual e social.

A partir da análise das necessidades das instituições e da comunidade local, partimos para a segunda etapa do projeto, que consistiu em atuações supervisionadas visando levar os alunos do curso de Psicologia, a desenvolver atividades comprometidas com a realidade local. Porém devido à aproximação do final de ano de 2005, várias instituições estavam realizando o fechamento das atividades e não se disponibilizaram naquele período para iniciarem as atuações propostas, mas solicitaram o início das atuações para o ano de 2006.

Mesmo não tendo concluído conforme previsto, devido à questão do limite do tempo e o fato de algumas instituições protelarem o agendamento das entrevistas ou mesmo desmarcaram, dificultando seguir o planejamento prévio que incluía a parte prática; a finalização do projeto nos possibilitou vislumbrar práticas de estágio para o entorno do campus I da Universidade, na área de psicologia comunitária com as seguintes propostas de atuações:

- Promover oficinas com crianças e adolescentes,
- Promover oficinas com os pais ou responsáveis,

-
- Promover oficinas que abordem os seguintes temas: preparação para vida, onde haja orientação sobre drogas, planejamento familiar, doenças sexualmente transmissíveis, e outros adaptados à comunidade,
 - Visitas de Alunos das Escolas de Ensino Médio à Universidade e Serviço de Psicologia para assistirem a palestras de orientação para a escolha profissional,
 - Divulgar para crianças, adolescentes adultos e idosos as atividades do Sábado com Arte que acontece na Universidade a fim de que a comunidade tenha acesso a atividades de educação, cultura e lazer,
 - Promover atividades lúdicas e emancipatórias que contribuam para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo das crianças e adolescentes, possibilitando autonomia moral, intelectual e social.
 - Orientar pais e educadores sobre desenvolvimento da criança,
 - E intervenções focais solicitadas pela comunidade

Os demais dados referentes às demandas dos outros cursos ministrados na Universidade serão encaminhadas aos coordenadores de curso e estágio de cada unidade.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas os pontos relevantes superam as dificuldades, sendo eles o diagnóstico das demandas e necessidades do entorno do campus I da Universidade Fumec, que até o momento não existia, a criação de uma frente de estágio na comunidade local e outro projeto de extensão universitária entre os cursos de psicologia e pedagogia, a fim de trabalhar as dificuldades na escrita e letramento de alunos do 1º, 2º e 3º ciclos das escolas municipais que manifestaram interesse e solicitaram parceria com a Universidade.

Acredita-se que com a implementação desses trabalhos estaremos contribuindo para a solidificação de uma verdadeira universidade comunitária, comprometida com a realidade social, integrando um espaço de trabalho teórico e prático, organizado e voltado para garantir a qualidade de vida e a dignidade humana às pessoas atingidas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS (Abruc/1995).

Os textos aqui apresentados, são de inteira responsabilidade de seus autores.

Apoio ao ProEx-Fumec



Realização



UNIVERSIDADE
FUMEC
40 Anos